

A NOBREZA RURAL PORTUENSE NOS SÉCULOS XI E XII

Nenhum medievalista ignora a importância das classes nobres para a história de todos os países da Europa ocidental até ao séc. xv. No entanto este assunto tem estado por estudar pelo que respeita à nobreza de Portugal, apesar de as fontes serem numerosas e de a tradição da sua importância se manter viva até à época moderna. Deve-se este facto em parte às deficientes publicações de fontes existentes entre nós, em parte ao estado em que chegaram até nós as fontes propriamente nobiliárquicas, os *livros de linhagens*, corrompidos por cópias sucessivas e de crítica textual difícil. No entanto o conhecimento exacto das relações familiares entre os principais ramos da nobreza fornece elementos tão importantes para a compreensão da nossa história medieval, em todos os seus aspectos, que merece a pena enfrentar as dificuldades e correr os riscos de alguns revezes. Tanto mais que os trabalhos de publicações de fontes durante os últimos anos começam já a tornar a base documental suficiente.

O nosso trabalho não deixa de ter precedentes. Refiro-me sobretudo aos artigos de A. de Almeida Fernandes, *Ação das linhagens no repovoamento e na fundação da nacionalidade*, publicados em separata da revista «Douro Litoral» (Porto, 1960). Este mesmo estudo tinha sido preparado por numerosos artigos anónimos da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Mas nem uns nem outros apresentam referências documentais suficientes, e falta-lhes por vezes precisão e clareza. No entanto prestaram-me grandes serviços ao confirmarem hipóteses por mim formuladas antes de os conhecer, e ao completarem os meus dados com outros que não tinha alcançado. Que o presente trabalho sirva, pois, de homenagem a este paciente investigador.

Antes de A. de Almeida Fernandes, já o Prof. Emilio Sáez tinha apresentado os esquemas genealógicos de várias famílias nobres galaico-portuguesas dos séc. ix e x¹. Embora não fornecesse todos os dados documentais em que se apoiara, o seu trabalho sobre *Los ascendientes de San Rosendo*, publicado depois, apresentava a justificação documental dos principais ramos da família de S. Rosendo com tal precisão científica, que não é lícito duvidar do bem fundado de tais esquemas. Foi este trabalho modelar que me serviu de exemplo. Ele mostrava quanto um empreendimento deste género podia ser fecundo.

Do mesmo modo que E. Sáez, também eu tinha uma intenção bem concreta ao tentar reconstituir as relações familiares de certas famílias portuguesas dos séculos xi e xii: encontrar uma base segura para conhecer a acção dos patronos sobre os mosteiros por eles protegidos, na diocese

¹ E. Sáez, *Notas al episcopologio mindaniense del siglo X*, «Hispania», 6 (1946), págs. 3-79.

do Porto, capítulo importante de uma tese a apresentar à Universidade de Lovaina. Esta intenção marca os limites e as deficiências dos esquemas genealógicos aqui apresentados, e será necessário que o leitor os tenha bem presentes para não se apoiar sobre eles inconsideradamente nem lhes pedir mais do que pretendem dar. A maneira mais prática de mostrar esses limites e deficiências será indicar o método seguido.

1. Isolou-se toda a documentação *publicada* que dizia respeito a bens fundiários situados dentro dos limites da diocese do Porto.
2. Juntou-se-lhe toda a documentação *inédita* proveniente dos mosteiros *benedictinos* da mesma diocese.
3. Fizeram-se fichas para cada personagem, indicando-se de cada vez as propriedades e relações familiares que os documentos lhes atribuíam, nas respectivas datas.
4. Fez-se uma segunda série de fichas para cada uma das *villae* mencionadas, com indicação dos respectivos proprietários.
5. Acrescentaram-se fichas remissivas a partir dos patronímicos.
6. Fizeram-se as identificação de personagens do mesmo nome à base do nome do cônjuge, das datas e das propriedades.
7. Estabeleceram-se os esquemas genealógicos à base destas indicações.
8. Completaram-se os esquemas assim obtidos por meio de conjecturas fundadas nos patronímicos, propriedades e datas, ou por meio das indicações dos livros de linhagens, sobretudo quando estes eram concordes entre si e não contradiziam a documentação da época.

É bem de ver que as principais deficiências do método provêm da escolha da documentação. Mas a limitação geográfica à diocese do Porto não trouxe apenas inconvenientes: se por um lado se podem encontrar em documentos de outras regiões referências para completar as lacunas dos da diocese, a redução da massa documental e a limitação da área facilitaram a tarefa sempre árdua das identificações. Mas a restrição aos documentos beneditinos trouxe inconvenientes mais graves, porque a nobreza rural da época patrocinava mosteiros de todas as observâncias e encontram-se certamente noutros cartórios muitas indicações que faltam nos beneditinos. É este facto que torna os meus esquemas menos seguros para a época posterior a 1115, do que para a que precede este ano.

Nestas condições, não pretendo impôr os resultados encontrados como nada de definitivo nem irreformável, muito pelo contrário. Destinam-se sobretudo a ser um ponto de partida e um estímulo para estudos futuros. Um estudo completo da nossa nobreza rural é empreendimento demasiado vasto para uma pessoa só, e conviria fazer trabalhos do mesmo género para outras épocas e regiões de Portugal. À medida que o seu número fosse aumentando os nossos conhecimentos tornar-se-iam mais vastos e mais exactos.

Os esquemas aqui apresentados, apesar das suas dúvidas e imperfeições, podem, desde já, servir de base para uma visão mais concreta da classe nobre portuguesa durante os séculos XI e XII. Com efeito, embora os parentescos sejam, por vezes, hipotéticos, há fortes probabilidades de que as pes-

soas que relacionei entre si sejam de facto da mesma família, e isto é suficiente para as considerações que se seguem.

As famílias estudadas pertencem os importantes senhores de Riba Douro, da Maia, de Baião e de Marnel, que eram considerados, pelo menos os dois primeiros, como *ricos-homens* no fim do séc. XII, ao passo que um membro dos senhores da Maia — os mais poderosos de todos em meados do séc. XI —, Mendo Gonçalves, é intitulado *infanção* num documento de 1059 (DC 421). Deu-se, portanto, uma ascensão social que só foi possível, em primeiro lugar com as mudanças dinásticas da casa de Astúrias e Leão para a de Navarra em 1037, e do condado portucalense, entregue ao conde D. Henrique em 1096; e em segundo lugar pela independência de Portugal. Com efeito, tanto os reis da casa de Navarra como os condes borgonheses se apoiaram nos nobres de segunda categoria e garantiram, por isso mesmo, a sua ascensão, com prejuízo dos descendentes dos antigos condes de Guimarães. No fim do séc. XI, estes mal se distinguiam dos outros membros da nobreza, apesar da sua origem social superior².

Temos assim uma nobreza em plena mutação. Este facto explica a formação tardia das linhagens nas famílias portuguesas. Com efeito, só algumas delas emergem do conjunto mais vasto da nobreza média, e só nestas, portanto tardiamente, é que se revela a tendência para copiar os costumes da família real e em particular a sucessão dinástica³. As outras continuam a reconhecer como «família» a que se lhes une por meio das esposas, quer do mesmo nível social, quer de nível mais alto: é maior a consciência da classe ou o desejo de subir do que a de pertencer a *tal* família. As linhagens da nobreza rural nortenha só começarão a distinguir-se claramente umas das outras quando aparecerem as honras, os solares e os nomes de família, no fim do séc. XII e princípios do seguinte.

Que os esquemas aqui apresentados, sob os títulos de determinadas famílias, inspirados nos livros de linhagens e ordenados segundo uma estrutura agnática, não enganem, portanto, os leitores. Esta apresentação resulta de uma necessidade de ordem, mas não dá conta do panorama encontrado nos documentos coevos. Aqui raramente aparecem designações de classes e nomes de famílias; nas confirmações vem-se misturados os *cognati* e os *agnati* dos personagens em causa. É precisamente destas circunstâncias que resulta a dificuldade de identificar pessoas do mesmo nome e de estabelecer relações familiares.

Se a consistência da classe nobre durante esta época parece ainda fraca, já não sucede o mesmo no século seguinte. A partir de certa altura vai-se formando entre os nobres uma resistência mais ou menos aberta para com

² Estas afirmações encontram-se justificadas com grande número de factos e citações documentais na minha tese, *Le monachisme ibérique et Cluny. Les monastères du diocèse de Porto de l'an mille à 1200*, Louvain, 1968, págs. 72-97.

³ A influência das transformações dinásticas sobre as mutações da nobreza é posta em relevo por L. GENICOT, *La noblesse dans la société médiévale. A propos des dernières études relatives aux terres de l'Empire*, «Le Moyen Âge» (1965), págs. 551-552; a influência do exemplo real sobre a evolução da estrutura cognática para a agnática e portanto sobre a formação das linhagens é sublinhada por G. TELLENBACH, *Zur Erforschung des mittelalterlichen Adels (9.-12. Jahrhundert)*, «XII^e Congrès International des Sciences Historiques». Rapports. I: Grands thèmes, Wien, 1965, págs. 324-326.

o rei, e esta rivalidade mostra que a classe vai precisando os seus contornos como grupo social. Além das revoltas e escaramuças que os nossos primeiros reis, desde D. Sancho I, tiveram de combater, dão conta de tal rivalidade as anedotas depreciativas para D. Afonso Henriques e outros reis, relatadas nos livros de linhagens⁴ e outros escritos⁵ que tudo indica terem nascido no mesmo meio monástico-solarengo do Entre-Douro-e-Minho, durante os séculos XIII e XIV. Estes escritos contrastam fortemente com as fontes analísticas de carácter apologético, tais como os *Annales D. Alfonsi Portugallensium regis*, que sem dúvida foram escritos num meio dedicado ao monarca⁶.

Mas estas considerações e sugestões são talvez demasiado precoces, e estão certamente para além dos meus propósitos. Precisariam de se apoiar sobre as fontes jurídicas. Que sirvam, todavia, de estímulo a investigadores especializados. A mim competia apenas fornecer-lhes os elementos positivos colhidos para outros fins, mas cujo interesse ultrapassa o âmbito restrito da história monástica.

⁴ P. ex. os combates de Martim Sanches com D. Afonso II; ver também no *Nobiliário* t. 37 [SS 325] o episódio passado com Fernão Mendes de Bragança (cf. o texto de *L. Velho* I, 92 e ib. 97); a anedota acerca de D. Afonso Henriques e da mulher de Gonçalo Mendes de Sousa: *L. Velho* III 24.

⁵ A «Lenda de D. Afonso Henriques», nos vestígios conservados pela *Crónica de vinte reis* (ed. L. F. LINDLEY CINTRA, *Crónica Geral de Espanha de 1344* [Lisboa 1951], págs. CDLXXVII-CDLXXVIII), e a lenda de Egas Moniz nos vestígios conservados pela *Crónica Geral de 1344* (ib., págs. CDLXXIX-CDLXXX).

⁶ Ver Monica BLÖCKER-WALTER, *Alfons I. von Portugal. Studien zu Geschichte und Sage des Begründers des portugiesischen Unabhängigkeit*, Zürich, 1966, págs. 148-150.

ABREVIATURAS EMPREGADAS

SIGLAS

- ant. — antes de
c. — cerca de
c/c — casado(a) com
conf. — confirma ou confirmação
ts. — testemunha
† — falecido em
APV — *Annales portucalenses veteres* (ed. P. DAVID, *Études historiques*, Lisbonne, 1947, pp. 291-312)

FONTES

- Censual* — *Censual do cabido da Sé do Porto*, Porto 1924.
Dissertações — J. P. RIBEIRO, *Dissertações chronologicas e criticas*, Lisboa, 1810 e ss., 5 vols.
DP — *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Particulares* III, Lisboa, 1940.
DC — *Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et Chartae*, Lisboa, 1867.
DR — *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios* I (ed. R. DE AZEVEDO, Lisboa, 1958-1961).
ES — E. FLÓREZ & M. RISCO, *España Sagrada*, Madrid, 1747 e ss.
Index de Paço de Sousa. — *Index dos documentos do arquivo do Mosteiro de Paço de Sousa... por Fr. Antonio da Assunção Meireles, ... 1799* (ed. A. PIMENTA, Lisboa, 1940).
Index de Santo Tirso. — *Index do cartorio deste mosteiro de S. Thirso... 1774* (Arquivo Distrital de Porto, Santo Tirso, cód. 272).
Inq. — *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones* I, Lisboa, 1888 e ss.
LF — *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae* (ed. A. DE J. DA COSTA, Braga, 1965), I vol. publicado.
L. Test. — *Liber Testamentorum* do mosteiro de Paço de Sousa (Arquivo Distrital do Porto, Paço de Sousa, cód. 79).
L. Velho I — *Livros de linhagens. Livro Velho 1* (ed. do Gabinete de Estudos Heráldicos e Genealógicos, Lisboa, 1961).
L. Velho II — *Livros de linhagens. Livro Velho 2* (id., Lisboa, 1961).
L. Velho III — *Livros de linhagens. Livro Velho 3* (id., Lisboa, 1962).
Nobiliário — *Livro das linhagens do Conde D. Pedro* (ed. dos *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores* 230-389).
Papsturkunden — C. ERDMANN, *Papsturkunden in Portugal*, Berlin, 1927.
SS — *Portugaliae monumenta historica. Scriptores*, Lisboa, 1856.
Sta. Cruz — Ms. com cópia de vários documentos inéditos no Arquivo da Universidade de Coimbra, Santa Cruz, maço 194.

TRABALHOS

- A. DE AZEVEDO, *A terra da Maia*, Porto, 1939.
L. G. DE AZEVEDO, *História de Portugal* (ed. Domingos Mauricio Gomes dos Santos) II, Lisboa, 1939; III, Lisboa, 1940.

- A. DE J. DA COSTA, *O bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*, II, Coimbra, 1960.
 A. CRUZ, *Breve estudo dos manuscritos de João Pedro Ribeiro*, Coimbra, 1938.
 A. DE ALMEIDA FERNANDES, *Ação das linhagens no repovoamento e na fundação da nacionalidade*, Porto, 1960, Sep. de «Douro Litoral», III (1959).
 Id. *Arouca na Idade Média pré-nacional*, «Arquivo do Distrito de Aveiro», 30 (1964), 31 (1965), 32 (1966).
 Id. *Do Porto veio Portugal*, Porto 1965, Sep. de «O tripeiro», 6.ª sér., III e IV.
 António da Assunção MEIRELES, *Memórias do mosteiro de Paço de Sousa*, ed. A. PIMENTA, Lisboa, 1942.
 E. SÁEZ, *Notas al episcopologio minduniense del siglo X*, «Hispania», 6 (1946), págs. 3-79.
 A. C. DE SOUSA, *Provas da história genealógica da casa real portuguesa*, III-II, Coimbra, 2.ª ed., 1950.

Citações de documentos inéditos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (TT): Os documentos citados pertencem ao fundo *Corporações Religiosas* do compartimento 16. Estão classificados pelos nomes dos mosteiros a que pertenciam, por maços, e por ordem cronológica. Aqui citamo-los apenas com o nome do mosteiro, um número romano para designar o maço, e um número árabe para designar o documento. Exceptua-se o fundo de Arouca cujos documentos tinham uma numeração seguida no momento em que os consultámos.

CONVENÇÕES DOS ESQUEMAS GENEALÓGICOS

—————	Parentesco certo
— — — — —	Parentesco provável
- - - - -	Parentesco hipotético
— . — . — . —	Parentesco que só consta dos Livros de linhagens
[PINIOLIZ]	Nome deduzido ou conjetural
«SAIDO»	Alcunha ou cognome
=	Casamento certo
[=]	Casamento deduzido ou conjetural
≈	Casamento que só consta dos livros de linhagens
[1035]	Data deduzida ou conjetural
† 1117	Data da morte
	Procurar os ascendentes ou descendentes no esquema genealógico aqui indicado.
III B	

N.B. As datas extremas indicadas para cada personagem, tanto no texto como nos esquemas genealógicos, limitam o período durante a qual ela figura nos documentos; não representam o nascimento e a morte, a não ser, para a segunda, quando é precedida de uma cruz.

I. Descendentes de Galindo Gonçalves

A. GALINDO GONÇALVES (933-c. 995), c/c Vistregia (938).

933: conf. na região de Matosinhos (*Sta. Cruz* 194 r); 938: patrono da igreja de S. Mamede (DC 46). Talvez se possa identificar com o nobre Galindo que apoiou o conde Gonçalo Mendes na revolta contra Bermudo III, c. 987-997 (ES XXIII, 1767, 315-316).

Propriedades: igreja de S. Mamede (DC 46), Pousadela (DC 248). Será o mesmo que tinha uma *villa* em Merelim (Braga) e que veio a ficar para Pedro Galindes e Mendo Galindes (LF 113 de 1082)?.

Mulher: Vistregia (938) (DC 46, 248).

Filhos: 1. Vistregia (980-1033): *Sta. Cruz* 134 v, DC 281. Segue em III B.

2. Patrina: porque sua filha Unisco Mendes (filha de Patrina) tem por avós Galindo e Vistregia de um lado, Trastalo de outro (DC 222, 248); sabemos que Trastalo foi c/c Froila Enuguiz; portanto seus pais chamavam-se Patrina Galindes e Mendo Forjaz ou Patrina Forjaz e Mendo Galindes. Ora não aparece nenhuma referência a estes dois últimos nomes, ao passo que há um ts. «Patre Galindiz» em 1009 (DC 210). Segue em II B.

3. Trutesendo (provável): os argumentos para esta filiação são o patronímico, o ter vivido pouco depois de Galindo Gonçalves e sua filha Vivili possuir a igreja de S. Mamede de Canelas (DC 226), pertencente a Galindo (DC 46). SEGUE.

B. TRUTESENDO GALINDES (994-c. 1004), c/c Anímia (994).

994: proprietário e fundador do mosteiro de Paço de Sousa (DC 169); c. 1004: toma parte num julgamento na v. *Recarei* (*Sta. Cruz* 197 r).

Propriedades: Mosteiro de Paço de Sousa (DC 169), Valpedre (DC 662), Galegos (*L. Test.* 17 r).

Mulher: Anímia, 994 (DC 169).

Filhos: 1. Pedro (?), segundo o *L. Velho I*, 44 e o *Nobiliário*, t. 42, pág. 335. Todavia esta fonte não é totalmente segura porque não se lhe encontram referências documentais. SEGUE.

2. Vivili: *L. Test.* 17 r. C/c Ermígio Aboazar.

1015: patrona da igreja de S. Mamede de Canelas (DC 226). Propriedades: igreja de S. Mamede de Canelas (DC 226), Parada (c. Paredes: DC 498), Galegos (*L. Test.* 17 r).

Marido: Ermígio, porque tem uma filha de patronímico Ermiges: *L. Test.* 17 r, DC 498. Segundo o *Nobiliário* t. 36 págs. 316 é Ermígio, filho de Aboazar [Lovesendes].

Filha: Toda: *L. Test.* 17 r, DC 498, *Nobiliário*, l. c. Ver a descendência que teve do primeiro marido, Egas Moniz, em IV B; e do segundo marido,

segundo o *Nobiliário* seu tio Pedro Trutesendes, em I C. cf. *Index de Paço de Sousa* 580.

3. Soeiro († ant. 1086): DC 662. Foi proprietário de Valpedre, e teve uma filha, Sarracina Soares. Esta c/c Florencio e foi mãe de Maiorina Florenciz, devota, proprietária igualmente da igreja de Valpedre (DC 650, 662) e c/c Egas Moniz, filho de Mónio Viegas, conforme a hipótese apresentada em IV C'

4. Ero, pai de Anímia Eriz (1086-1120) c/c Fromarico Moniz, porque o nome de Anímia, sua mãe, se repete na família. Ver V A.

C. PEDRO TRUTESENDES c/c Toda Ermiges (?) (1044-1071).

Não consta dos documentos. Mas a verdade é que os descendentes que lhe são indicados pelo *L. Velho* I 59; II 45 e *Nobiliário*, t. 42, pág. 315, estão bem documentados, como se verá em seguida.

Mulher: Toda Ermiges, sua sobrinha, segundo os livros de linhagens, l.c., depois de ter enviuvado de Egas Moniz (IV B). Com efeito, se se acreditar no epitáfio de Egas Moniz em Vila Boa do Bispo, este teria morrido em 1022, e Toda Ermiges vive ainda em 1071 (DC 498); além disso o seu filho Paio Peres, indicado pelos livros de linhagens, está relacionado ao mesmo tempo com o mosteiro de Paço de Sousa (nesta hipótese fundado pelo avô paterno e bisavô materno) e com o de Santo Tirso (fundado por outro bisavô materno). Efectivamente, Paio Peres aparece num documento de Santo Tirso como descendente de Ermígio Aboazar (A. C. de SOUSA, *Provas* III-II, 121). As dificuldades cronológicas apresentadas por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 47, nota 102, não são insuperáveis: Toda Ermiges podia e devia ser bastante nova em 1022, ao morrer o primeiro marido, embora tivesse já seis filhos (*L. Test* 17 r), porque ainda era viva em 1071 (DC 498). Não é portanto impossível que tivesse um filho vivo em 1110 (DP 351). Apesar de não haver documentação sobre Pedro Trutesendes, mesmo que seu pai tivesse morrido em 1005, podia em 1025 ter 30 anos e gerar um filho que em 1110 teria 85 anos. Nestas condições, admitimos como possível o testemunho dos livros de linhagens.

Filhos: Paio: *L. Velho* I, 59, 74; II, 45; *Nobiliário*, t. 42, pág. 335, confirmados por A. C. de SOUSA, *Provas*, III-II, 121, conforme dissémos acima. SEGUE.

D. PAIO PERES «ROMEU» (1090-1110), c/c Godo Soares (1099-1133).

1090: vende uma propriedade em *Penelina* (DC 742); 1092: patrono do mosteiro de Santo Tirso: A. C. de SOUSA, *Provas* III-II, 121; 1092: governador de [Anegia] (DC 786); 1095: ts. na região de Santa Maria (DC 823); 1097: conf. uma venda em Lavadores (DC 855), compra uma herdade em Guilhufe (Penafiel) (DC 844); 1099: compra uma propriedade em Vimieiro (DC 910); 1105: dá muitas propriedades ao mosteiro de Paço de Sousa (DP 179); 1110: dá uma herdade em Vimieiro ao mosteiro de Pendorada (DP 351).

Propriedades: *Penelina* (DC 742), Guilhufe (DC 844), Complentes, S. Miguel de Entre os Rios, Cova, S. Paio de Portela, Figueira, Lagares,

des, em I C. cf. *Index de Paço*

roprietário de Valpedre, e teve
cio e foi mãe de Maiorina Flo-
reja de Valpedre (DC 650, 662)
onforme a hipótese apresentada

c/c Fromarico Moniz, porque
mília. Ver V A.

?) (1044-1071).
dade é que os descendentes que
Nobiliário, t. 42, pág. 315, estão
ida.

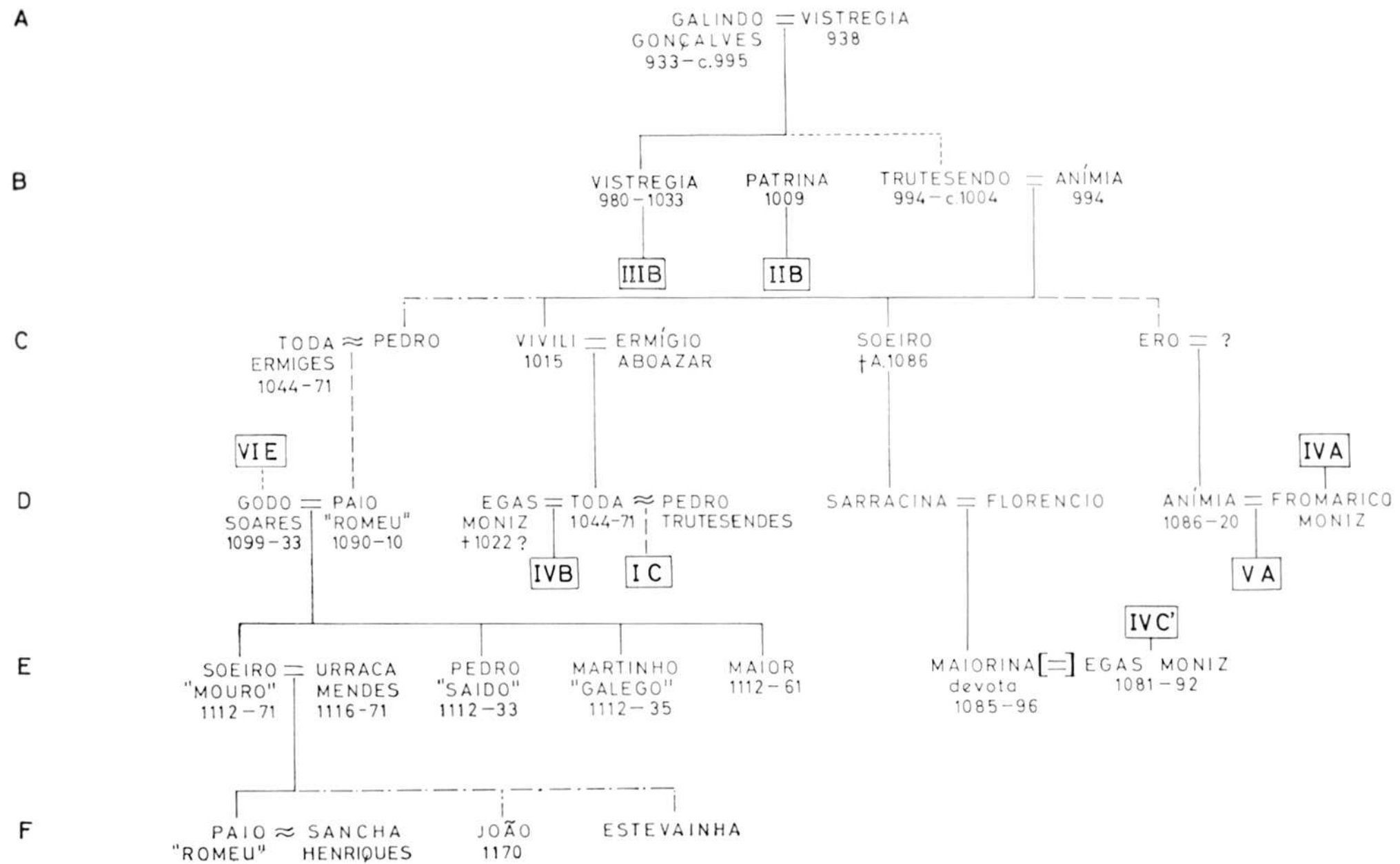
segundo os livros de linhagens,
(IV B). Com efeito, se se acre-
a do Bispo, este teria morrido
71 (DC 498); além disso o seu
agens, está relacionado ao mes-
a (nesta hipótese fundado pelo
anto Tirso (fundado por outro
s aparece num documento de
boazar (A. C. de SOUSA, *Provas*
resentadas por A. FERNANDES,
ão insuperáveis: Toda Ermiges
ao morrer o primeiro marido,
porque ainda era viva em 1071
ivesse um filho vivo em 1110
ção sobre Pedro Trutesendes,
podia em 1025 ter 30 anos e
Nestas condições, admitimos
linhagens.

Nobiliário, t. 42, pág. 335, con-
121, conforme dissémos acima.

Godo Soares (1099-1133).
lina (DC 742); 1092: patrono
Provas III-II, 121; 1092: gover-
gião de Santa Maria (DC 823);
355), compra uma herdade em
uma propriedade em Vimieiro
o mosteiro de Paço de Sousa
iro ao mosteiro de Pendorada.

hufe (DC 844), Complentes,
de Portela, Figueira, Lagares,

ESQUEMA GENEALOGICO I



Ermegilde, Pinheiro, Lardosa, S. Salvador de Galegos, S. Pedro de Abração (DP 179), Vimieiro (DC 910; DP 179, 351), S. Marcelo de Vila Cova de Ver de Aviz (DP 179; cf. DP 256).

Mulher: Godo Soares (1099-1133), filha de Soeiro Mendes da Maia (cf. VI E) segundo o *L. Velho* I 59; II 45; *Nobiliário*, t. 42 pág. 335. Citada como mulher de Paio Peres em 1099 e 1110 (DC 910; DP 351); sòsinha em 1112 e 1133 (DP 396; TT Pendorada VIII 6).

Filhos: Soeiro, Pedro, Martinho, Maior: DP 396.

1. Soeiro: SEGUE.

2. Pedro «Saído» (1132-1133)

Propriedades em Quintela (Sinfães) em 1132 (*L. Test.* 12 v-13 r). Citado também em 1133 com sua mãe Godo Soares (TT Pendorada VIII 6). O seu nome aparece bastantes vezes em documentos de Paço de Sousa e de Pendorada, mas não é fácil distingui-lo dos seus homónimos que habitavam na mesma época e região, como Pedro Pais, filho de Paio Sisnandes, 1122 (TT Pendorada VI 14); filho de Toda Odores, 1133 (TT Pendorada VIII 5); filho de Paio Garcia e Dórdia Garcia, 1160 (MEIRELES, *Paço de Sousa* doc. 3); Pedro Pais «Katon», 1167 (TT Pendorada X 39). O *L. Velho* II 45 troca as alcunhas deste e de seu irmão, chamando-lhes respectivamente Pero Pais «Galego» e Martim Pais «Caído». Segundo esta mesma fonte morreu sem descendentes.

3. Martinho «Galego» (1112-1135).

Propriedades em Fonte Arcada, que dá a Paço de Sousa em 1135 (*L. Test.* 13 r). Segundo o *L. Velho* II 45, morreu sem descendentes.

4. Maior (1112-1161).

Propriedades em Ribaçais, que dá a Paço de Sousa em 1161 (*L. Test.* 13 r). Segundo o *L. Velho* I 62, c/c Gomes Mendes Gedeão, e segundo o *L. Velho* II 45, 47, c/c Egas Bufo.

E. SOEIRO PAIS «MOURO» (1130-1171), c/c Urraca Mendes (1146-1171).

1130: conf. uma doação real em Penhalonga (DR 108); 1146: dá carta de arras a sua mulher: TT Rio Tinto II 10.

Propriedades: Sobrado de Paiva, S. Julião, Godim, Paços, Real, Manhuncelos, Beleco, Fontelas, Rio Mau (TT Rio Tinto II 10), Castro, Casal Perro (*L. Test.* 13 r-v), Figueira, Rio Mau, Pinheiro, Vilela, Vila Estoi, Soutelo, Argivai (ib.), Paradelá (TT Pendorada VIII 10), *Vigidi* (TT Pendorada VIII 23), Fornos (TT Pendorada IX 40), Vila Nova, Cadeira, Paço (TT Arouca 188 de 1169).

Mulher: Urraca Mendes (1146-1171): Urraca Mendes de Bragança, viúva de Diogo Gonçalves de Cete, segundo o *L. Velho* I 59; II 45; *Nobiliário*, t. 44. Citada nos seguintes documentos: TT Rio Tinto II 10; TT Pendorada VIII 10, 23; IX 35; *L. Test.* 50 r-v. Cf. XI G.

Filhos: 1. Paio, segundo o *L. Test.* 50 r-v e o *L. Velho* I 59; II 45. SEGUE.

2. João (1170?), segundo o *L. Velho* I e II, ib. Provavelmente o mesmo que em 1170 dá a Paço de Sousa uma herdade em Pedorido (*L. Test.* 55 r.)

3. Estevainha, segundo o *L. Velho* I e II ib., ou Cristina, segundo o *Nobiliário*, t. 42, pág. 336.

F. PAIO SOARES «ROMEU» (1177), c/c Sancha Henriques de Portocarreiro. Propriedades: Pinheiro, Vilela, Vila Estoi, Soutelo, Argivai (*L. Test.* 50 r-v).

Mulher: Sancha Henriques de Portocarreiro, indicada apenas pelos livros de linhagens: I 60; II 46; *Nobiliário*, t. 42, pág. 336. As mesmas fontes dão-lhe como filhos Gonçalo e Maior.

II. Descendentes de Osoredo Trutesendes

A. OSOREDO TRUTESENDES (876-930)

Citado num documento de 876, em que se repartem vários servos. No mesmo documento segue-se a repartição dos descendentes dos mesmos servos pelos seus três filhos Absalão, Trutesendo e Vistraios, em 930; portanto deve ter morrido nesta data ou pouco antes (*Sta. Cruz* 196 r). Destes filhos só temos notícia do segundo, que segue.

B. TRUTESENDO OSOREDES (924-995), c/c Unisco Mendes (986-1032)

924: ts. em Coimbra (DC 28); 994: ts. em Gondomar (DC 170). Propriedades: Aldoar (DC 156, 159 de 989, 990), Sevilhão (DC 173 de 995), Guilhabreu (DC 151 de 986). Em 990 teve uma questão com Trutesendo Guimires acerca de bens em *Freixeno* e *Nanda*, vindo a perdê-la. Neste doc. aparecem seus coherdeiros: Amarelo e irmã Emesenda, Astrueto c/c Sicilo e Godo (*Sta. Cruz* 184 v-185 r).

Mulher: Unisco Mendes (986-1032), que desde 1004 se intitula *devota*. Citada em DC 151, 156, 159, 173. Era filha de Patrina Galindes e de Mendo Forjaz (ver I A). Este último era filho de Froia Eneguíz e de Trastina «Trastalo», esposos sobre os quais se pode ver a seguinte documentação: DC 60, 86, 119, 160, 164, dos anos 950-991. Cf. DC 222. Propriedades, herdadas de seus pais e do marido, em Várzea, Gondivai, Pedrouços, Cristelo, *Vilar de Vizoi*, igreja de Aldoar, mosteiros de Leça e de Vermoim: DC 193, 213, 222, 224, 228, 246, 248, 258, 273, 311, 316.

Filhos: 1. Osoredo I. A existência deste filho não é totalmente segura; mas supô-la parece ser o único meio de explicar o importante lugar reservado às confirmações dos filhos de Osoredo e de Domítia ao DC 222 (sobre a data deste documento, ver J. MATTOSO, *Le monachisme ibérique et Cluny* págs. 13-14). Este Osoredo não se deveria confundir com outro do mesmo nome e patronímico, filho de Unisco Mendes e de Trutesendo Osoredes e falecido sem descendência segundo declaração expressa de DC 222 (confirmada pelo DC 248). A possibilidade de Unisco Mendes ter podido dispor de todos os seus bens explicar-se-ia facilmente, supondo que este Osoredo I teria nascido de um primeiro matrimónio de seu pai. Este, com efeito, apesar de ter nascido antes de 924, só aparece casado com Unisco Mendes em 986, como já vimos. Sendo assim, SEGUE.

2. Osoredo II (1004-1016). Aparece ou é mencionado em quase todos os documentos que dizem respeito a sua mãe, depois de ter enviuvado. Além

deles, ver: DC 209, 288, 311, 316. Morreu sem descendentes (DC 222; cf. DC 248).

3. Patrina († ant. 1021): DC 248.

C. OSOREDO TRUTESENDES († ant. [1035]), c/c Domítia (974-991).

Não temos sobre ele referências directas, mas apenas sobre os seus filhos, segundo a hipótese apresentada acima.

Mulher: Domítia (974-991): DC 222. Como este nome é raro, podemos atribuir à mesma pessoa todas as referências a este nome que aparecem na mesma época e na mesma região, apesar de faltarem outros indícios. Sendo assim deve ser a mesma Domítia, a patrona do mosteiro de Vairão em 974 e 991 (DC 112, 163), que tem os seguintes filhos (que confirmam o DC 222).

Filhos: 1. Ximena [1035]: DC 222.

2. Froila (990-[1035]): DC 222, porque confirma o mesmo documento a seguir a Ximena e tem o patronímico Osoredes. SEGUE.

3. Donadili [1035]: filiação hipotética. Baseia-se em confirmar o mesmo documento depois de Froila e em ter um filho chamado Osoredo; mas não se lhe cita expressamente o patronímico.

D. FROIA OSOREDES (990-[1035]), c/c Ausenda Eriz [1035].

Assiste a dois julgamentos na região da Maia em 990 (*Sta. Cruz* 184 v) e 1011 (DC 216). Conf. a doação de Unisco Mendes a Leça em [1035] (DC 222).

Mulher: Ausenda (DC 222); o patronímico é-lhe indicado no DC 384, acerca das questões dos filhos de Froia Osoredes com o irmão de Ausenda, Egas Eriz «Iala». Ver IX A.

Filhos: 1. Pala devota (1032-1064), segundo se depreende de *Sta. Cruz* 196 r, a já citada lista dos servos pertencentes aos filhos de Osoredo Trutesendes, que foi copiada em 1032, estando na posse de D. Pala, filha de Froia e Ausenda. É a mesma que edificou o mosteiro de Vairão em 1035, segundo uma célebre inscrição lapidar (A. de MATOS, *Dois estudos*, Porto, 1943, pág. 27), e que foi nomeada «defensora» do mosteiro de Leça pelo abade Tudeildo em 1040 (DC 311), contra Odório Forjaz, que deve ser o seu próprio irmão. Foi proprietária em Macieira, que vendeu ant. 1050 (DC 378), da igreja de Vermoim e do mosteiro de Vairão (DC 440 de 1064). Ignoramos se se poderá identificar com Pala, c/c Zalama Arianiz (DC 478 de 1069). Nesse caso teria uma filha, Godinha, c/c Diogo Donaniz (DC 478, 706), provavelmente neto de outro indivíduo do mesmo nome, que aparece nos documentos de Moreira em 990-1014 (*Sta. Cruz* 153 r, 184 v, 196 v, 197 r-v; DC 174, 197). Diogo Donaniz II viveu por 1037-1069 (DC 296, 396, 472, 478; DP 110) e era proprietário do mosteiro de Moreira (DC 478). Assim se explicaria que apareçam em Moreira vários documentos sobre os ascendentes de Pala Forjaz, em particular a lista de servos já referida.

2. Odório (1040): hipótese fundada no facto de pretender usurpar o mosteiro de Leça, deixado ao abade Tudeildo pela mulher de seu [bisavô] Trutesendo Osoredes (DC 311; cf. DC 222).

3. Farégia: filiação hipotética. Farégia era c/c Toderedo Fromariques

«Cid», pai de Ausenda Todereiz, como se verá em seguida. Ora Ausenda herda os mosteiros de Vairão e de Santo Tirso, conforme se verá também mais abaixo. Como só podia ter recebido o de Santo Tirso de seu pai (ver VI A), devia ter herdado o de Vairão de sua mãe; com efeito estes dois mosteiros não aparecem nas mãos da mesma família antes da época em que viveu. A nossa hipótese pode ser confirmada pelo facto de D. Pala ter nomeado Toderedo Fromariques (neste caso seu cunhado), na defesa de Leça contra seu [irmão] Odório (DC 311). Neste caso, SEGUE.

E. FAREGIA [FORJAZ] (1069), c/c Toderedo Fromariques «Cid» (1040-1070).

É mencionada apenas num documento de 1069, como mulher de *Tosario* Fromariques (DC 483).

Marido: Toderedo Fromariques «Cid» (1040-1070). Representantes de Pala Forjaz, sua [cunhada], em defesa do mosteiro de Leça contra Odório Forjaz, 1040 (DC 311). O seu nome aparece sob a forma Tosario e Torsario (sem dúvida variantes de Todario ou Toderedo) como proprietário em Mindelo e Retorta (DC 483, 495). Provavelmente identifica-se também com D. Toure Çarnão ou Touriz Sarna que, segundo o *L. Velho* I 96 e o *Nobiliário*, t. 41, pág. 333, «edificou» o mosteiro de Vairão. Esta edificação é talvez a mesma a que se refere a lápida já citada a propósito de D. Pala. Se era cunhado desta, é natural que também tivesse contribuído para as obras com os seus bens. No esquema da família da Maia apresentarei a hipótese de se identificar com Trutesendo Aboazar c/c Vistregia, que viveu em 1036. Nesse caso, além dos que se indicam a seguir teria outra filha, Aníma. Ver VI A.

Filhos: 1. Ausenda: por causa do patronímico, por o seu nome ser frequente nesta família e por ter uma filha, Pala Nunes, que é patrona do mosteiro de Vairão. SEGUE.

2. Alvito: hipótese fundada no facto de ter o patronímico Toereiz e de ser proprietário em Rial antes de 1139 (TT Vairão I 29).

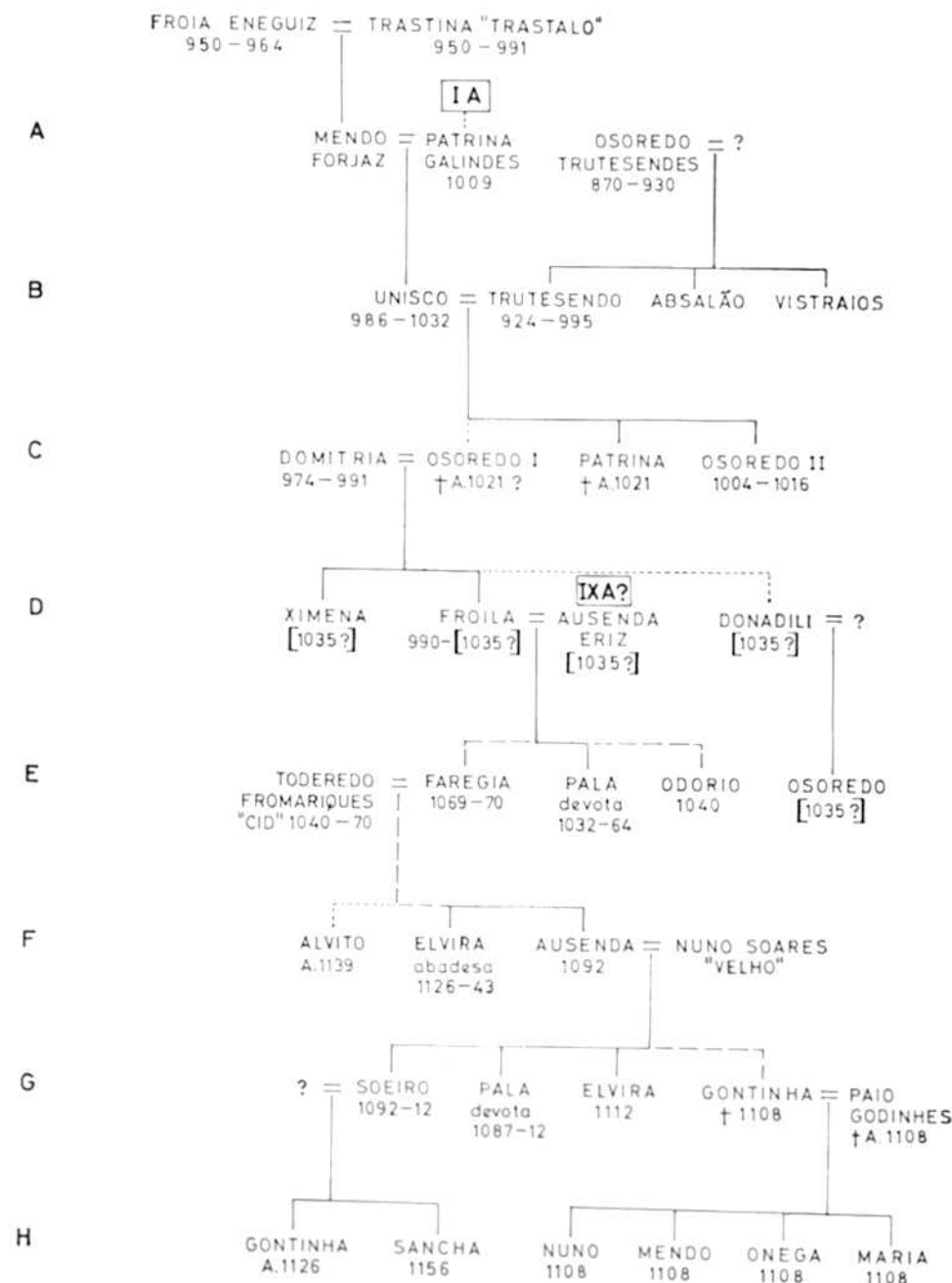
3. Elvira, segundo o *L. Velho* I 96 e o *Nobiliário* t. 41 pág. 333, se está certa a identificação de Toderedo Fromariques com D. Toure Çarna. Efectivamente, chamou-se Elvira *Tioreis* ou *Toerei* a primeira abadessa conhecida do mosteiro de Vairão (1126-1143) (TT Vairão I 21, 31; DR 185, 198). Todavia os livros de linhagens confundem-na com sua irmã Ausenda ao dizerem que casou com Nuno Soares «Velho».

F. AUSENDA TODEREIS (1092), c/c Nuno Soares «Velho».

O facto de ter casado com Nuno Soares «Velho» deduz-se da comparação do documento publicado por A. C. de SOUSA, *Provas III-II*, pág. 122 (Adesinda Todereis & filius eius Suário Nunes, & Domina Palla Deo Vota), com outro publicado na ES, XX, págs. 250-253 (cit. por A. FERNANDES, *Como nasceu Viana*, págs. 15-16). Esta Ausenda Todereis era portanto patrona de Santo Tirso e descendia de Cid Aboazar, sem dúvida por intermédio de seu avós paternos. Ver VI A.

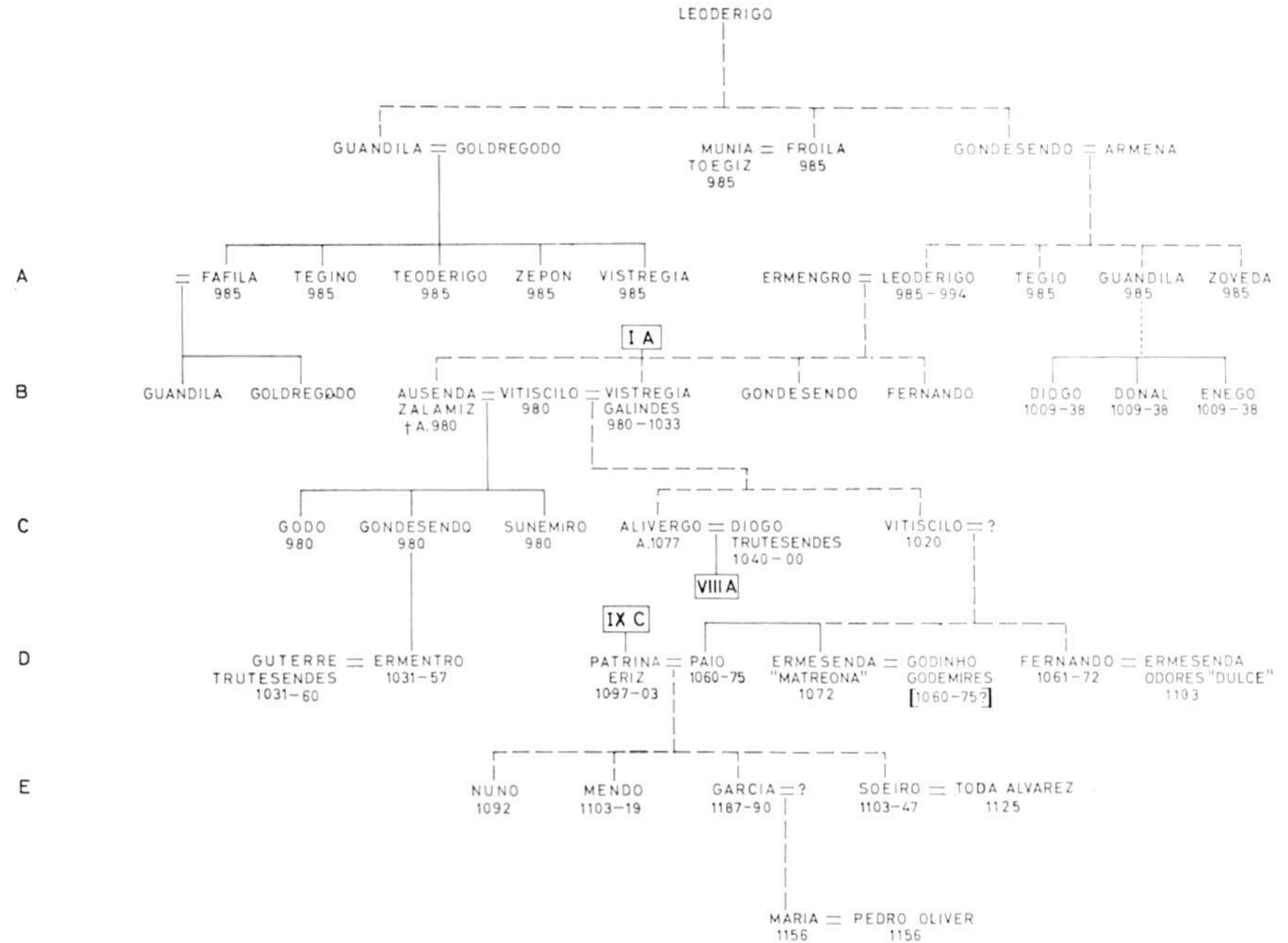
ESQUEMA GENEALOGICO

II



ESQUEMA GENEALOGICO

III



Filhos: 1. Soeiro: A. C. de SOUSA, l.c.; ES, l.c.; *L. Velho* I 96; *Nobiliário*, t. 41, pág. 333. SEGUE.

2. Pala devota (1087-1112): A. C. de SOUSA, l.c.; ES, l.c. Confirma um documento em S. Romão do Neiva em 1087 (DC 680), foi patrona do mosteiro de Santo Tirso em 1092 (A. C. de SOUSA, l.c.), proprietária de Pindelo em 1110 (DP 359), da igreja da Vinha em 1112 (ES, l.c.); de um casal em Fornelos (Barcelos) que deu à Sé' de Braga em 1112: DP 408.

3. Elvira (1112): ES, l.c.

4. Gontinha († 1108): porque tem o mesmo patronímico, propriedades na mesma região, está relacionada com o mosteiro de Vairão e tem um filho chamado Nuno como o [avô]. Sendo assim, foi c/c Paio Godinhes e teve por filhos Nuno, Mendo, Doroteia, Onega e Maria (DP 269 de 1108).

G. SOEIRO NUNES (1092-1112).

Foi patrono do mosteiro de Santo Tirso em 1092 (A. C. de SOUSA, l.c.) e teve propriedades em Tresval ant. de 1126 e de 1156 (TT Vairão I 21; II 9). O *L. Velho* I 96 e o *Nobiliário*, t. 41, pág. 333 estão neste ponto deturpados: dão-lhe por mulher Aldonça Nunes, e pouco adiante Teresa Anes de Penela. Como este último passo parece menos corrompido, talvez se possa aceitar o seu testemunho. Todavia nenhum dos filhos aqui indicados coincide com as duas que se lhe conhecem pelos documentos: Gontinha, ant. 1126 (TT Vairão I 21) e Sancha 1156 (Ib. II 9).

III. Descendentes de Leoderigo Gondesendes

A. LEODERIGO GONDESENDES (985-994), c/c Ermengro (994).

É provavelmente um dos beneficiários da doação de numerosas propriedades na região de Paredes e Gondomar em 985 (*Abulín*, Ferreira, Besteiros, *Feberos*, Escariz, *Pardelos*, Rosém, S. João da Foz do Sousa, Paradelas, Pera), aparecendo neste documento como patrono do mosteiro de Cete (DC 146). Através das personagens aqui citadas, e que confirmam o acto, parece deduzir-se que o doador, Froila Leoderigues (c/c Monia, filha de Togo e de Lourenza) é tio de Leoderigo Gondesendes (o seu pai chamar-se-ia, portanto, Gondesendo Leoderiques c/c Armena) e ainda tio de Fáfila, Tegino, Toderi[go], Zepon e Vistrégia, todos de patronímico Guandilaz e filhos de Goldregodo (portanto o pai destes chamar-se-ia, decerto, Guandila Leoderigues, c/c Goldregodo). Antes de passarmos aos filhos de Leoderigo Gondesendes, digamos ainda que um destes seus [primos], Fáfila Guandilaz, teve pelo menos dois filhos, Guandila e Goldregodo, proprietários em Escariz antes de 1077 (DC 542). E ainda, que devem ser irmãos de Leoderigo Gondesendes três pessoas com o mesmo patronímico que também figuram no DC 146 de 985: Tegino, Guandila e Zoveda. Do segundo destes irmãos são talvez filhos Diogo, Donal e Enego Guandilaz, que confirmam vários documentos na região da Maia em 1009 e 1037-1039 (DC 208, 210, 295, 307).

Propriedades: S. João da Foz do Sousa (DC 27 de 924, de data duvidosa), Sevilhão e *Baquini* em 994 (DC 170).

Filhos: 1. Vitiscilo: porque aparece relacionado com pessoas de patronímico Leoderigues e de nome Gondesendo, e tem um filho também chamado Gondesendo. Além disso tem propriedades em Ferreira, como seu [pai] (*Sta. Cruz* 134 v-135 v). SEGUE.

2. Gondesendo, porque confirma a repartição dos bens de seu [irmão] (*Sta. Cruz*, l.c.).

3. Fernando: pela mesma razão.

B. VITISCOLO LEODERIGUES (980) c/c Ausenda Zalamiz e c/c Vistrégia Galindes (980-1033).

Se está certa a nossa hipótese de este personagem ser filho de Leoderigo Gondesendes, depois de casar a primeira vez com Ausenda Zalamiz, adquiriu bens sobretudo ao sul do Douro, em Pedroso, Lavadores, Fiães, Lobão e Lagoa, além de outros na região da Maia, em Canidelo, onde permanecerá mais tarde sua segunda mulher, e ainda em lugares que não consegui identificar: *Farones*, *Borotanes*, *Cadelas*, *Colobral*, *Pedra Curua* (*Sta. Cruz* 134 v-135 r, divisão dos bens adquiridos com sua primeira mulher, depois da morte desta e de quatro dos seus filhos, em 980).

Filhos de Ausenda Zalamiz († ant. 980): Leoderigo, Sarracina, Tutadona e Sancha, que morreram ant. 980, provavelmente sem descendência, porque seu pai herda deles vários bens. Além destes:

1. Godo, que fica a possuir bens em Lavadores e *Borotanes*, vindo depois a juntá-los com seu irmão Sunemiro (doc. cit.).

2. Sunemiro, que herda bens em Fiães e *Cadelas* e depois administra também as propriedades de sua irmã Godo (ibid.).

3. Gondesendo, que herda em Lobão, Lagoa, *Colobral* e *Pedra Curua*. É sem dúvida, sua filha, Ermentro Gondesendes, que tem propriedades em Lobão (DC 396) e em Lagoa (DC 404), vive pelos anos 1031-1057 e c/c Guterre Trutesendes (DC 404). Ver III B.

Filhos de Vistrégia Galindes (980-1033), que era filha de Galindo Gonçalves (ver I A) e possui bens em Terroso e Vila Chã, provavelmente depois da morte do marido (DC 281):

4. Alivergo: Filiação hipotética. Não se lhe conhece o patronímico, mas é certo que possuía bens em Ferreira, como seu [pai] (TT Cete I 7) e que os seus descendentes estão intimamente relacionados com o mosteiro de Cete, propriedade de seu [avô] Leoderigo Gondesendes. Nesta hipótese o seu [cunhado] Guterre Trutesendes teria casado com Ermentro, filha de seu [meio-irmão] Gondesendo (ver VII B). Sendo assim, esta Alivergo viveu ant. 1077 e c/c Diogo Trutesendes (DC 542). Ver os seus descendentes em VIII A.

5. Vitiscilo: Filiação hipotética, que se funda no patronímico, na raridade do nome e no facto de aparecer pouco depois de seu [pai] na mesma região. Conf. um documento em Parada, 1020: DC 244. SEGUE.

C. VITISCOLO VITISCILIZ (1020).

A única menção que se conhece dele é a confirmação acima citada do DC 244. Baseando-nos ainda na raridade do nome, podemos admitir serem seus

Filhos: 1. Paio: porque possui bens em Lobão e sobre eles entra em questão com os filhos de sua [prima] Ermentro Gondesendes (DP 37; *Sta. Cruz* 161 r). SEGUE.

2. Fernando (1061-1072): porque entra ao lado de seu [irmão] na questão citada acima (*Sta. Cruz* 161 r). C/c Ermesenda Odores «Dulce» e foi proprietário da igreja de Castro Pedroso e de bens em Pedroso ant. 1103 (DP 95). Conf. um documento de 1061 (inédito comunicado pelo Prof. Dr. R. de Azevedo com a cota «TT Conventos diversos, maço I», mas que em vão procurámos na Torre do Tombo). A mulher sobrevivia-lhe ainda em 1103 e deu os bens acima citados ao mosteiro de Pedroso (DP 95): é talvez a mesma que compra terras em Paços (Oliveira de Azeméis) no mesmo ano (DP 126).

3. Ermesenda «Matreona» (1072): declara-se expressamente irmã de Paio Vidis[ciliz] em *Sta. Cruz* 161 r. Neste mesmo lugar se diz c/c Godinho Godemires, identificável com Godinho Guimires, que conf. vários documentos na mesma região em 1060-1075 (DC 425, 502, 521).

D. PAIO VITISCILIZ (1060-1075) c/c Patrina Eriz (1097-1103).

Confirma documentos na região de Vila Nova de Gaia em 1060 (DC 425: Pelaio Vi...liz) e em 1072 (P. Vitisiz: DC 521).

Propriedades: igreja de S. Jorge, Lobão, Vila Cova (DP 37; *Sta. Cruz* 161 r; DP 104).

Mulher: Patrina Eriz (1097-1103), filha de Ero Gonçalves (DP 99, com o nome incompleto; ver IX C). Deve ser a D. Patrina que deu bens à Condessa D. Teresa em Castro ant. 1112 (DP 33).

Filhos: 1. Mendo (1103-1119): parece ser filho de Patrina Eriz o Mendo (sem patronímico), neto de Aldonça Mendes (mãe de Patrina) a que se refere o DP 99. E provavelmente o Mendo País, proprietário em Lagoa (Ovar), citado em TT Pedroso II 32 de 1119.

2. Soeiro (1103-1147): citado também no DP 99 como neto de Aldonça Mendes, que se deve identificar com o Soeiro País c/c D. Toda, que deu uma herdade em Gondinhães ao mosteiro de Pedroso em 1123 (TT Pedroso II 40) e vendeu outro no mesmo lugar ant. 1145 (ib. III 14); talvez seja ainda o mesmo que vende uma propriedade em Guimarães (V. N. de Gaia) em 1147 (ib. III 20). A sua mulher é sem dúvida Toda Álvares, que dá bens em Oleiros, Vila Boa e Fiães ao mosteiro de Pedroso em 1123 (ib. III 33).

3. Garcia: a filiação baseia-se no patronímico e no facto de ter deixado todos os seus bens ao mosteiro de Pedroso (DC 694). SEGUE.

4. Nuno (1092), porque é filho de Pais *Quitilssilis*, e são seus *bisavós* Leoderico e Vistregia (nomes frequentes nesta família). É proprietário em Moldes. Vende ao mosteiro de Arouca em 1092 (DC 779).

E. GARCIA PAIS (1087-1090).

Deixa todos os seus bens a Pedroso em 1087 (DC 694), e pouco depois, em 1090, compra uma propriedade em Esmoriz (DC 739). Em 1087 ainda não tinha filhos.

Filha: Maria, porque é patrona do mosteiro de Pedroso, e nesta época não aparece outro indivíduo de nome Garcia relacionado com o mosteiro (TT Pedroso III 35). SEGUE.

F. MARIA GARCIA (1156), c/c Pedro Oliver (1156).

Citada, com o seu marido, num contrato com o mosteiro de Pedroso, de que é declarada patrona, em 1156 (TT Pedroso III 35).

IV. Descendentes de Monio Viegas

A. MONIO VIEGAS «GASCO» (1015-1022 ?).

Conf. um doc. inédito em 1015 (TT Col. Especial parte II caixa 82 maço de documentos eclesiásticos). É o Monio Viegas «Gasto», de que fala o *Nobiliário*, t. 36, pág. 316 e que, segundo a mesma fonte, seria irmão de Sisanando, bispo do Porto (1055-c. 1075). É bem conhecido o epitáfio tardio do seu túmulo em Vila Boa do Bispo, em que se diz ter morrido em 1022, com seus dois filhos. Sendo este epitáfio anterior ao séc. XVI, redigido em forma que parece extraída de um obituário (como notou A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, págs. 77-78; cf. A. de MATOS, *Algumas inscrições medievais do Douro Litoral*, Porto 1947, pág. 35) e não contradizendo nenhuma fonte histórica conhecida, aceitamos o seu testemunho até se provar a sua falsidade.

Filhos: 1. Egas Moniz: segundo o *Nobiliário*, t. 36, pág. 316 e o epitáfio de V. B. do Bispo. SEGUE.

2. Garcia (1043-1066): segundo o *Nobiliário*, l.c. com a indicação de que foi morto pelos mouros, decerto por confusão com seu irmão Gomes, cujo nome figura também no epitáfio de V. B. do Bispo. Propriedades: Marecos, Valpedre, Pinheiro (*Zeidoneses*), Macieira, Perafita, Vila Cova, Cristovão, Gontige, Manhuncelos, Rosém (?), Taboado, Fornos, Mesquinhata, Vilarelho, Prado, Pousada, Castro, Ovil, igreja de Favões, etc. (DC 324, 451; DP 136). Pretendeu apoderar-se do padroado do mosteiro de Soalhães em 1059, mas a questão foi julgada contra ele pelo rei Fernando Magno (DC 421). É atestado como governador do território de Anégia em 1047, 1054, 1060 e 1061 (DC 357, 391, 423, 428). Cf. na corte de Fernando Magno em 1049 (DC 372). Segundo Fr. Leão de Sto. Tomás, *Benedictina Lusitana* II, 254 (cujo testemunho é levado em conta por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 78 nota 176), teria sido o fundador do mosteiro de Travanca depois do ano 1008. Foi c/c Elvira (1043-1066): DC 324, 451. Ignoro se teve filhos. Todavia, em 1103, declaram-se seus descendentes o abade Sisanando e sua irmã Ilduara, filhos de D. Olibio (DP 136).

3. Gomes († 1022?): segundo o epitáfio de V. B. do Bispo.

4. Godo (1079): porque é proprietária em Valpedre e Vila Cova, lugares onde seu [irmão] Garcia e os descendentes de outro [irmão] Egas também possuem bens. Foi c/c Sarracino, e teve um filho, Lucídio Sar-

A

B

C

D

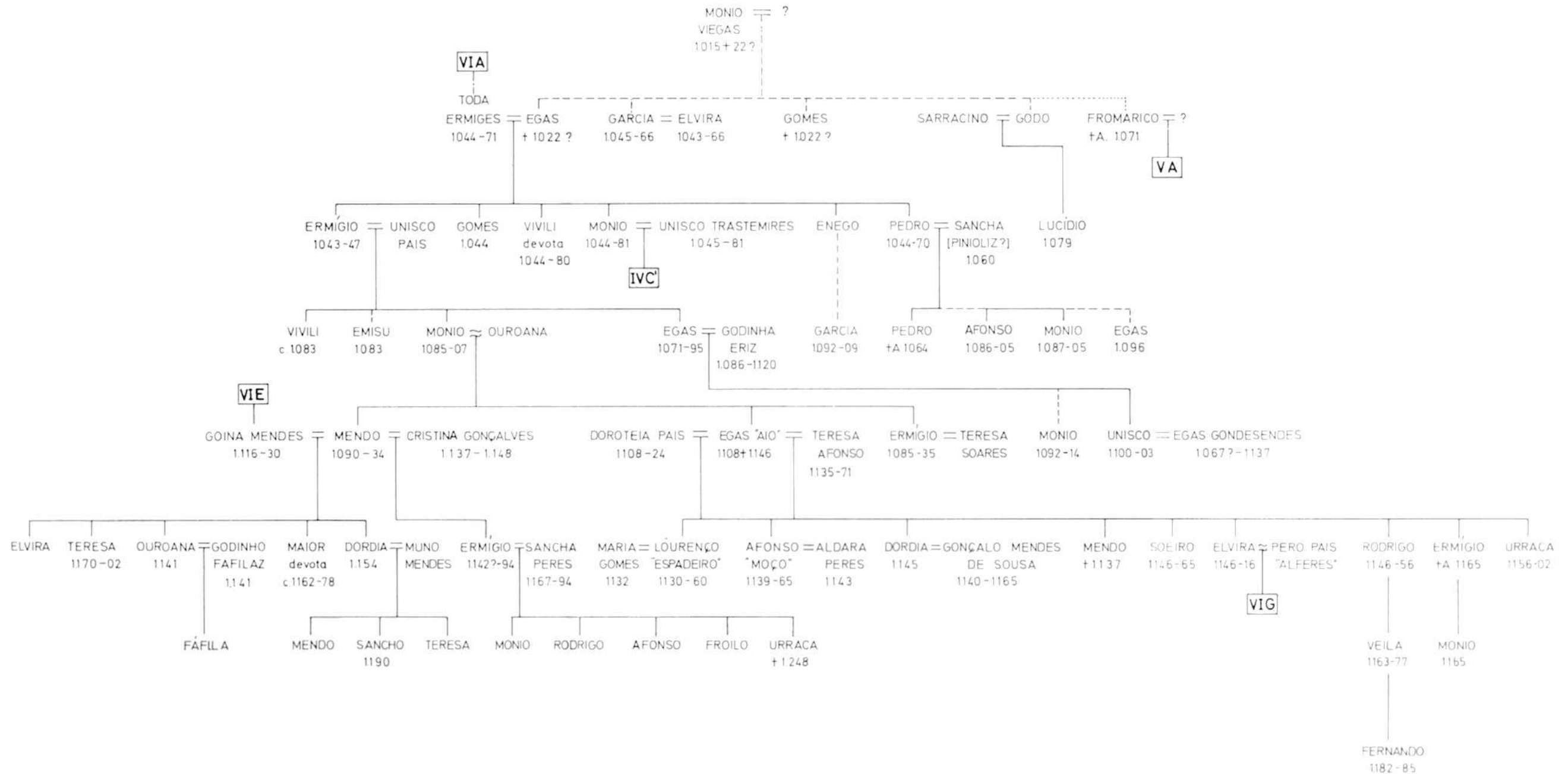
E

F

G

ESQUEMA GENEALOGICO

IV



racins (1079), que c/c Elvira Moniz (1079-1131), filha de Monio Viegas II (DC 573). Ver mais abaixo IV C.

5. Fromarico (ant. 1071): filiação hipotética. Baseia-se no facto de viver na mesma época e região, em ter o patronímico Moniz e por os seus presumíveis descendentes terem mantido estreitas relações com os mosteiros de Paço de Sousa e de Vila Boa do Bispo. Esta hipótese foi também formulada, independentemente, pelo Prof. Dr. Rui de Azevedo. Segue em V A.

B. EGAS MONIZ († 1022?) c/c Toda Ermiges (1044-1071).

Não é citado em nenhum documento conhecido, a não ser que se identifique com Enego Moniz, que confirma um documento de 1015 a seguir a Monio Viegas, seu [pai] (TT Col. Especial II caixa 82, documentos eclesiásticos). As relações familiares indicadas no *Nobiliário*, t. 36, pág. 316 são confirmadas pelo epitáfio de V. B. do Bispo, por *L. Test.* 17 r e pelo *Index de Paço de Sousa* 380.

Mulher: Toda Ermiges (1044-1071) que, segundo o *L. Velho* II 41 e o *Nobiliário* l.c. era filha de Ermígio Aboazar (ver VI A) e teria casado em segundas núpcias com seu tio Pedro Trutesendes (ver I C). Teve de Egas Moniz os filhos que se indicam a seguir. Era proprietária em Parada [Todêa], Pinheiro, Cabroelo, Ameixedo, Corveira, Pedorido, Raiva, Canelas, Andade, Crestuma (?), Vilar, Vilarinho, Galegos (DC 498; *L. Test.* 17 r; *Index de Paço de Sousa* 380).

Filhos (todos indicados em *L. Test.* 17 r): 1. Ermígio. SEGUE EM C.

2. Monio. SEGUE EM C'

3. Pedro (1044-1070), c/c Sancha (1064). Mencionado em DC 441, 451, 491 e *L. Test.* 12 r, 17 r. Segundo estes documentos possui bens em Atães, Fonte Arcada, Escariz, Galegos, Pinheiro, Vila Meã, Serradelo e Bafoeirras. Destas propriedades, a de Pinheiro é-lhe dada pelo próprio rei Garcia de Galiza (DC 491). Sua mulher (DC 441) é talvez Sancha [Pinioliz], filha de Ausenda Aboazar. Assim se explicaria que seu [filho] Afonso tenha sido patrono de Santo Tirso, como se verá em seguida (ver VI A). Foram seus filhos:

a. Pedro († ant. 1064): DC 441.

b. Afonso (1086-1105): porque tem o patronímico Peres, é proprietário na mesma região, e governador de Lamego, tenência que antes estivera nas mãos da família (DC 551). Este parentesco é também aceite por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 137, nota 130. 1086: test. em Coimbra (DC 666); 1092: patrono de Santo Tirso (A. C. DE SOUSA, *Provas*, III-II, pág. 121); 1092?: governador de Anégia-Arouca (DC 786); 1097: compra bens em Porcas, Travaços, Vilar, Sobrado, *Vilar de Petras*, Cidadelhe, *Texeriolo* e Lagarelhos (DC 843, 858, 859, 860), conf. uma venda em Lavadores (DC 855) e dão-lhe bens em Vilela e Pindelo (DC 848); 1105: dá ao mosteiro de Paço de Sousa herdades em Porcas (DP 180).

c. Monio (1087-1105), porque é irmão de Afonso Peres (DP 180). 1087: test. em Paço de Sousa (DC 678); 1105: doa ao mesmo mosteiro, com seu irmão Afonso uma herdade em Porcas (DP 180).

d. Egas (1096), porque possui bens em Bafoeirras e Vila Meã que pro-

vavelmente herda de seu [pai] Pedro Viegas. Dá estes bens a Paço de Sousa em 1096 (*L. Test.* 12 r). Não é impossível que se identifique com um indivíduo do mesmo nome proprietário em Milhundos, Peroselo, Oleiros, Louredo, e Moazeres, bens que doa para depois da sua morte a Paço de Sousa em 1112 (DP 406). Neste caso seu [pai] Pedro Viegas teria casado segunda vez com Toda Pais, que é a mãe de Egas Peres, e haveria deste matrimônio ainda outro filho, Soeiro (DP 406; *L. Test.* 26 v).

4. Enego (1044), de que não há outras referências além de *L. Test.* 17 r. Entre os vários personagens de patronímico Eneguiz que aparecem nesta região, relacionados com Paço de Sousa (Paio: DP 491 de 1114; Arias † ant. 1116; *L. Test.* 30 r-v; Cida ou Cete: DP 401 de 1112; Gontili: *L. Test.* 39 r-v de c. 1098), o que tem mais probabilidades de ser seu filho é Garcia (1092-1109), proprietário em Astromil, Cete, Roriz, Oldrões, Andeade, Quintela, Milhundos e Rio Mau (DP 62, 322, 374) e patrono de Santo Tirso, entre os descendentes de Ermígio Aboazar (sem dúvida por intermédio de sua [avó] Toda Ermiges) (DC 871 e A. C. de SOUSA, *Provas*, III-II, pág. 121).

5. Gomes (1044). Proprietário em Pinheiro, herdade que reverte em favor de sua mãe Toda, por ter morrido sem descendentes ant. 1071 (DC 498).

6. Vivili devota (1044-1080). Em 1080 deixa ao mosteiro de Paço de Sousa 1/5 de todos os seus bens, sendo as herdades situadas em *Manubilde*, Castromil, Pedorido, Sebolido, Serradelo, Sande, Vila Boa, Sardoira, Canelas e Sobradelo (*Index de Paço de Sousa*, 380). Citada como devota e tia paterna (*amita*) de Egas Ermiges em DC 713. Decerto ficou sem descendentes.

C. ERMÍGIO VIEGAS (1043-1047) c/c Unisco Pais.

Vidimus a um documento na região de Penafiel em 1043 (DC 324); toma parte num julgamento na mesma região em 1047 (DC 357).

Propriedades: igreja de Paredes (DC 464 de 1068; MEIRELES, *Paço de Sousa* doc. 3 de 1160); patrono do mosteiro de Pendorada (TT Pendorada VI 34 de 1123).

Mulher: Unisco Pais. O nome de Unisco é citado no DC 713, como mãe de Egas Ermiges; o patronímico encontra-se no *Index de Santo Tirso* 204 v, como avó de Goldregodo Pais, filha de Vivili Ermiges.

Filhos: 1. Vivili (c. 1083): porque sua filha Goldregodo Pais se declara em 1122 sobrinha de Egas Ermiges e neta de Unisco Pais (*Index de Santo Tirso* l.c.); além disso dá a Paço de Sousa vários bens situados em lugares onde os seus parentes também eram proprietários: Parada, Fafiães, Galegos, Pedorido (*L. Test.* 16 r, s.d., mas talvez de c. 1083, data em que sua [irmã] Emisu dá bens ao mesmo mosteiro: *L. Test.* 9 v-10 r).

2. Emisu (1083): filiação provável, por ter o patronímico Ermiges e possuir bens em Galegos que tinham sido de Egas Moniz e de Toda Ermiges, embora não diga que estes são seus avós. Deixa estes bens a Paço de Sousa em 1083 (*L. Test.* 9 v-10 r).

3. Monio, segundo o *Nobiliário*, t. 36, pág. 316. O testemunho aqui citado, que faz deste Monio Ermiges o pai de Egas Monio o «Aio», tem sido contestado por certos autores que têm estudado a genealogia deste último. Com efeito Monio Ermiges não aparece nos documentos de Paço de Sousa

nem de Pendorada, e há outras dificuldades a propósito dos descendentes de Egas Moniz, para aceitar sem reservas os livros de linhagens (ver sobretudo A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, págs. 12-65, onde este A. revê o seu estudo anterior *Dom Egas Moniz de Riba Douro*, Lisboa, 1946). Todavia o *Nobiliário* pode ser confirmado pelos argumentos seguintes: 1. Ermígio Viegas tinha mais de um filho (DC 464) e segundo TT Pendorada VI 34, parecem ser seus *neptis* Egas Moniz, Mendo Moniz e Ermígio Moniz; o pai destes devia portanto chamar-se Monio Ermiges; 2. A igreja de Ordins que em 1068 pertencia aos filhos de Ermígio Viegas (DC 464) é em 1146 de Mendo Moniz (MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 40); 3. O pai de Mendo Moniz (irmão do «Aio») é declarado expressamente chamar-se Monio Ermiges num documento descoberto pelo Prof. Dr. Rui de Azevedo, e que ele amavelmente me indicou (este documento será revelado quando o ilustre investigador publicar o seu trabalho sobre a família de Egas Moniz). SEQUE.

4. Egas (1071-1095). As razões desta filiação são, além do patronímico e das relações com Paço de Sousa, o facto de Vivili [Viegas], devota, ser sua tia paterna (DC 713) e de ter propriedades na mesma região, em Loriz, Paredes de Viadores (DC 654), Figueira, Sabariz, Touriz, Entre-os-Rios, Arouca, Boelhe (*L. Test.* 10 r-v), Coreixas, Galegos, Escariz, Lagares, Figueira, Cabroelo, Paredes de Viadores, Pedorido, e outras, entre o Paiva e o Arda e entre o Paiva e o Bestança (DC 713). Foi patrono de Santo Tirso (A. C. de SOUSA, *Provas*, III-II, pág. 121) e da igreja de Cedofeita (Porto), 1087 (LF 602). É provável que se identifique com *Egas prolis Menendiz* que em 1071 deixa bens a Paço de Sousa em Vilar, e se declara descendente dos edificadores do mosteiro (*L. Test.* 18 v). Com efeito «Mendes» era o patronímico de Ermenegildo (cf. E. SÁEZ, *Los ascendientes*, págs. 25-28), e Ermígio não é mais do que uma abreviatura de Ermenegildo. Foi governador de Anégia-Arouca em 1079-1087 (DC 572, 634, 635, 636, 639, 642, 649, 653, 659, 660, 665, 684, 746) e de Iamego (DC 888). Foi c/c Godinha Eriz (1086-1120), citada em DC 654, 713, 746; *L. Test.* 10 r-v; *Index de Santo Tirso* 176 r-v; DP 320). Sobre a sua família, ver A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 56, nota 112; Id. *Arouca na Idade Média*, «Arq. do Distr. de Aveiro», 30 (1964), pág. 104. Apesar de deixar 1/3 de todos os bens a Paço de Sousa (DC 713), teve pelo menos uma filha, Unisco (1100-1103) c/c Egas Gondesendes (DC 913; DP 94). Além desta A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, págs. 56-57, nota 123 e 137 nota 131, atribui-lhe mais os filhos Ermígio, Toda e Monio. Confirma os seguintes documentos: LF 108 de 1081, 202 de 1074.

5. Ónega (1078-1105), segundo A. FERNANDES, *Arouca na Idade Média*, pág. 97, que não pude verificar.

6. Ausenda (1100) c/c Diogo Trutesendes (1040-1100), segundo o mesmo A., *ibid.* Ver a descendência de Diogo Trutesendes em VIII A.

D. MONIO ERMIGES (1085-1107), c/c Ouroana (?).

Ts. na região da Feira em 1085 (DC 638). Aparece como patrono de Santo Tirso (com o nome *Nonio*) ao lado de seu irmão Egas em 1092 (A. C.

de SOUSA, *Provas*, III-II, pág. 121). O Prof. Dr. R. de Azevedo e A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 61, nota 140 identificam-no com Monio Ermiriquiz, maiorino ou *triumphator* do Conde D. Henrique, que conf. em Braga entre 1105 e 1107 (DP 182, 225, 262).

Mulher: Ouroana, segundo o *Nobiliário*, t. 36, pág. 316. A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 61, nota 140, suspeita que seja a Ouroana, mãe de Garcia, Egas, Ermigio, Doroteia e Gontinha, possuidores da igreja de Souselo em 1104 (data corrigida de DC 512, segundo A. FERNANDES, ib. e J. MATTOSO, *Le monachisme ibérique*, pág. 31). Efectivamente, a igreja devia pertencer, ao menos parcialmente, à família de Riba Douro. Mas a ausência, neste documento, dos nomes de Monio Ermiges e de seu filho Mendo (objectação já prevista por A. Fernandes), levam-nos a pôr de lado esta hipótese como demasiado frágil. No caso de ela se vir a provar, haveria que acrescentar aos três filhos indicados a seguir os nomes de Garcia, Doroteia e Gontinha.

Filhos: 1. Egas: em virtudes das razões que apresentei a respeito de seu pai, que vêm confirmar o *Nobiliário*, l.c. SEGUE.

2. Ermigio (1085-1135): por ser irmão de Egas e Mendo (TT Pendorada VI, 34; MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 38). Propriedades em Guilhade (DP 498), Irivo (DC 643), Serradelo (*L. Test.* 18 r), Complentes (TT Pendorada VIII 28), Arouca (ib. IX 28). Mordomo-mór de D. Afonso Henriques entre 1128 e 1135 (DR 93 a 150; cf. ib. índice pág. 843), governador de Penafiel em 1106 (DP 230), de Faria c. 1113-17 e em 1132 (DR 39, 122), de Sto. Estevão de Chaves c. 1128-33 (DR 186) e de Santa Maria em 1134-1135 (TT Pedroso III 6; *L. Test.* 56 r-57 r). Aparece também como patrono dos mosteiros de Pendorada (TT Pendorada VI 34) e de Paço de Sousa (MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 38; *L. Test.* 56 r-57 r). C/c Teresa Soares (1115-1119), citada em DP 498; MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 38 e TT Pendorada, V, 32. Não se lhe conhece filho algum. É talvez esta a razão por que não o menciona o *Nobiliário*, l.c.

3. Mendo (1090-1154): expressamente declarado filho de Monio Ermiges no documento citado a propósito deste último. Patrono de Paço de Sousa (MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 38; *L. Test.* 31 v-32 r) e de Pendorada (TT Pendorada VI 34). Proprietário em Galegos, Escariz, Cima de Vila, Ordins, Entre-os-Rios, Pinheiro, Vila Cova, Lagares, Poiates, Penhalonga, Sta. Marinha da Pedreira, Covas, Zebres, Varziela, Oliveira, Oldrões e Cinfães (*L. Test.* 31 v-32 r; *Index de Paço de Sousa* 378, 237; *Index de Santo Tirso* 213 r, 214 r, 215 r-v, 216 r; MEIRELES, *Paço de Sousa*, docs. 18, 35, 40; DR 108 e ref. 55). Foi governador de Penafiel em 1111 e 1132 (DR 24, 122) e de Soure c. 1113-17 (DR 39) e mordomo-mór da corte de D. Afonso I em 1133 (DR 134). Citado muitas vezes em documentos reais até 1154 (ver os índices de DR). C/c Goína Mendes (1116-1130) e depois com Cristina Gonçalves (1137-1148). A primeira é citada em MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 18, 38, 39; *L. Test.* 31 v-32 r; *Index de Paço de Sousa* 378; *Index de Santo Tirso* 213 r; DR 108. O *L. Velho* I 44; III 128; e o *Nobiliário*, t. 31, pág. 307 chamam-lhe Ouroana Mendes, sendo possível que Ouroana seja cognome de Goína, e dizem que foi filha de Mendo Viegas de Sousa. Todavia as re-

lações que ambos os esposos tiveram com Santo Tirso levaria antes a procurar a sua origem na família da Maia, por exemplo em Mendo Gonçalves (ver VI D 5). O *L. Velho* II, concordando embora com a filiação indicada nos outros livros de linhagens, chama-lhe num lado (pág. 24) Gontinha e noutro (pág. 30) Guimar. A primeira versão é confirmada pela forma Goína, diminutivo de Gontinha; a segunda deve provir de deturpação do copista. Da primeira mulher Mendo Moniz teve, segundo a genealogia do séc. XIV no fim do *L. Test.* 58 v, os seguintes filhos:

1. Teresa (1170-1202) c/c Sancho Nunes: MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 4, 5 (provavelmente, embora aí não se diga o patronímico). O marido, segundo os livros de linhagens (I, 33; II, 31; III, 128; *Nobiliário*, t. 22), era filho do conde Nuno de Celanova.

2. Ourona (1141) c/c Godinho Fafilaz de Lanhoso (1141), confirmado indirectamente pelo *L. Velho* I, 44; II, 32; *Nobiliário*, t. 31, pág. 307, embora o primeiro lhe chame Sancha, o segundo Elvira e o terceiro Gontinha. O nome certo é Ouroana, conforme se verifica por uma doação dos esposos a Fonte Arcada em 1141 (BNL Pomb. 494, págs. 1-3). Tiveram um filho, Fáfila Godinhes (*L. Test.* 58 v).

3. Dordia (1154) (*L. Test.* 46 r-v) c/c Nuno Mendes. Tiveram por filhos Mendo, Sancho (1190: *L. Test.* 46 r-v) e Teresa. O *L. Velho* II 31 chama-lhe Urraca e atribui-lhe dois filhos, Mendo e Urraca.

4. Elvira c/c Soeiro Gomes de quem teve um filho, João. A confusão dos livros de linhagens continua a propósito deste casal: o *L. Velho* I não o menciona; o II fá-la casar com Godinho Fafes; o III e o *Nobiliário* com Nuno Pires de Bragança.

5. Maior devota (c. 1162-1178) (*L. Test.* 9 r-v; TT Pendorada XI 28). Não é citada pelos livros de linhagens.

De sua segunda mulher, Cristina Gonçalves (1137-1148) (citada no *Index de Santo Tirso* 214 r, 215 r-v, 216 r; *Index de Paço de Sousa*, 237; MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 40; *L. Test.* 58 v e DR 204), Mendo Moniz teve o seguinte filho, ainda segundo *L. Test.* 58 v:

6. Ermigio (1142?-1194), c/c Sancha Peres (1167-1194). Propriedades em Sinfães, Coreixas, Sta. Marinha da Pedreira, Aregos, Sta. Eulália, Contensa, Felguciras, Bodelhos, Salgão (*L. Test.*, 27 r-v, 27 v-28 r, 28 r, 55 r; *Index de Santo Tirso* 214 v-215 r, 215 r-v, 189 r). Foi governador de Penafiel c. 1167-69 (*L. Test.*, 13 v-14 r) e confirma documentos reais desde 1142 até 1189, se é que não se deve distinguir de outro do mesmo nome; com efeito, se a primeira mulher de Mendo Moniz ainda estava viva em 1130, não podia ter mais de 11 anos em 1142 (cf. DR 191 a 384 e os índices). Sua mulher Sancha Peres é citada no *L. Test.*, 27 r-28 r; *Index de Santo Tirso* 214 v-215 r, 189 r; trata-se de Sancha Peres de Bragança, segundo o *L. Velho* II, 30-31. Segundo o *L. Test.*, 58 v, teve os seguintes filhos, todos sem descendência: Monio, Rodrigo, Afonso (mencionado também pelo *L. Velho* II, 30-31), Froilo (idem), Urraca († 1248) (que o *L. Velho*, l.c. declara ter sido monja em Santo Tirso; com efeito encontra-se ainda no mosteiro a sua sepultura, com a data da morte. A DE MATOS, *Algumas inscrições medievais do Douro-Litoral*, Porto, 1947).

E. EGAS MONIZ o «Aio» (1108-1146) c/c Doroteia Pais (1108-1124) e com Teresa Afonso (1134-1171).

Dado que houve vários indivíduos de nome Egas Moniz que viveram na mesma região entre o fim do séc. XI e o fim do século seguinte, e que sem dúvida eram aparentados, não se deveria prosseguir esta genealogia sem repartir por cada um deles a documentação existente, depois de os ter distinguido claramente. Seria um trabalho com desenvolvimento próprio, a acrescentar em apêndice. Assim o fiz, em fichas, agora perdidas, mas que concordavam nas suas grandes linhas com as conclusões a que chegou, independentemente o Prof. Dr. Rui de Azevedo. Como este eminente historiador publicará em breve o seu trabalho com uma argumentação completa, para ele remetemos o leitor. Por agora creio bastarem os dados que noutros lugares desta genealogia aparecem a respeito de Egas Moniz filho de Monio Viegas (IV C) e de Egas Moniz filho de Monio Fromariques (V C). Há ainda um outro, Egas Moniz de Ortigosa, c/c Gontinha Ramires e que viveu durante a segunda metade do séc. XII (cf. TT Pendorada IX 5, VIII 18, etc.) Segundo as minhas conclusões creio pertencerem a Egas Moniz «Aio» as seguintes propriedades (dentro da diocese do Porto e proximidades): Fornelos, Pinheiro, Piães, S. Tomé de Canas, Paço de Sousa, Tarouquela, igreja de Freixo, Tuías, Vila Chã, S. Felix, Murraceses, Lalim, Lamas, Ladoeiro, Friande, Nogueira, Vila Chã de Argeriz, Vila de Rei, Conguste (DP 295, 319; MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 38, 41, 44, 47; DR 140; ib. ref. 23; TT Pendorada V 35; VI 3; IX 22). Foi governador de Lamego c. 1115-32 (DR 39, 122) e de S. Martinho de Mouros em 1110-1111 (DR 17, 24).

Mulher: 1. Doroteia Pais (a que o *L. Velho* I, 75 e o *Nobiliário*, t. 36, pág. 316 chamam Maior Pais e dizem ser filha de Paio Guterres de Tibães), citada entre 1108 e 1124 nos documentos seguintes: DP 295, 319; MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 38, 41; TT Pendorada V 35; VI 3; VII 6.

2. Teresa Afonso, citada com este mesmo nome pelo *Nobiliário*, l.c., e a que se referem os seguintes documentos, entre 1134 e 1171: DR 140, 254, ref. 23, 43; MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 44; *L. Test.* 51 r, 52 v; TT Pendorada IX 22; TT Arouca 171, 184. Ver também os documentos citados por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, 23-24, notas 21 e 24.

Segundo o *Nobiliário* foram filhos da primeira mulher: Lourenço o «Espadeiro» e Leonor; e da segunda Afonso «Moço», Sociro, Pedro, Urraca, Dórdia e Elvira. É a única fonte que diz com clareza a qual das duas mães pertenceram os filhos de Egas Moniz. Todavia, é bem de ver que esta filiação se podia obliterar facilmente na transmissão oral das linhagens: o testemunho destas fontes, que tem interesse para saber quais foram os filhos de Egas Moniz, não possui valor igual para os atribuir a uma ou outra das esposas. Os outros documentos aduzidos por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 12 e ss., para afirmar, p. ex., que Lourenço era filho de Teresa Afonso e não de Doroteia Pais, também não parecem de tomar em consideração, porque neles as expressões *filius meus*, *mater mea* e semelhantes, se podem entender em sentido lato, sobretudo se quando o «Aio» casou segunda vez tinha filhos ainda muito novos do primeiro casamento. Por esta razão me abstenho de indicar de qual das duas mães nasceram os filhos

que se indicam a seguir. Para estabelecer a sua lista a principal fonte é o TT Arouca 184 de Janeiro de 1165, onde se citam quatro filhos vivos e os descendentes de outros três. Como os bens de Egas Moniz em Argeriz foram divididos em duas partes, uma para a viúva e outra em oito parcelas, deduz-se daqui, que à sua morte havia oito filhos, e que, portanto, no documento de Arouca, falta um, que em 1165 devia já ter morrido sem descendência. Efectivamente os livros de linhagens dizem que Lourenço Viegas «Espadeiro», que falta no documento de Arouca, morreu sem filhos legítimos (*L. Velho* I 75; *Nobiliário*, t. 36); no entanto está suficientemente documentado como filho de Egas Moniz (TT Pendorada IX 22; e os doc. cit. por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, págs. 26-27, nota 40). Daqui se conclui que devem ser imaginários ou produto de corrupção dos textos primitivos outros filhos que o *Nobiliário* atribui ao «Aio»: Leonor (que teria c/c Gonçalo Mendes o «Lidador», o que é contradito pelo *L. Velho* I, 71) e Pedro. Ver ainda outros argumento no mesmo sentido em [A. FERNANDES] art. *Viegas, D. Leonor*, in *Grande enciclopédia*, XXXV, pág. 213.

Filhos: 1. Lourenço o «Espadeiro» (1130-1160) c/c Maria Gomes (1132). Proprietário da v. *Gaudiosa* (Braga), Freande, Argeriz, etc. (TT Pendorada IX 22; LF 761 e outros documentos cit. por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, 26-27, notas 40, 41). Conf. vários documentos régios a partir de 1130 (DR 114, ver os índices). A sua mulher, Maria Gomes, citada no LF 761 era filha do conde Gomes Nunes de Pombeiro, segundo o *Nobiliário*, t. 36, pág. 317. Faleceu sem descendência. Ver outras indicações na *Grande Enciclopédia*, XXXV, págs. 213-215.

2. Afonso o «Moço» (1139-1165) c/c Aldara Peres (1143). Proprietário em Alvarenga e Canelas (TT Pendorada VIII 35). Cf. vários documentos reais a partir de 1139 (DR 174; ver os índices). A sua mulher é citada no *Livro dos mestrados* 108, cit. pelo *Arq. Hist. Português* IV 33, cit. por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 22, nota 13, e 30, nota 52. Ver os filhos que lhe atribui o *L. Velho* I 83 e o *Nobiliário*, t. 36, pág. 321. Cf. a *Grande Enciclopédia*, XXXV, pág. 219.

3. Dórdia (1145) c/c Gonçalo Mendes de Sousa (1140-1165). Propriedades em Vila Chã, Sanfins, Morraceses, Lalim (TT Pendorada IX 13; MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 44). Seu marido é indicado nestes mesmos documentos e em TT Arouca 174, 184. É o célebre Gonçalo Mendes de Sousa, que ocupou importantes cargos na corte de D. Afonso Henriques e foi patrono de Pombeiro. Sobre ele, ver, entre outros, os seguintes documentos: DR 177, 220, 253; TT Pedroso III 35. Para a sua descendência ver: *L. Velho* I, 32; II 24; *Nobiliário*, t. 23, e 24. Além das duas filhas que aqui se mencionam, o TT Arouca 174 de 1154 indica ainda um outro, Pedro.

4. Mendo (1130-1137): não é citado pelos livros de linhagens nem por TT Arouca 184, porque morreu ainda em vida de seu pai, talvez sem filhos. Egas Moniz ofereceu vários bens ao mosteiro de Paço de Sousa ao ir aí enterrá-lo em 1137 (*L. Test.*, 57 v). Ver outras referências na *Grande Enciclopédia*, XXXV, págs. 221-222.

5. Sociro (1146-1165): proprietário em Friande (TT Pendorada IX 22). Citado num documento de Salzedas de 1156 (cit. por A. FERNANDES, *Ação*

das *linhagens*, págs. 26-27, notas 39, 40). Segundo o *L. Velho* I, 86, 116 e o *Nobiliário*, t. 13, pág. 268; t. 36, pág. 323, c/c Sancha Bermudes, filha de Bermudo Peres de Trastámara, de quem teve descendência.

6. Elvira (1146-1217/8): Propriedades em Friande e Argeriz (TT Pendorada IX 22; A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, l.c.). Segundo o *L. Velho* I, 86, 59; II, 43; III, 59; e o *Nobiliário*, t. 16, c/c Pedro Pais «Alferes», filho de Paio Soares da Maia, de que teve descendência (ver VI G). Ver outras indicações na *Grande Enciclopédia*, XXXV, pág. 210.

7. Rodrigo (1146-1156): propriedades em Lamas, Friande e Viariz (*L. Test.* 51 r; TT Pendorada IX 22; A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, l.c.). Não é mencionado pelos livros de linhagens. Teve um filho, Veila Rodrigues (1163-1177), citado em *L. Test.* 50 v-51 r; A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 22, nota 18 e 30, nota 54. Este, por sua vez, foi pai de Fernando Veilaz (1182-1185), proprietário em Urros e governador de Lafões (A. FERNANDES, l.c., pág. 30, nota 54).

8. Ermígio († ant. 1165), citado apenas por TT Arouca 184, onde o subentende já falecido, e com um filho chamado Monio. Ver a *Grande Enciclopédia*, XXXV, pág. 211.

9. Urraca (1156-1218): proprietária do mosteiro de Tufas e de Louredo, Sande, Rio de Galinhas, Canavezes, Campo Chão, Arravalde (*Papsturkunden*, pág. 69; TT Arouca 193, 199, 213, 218). Provavelmente identifica-se com a *meana* D. Urraca que confirma os dois documentos publicados por MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 4 e 5, de 1170 e 1202. Os livros de linhagens dizem-na c/c Gonçalo Rodrigues da Palmeira e depois com o conde Vasco Sanches (*L. Velho* I, 33, 73, 86; *Nobiliário* t. 37, pág. 325). Ver outras indicações na *Grande enciclopédia*, XXXV, págs. 223-224.

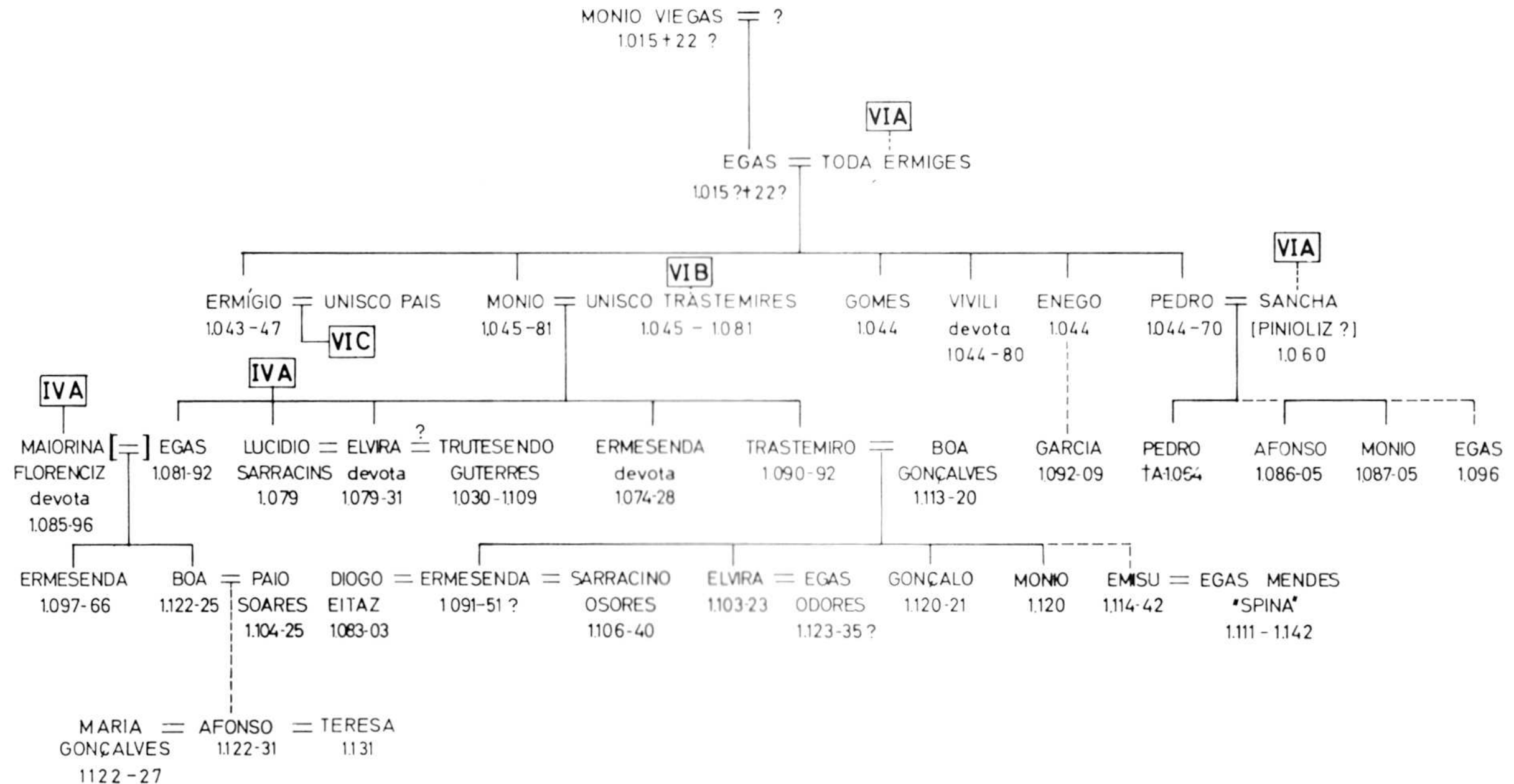
C' MONIO VIEGAS (1044-1081) c/c Unisco Trastemires (1045-1081).

Propriedades: Monte Córdova, *Sardoriola*, *Casal de Goda*, Vimieiro, Ladoeiro, igreja de Ordonho, Vilacete, Santa Sabina, igreja de Travassos, Sande, Ventosela, Covas, Souto, Paço, Galegos, Serradelo (DC 337, 343, 446, 455, 464, 473, 474, 606, 839; *L. Test.* 17 r, 18 v). Patrono do mosteiro de Pendorada, por doação do seu próprio abade (J. MATTOSO, *L'abbaye de Pendorada*, apend. I). Governador de Anégia-Arouca em 1068-1078 (DC 473 a 551). Aparece com ts. ao sul do Douro em 1063 (DC 220) e como conf. em 1070 (DC 491).

Mulher: Unisco Trastemires (1044-1081), citada em DC 337, 343, 446, 455, 464, 473, 474, 606, 839. A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 103, nota 19, diz que era filha de Trastemiro Aboazar (VI B). Com efeito não conheço outro Trastemiro nesta época e região, senão o filho de Aboazar Lovesendes, sendo o nome pouco vulgar. Este facto não seria de estranhar, dadas as ligações entre as duas famílias, e permitiria explicar porque é que os dois esposos adquirem uma propriedade em Monte Córdova, provavelmente pouco depois de casarem (DC 337 de 1044).

Filhos: 1. Trastemiro: porque a sua filha Ermesenda é neta de D. Monio e possui propriedades em Ventosela, Vilacete, e Vimieiro, como seu [pai] (DP 25). SEGUE.

IV



2. Ermesenda (1074-1128): porque irmã de Elvira Moniz (DC 740). Propriedades em Ordonho, Pousada, *Oliuar*, Sande, Pedorido, Raiva, Oliveira, Sebolido, Canelas, *Aulfi*, *Saldoriola*, Figueiredo, Sá, Guandiães, Abraão, Cristovão, Foz do Leça, etc. (DP 320; DC 688, 740). Foi devota (DC 512; DP 136, 458, 320; TT Pendorada VI 24, 29; VII 33); aparece como ts. e conf. em DC 512; DP 136, 458; TT Pendorada VII 29, 35.

3. Elvira (1079-1131): declara-se filha de Monio Viegas em *L. Test.* 18 r. C/c Lucídio Sarracins (1097), filho de Godo Moniz e neto de Monio Viegas I (DC 573). Foi devota, provavelmente depois de enviuvar (DP 136; TT Pendorada VI 24). Há uma Elvira Moniz que foi a segunda mulher de Trutesendo Guterres entre 1102 e 1117 (ver VII C), que talvez se possa identificar com esta. Mas também podia ser irmã de Egas Moniz «Aio». Teve propriedades na Foz do Leça (DC 740) e em Serradelo (*L. Test.* 18 r). Conf. uma doação em 1103 (DP 136).

4. Egas (1081-1092) [c/c?] Maiorina Florenciz (1085-1096). Era filho de Monio Viegas, porque irmão de Ermesenda Moniz (DC 601, 822). Este Egas Moniz que em 1081 ou 1095 ainda não tinha filhos legítimos (DC 601, 822; sobre as suas datas ver J. MATTOSO, *Le monachisme ibérique*, pág. 31) e dispusera de um terço dos seus bens a favor do mosteiro de Pendorada, nomeia nesse ano sua irmã Ermesenda como tutora de seus filhos (cf. DC 601). Com efeito, em 1097, Ermesenda Viegas, filha de Egas Moniz, sem dúvida depois de o pai ter morrido, deixa metade dos seus bens a Pendorada e a outra metade a sua tia Ermesenda Moniz (DC 868). Como Ermesenda Viegas era filha de Maiorina Florenciz (DP 156), podemos supor que esta fosse mulher de Egas Moniz. Todavia é de admitir que fosse ilegítima, porque Maiorina era devota e monja de Valpedre (DC 650, 662). Seja como for, parece seguro que teve pelo menos duas filhas:

1. Ermesenda (1097-1166), proprietária nas regiões de Viseu e Lamego e provavelmente sem filhos (TT Pendorada IX 29, 30, 31; *Index de Paço de Sousa* 219).

2. Boa (1122-1125), porque *nepta* de Monio Viegas (TT Pendorada VI 34) e *neboda* de Elvira Moniz (ib. VI 24). Foi c/c Paio Soares (1104-1125), filho de Soeiro Fromariques, patrono do mosteiro de Grijó (cf. H. BARRILARU RUAS, «Rev. Port. de História» 4 (1949), págs. 368-370), segundo o TT Pendorada VII 15; faleceu antes de 1130 (ib. VII 40). É talvez filho de ambos o Afonso Pais que em 1123 governa o castelo de Benviver juntamente com seu [pai] (DR 65). Tinha grandes propriedades na região e o seu testamento conservou-se em Pendorada (TT XIII 14). Foi c/c Maria Gonçalves entre 1122 e 1127 (ib. VI 25; VII 26) e depois com Teresa, em 1131 (DR 116; TT Pendorada XIII 14).

Não se conhecem as propriedades deste Egas Moniz, porque os dois documentos DC 601 e 822 não as mencionam. Mas é muito provável que se identifique com o Egas *Nunes*, patrono de Santo Tirso mencionado em A. C. DE SOUSA, *Provas* III-II, pág. 121.

D'. TRASTEMIRO MONIZ (1090-1092) c/c Boa Gonçalves (1113-1120).

Propriedades: Picotas, Campos, Louredo, Besteiros, *Nidriales*, *Sabu-*

gueses, Complentes, Ventosela, Vilacete, Bitetos, Vimiciro, Pedorido, Sá, *Manualdi*, Rio de Moldes (DC 743; DP 113; TT Pendorada V 34). É sem dúvida o mesmo que Trastemiro *Nunes*, patrono de Santo Tirso em 1092 (A. C. DE SOUSA, *Provas*, III-II, pág. 121); mas dificilmente se poderá identificar com Trastemiro Moniz c/c Ermesenda que em 1048 recebe uma doação em Guimarei (DC 366).

Mulher: Boa Gonçalves (1113-1120), que já em 1113 estava viúva (DP 458). Neste ano dá bens de sua propriedade a Pendorada em Paço, Lobão, Milheirós, Vilar, Amarante, Fermentelos, Tarouquela e Complentes, declarando-se filha de Gonçalo Fernandes e de Argio Cides (ibid.): É também citada em TT Pendorada V 34.

Filhos: 1. Ermesenda (1091-1151?) c/c Diogo Eitaz (1083-1103).

Declara-se filha de Trastemiro Moniz e c/c Diogo Eitaz em DP 113. O seu marido é filho de Eita Cides e Ónega Falconis, proprietário em Picotas, Espio, Goiol, Agrelos, Sinfães e Pousada (DC 615, 751). Ts. em DC 713 e conf. em DC 755. É muito possível que esta Ermesenda Trastemires seja a mesma que se vê c/c Sarracino Osores em 1106-1140 (DP 232, 310, 370; TT Pendorada VIII 38) e que com ele compra numerosas propriedades na região de Marco de Canavezes (DP 232, 243, 310, 370; TT Pendorada V 39, 40; VI 3, 7, 9, 11, 12, 15, 16, 18, 19, 20, 23; VII 8, 37; VIII 38). Sendo assim, este Sarracino Osores seria provavelmente o mesmo que D. Nuno, marido de Ermesenda Trastemires, que em 1107 dá a Pendorada várias propriedades na mesma região (DP 250): Sarracino seria um cognome de Nuno Osores. Ver ainda o TT Pendorada X 6, em que Ermesenda dá ao mesmo mosteiro uma propriedade em Ribeiro, em 1151.

2. Elvira (1103-1123) c/c Egas Odores (1123-1135?). Declara-se irmã de Ermesenda Trastemires em TT Pendorada VI 19c é também citada ao seu lado em DP 136. Dá bens a Pendorada em Ventosela, Vilacete, Bitetos, Refojos de Riba de Ave, Negrelos, Sá, Várzea e *Lobeli* em 1114 (DP 482). Seu marido Egas Odores é citado com ela, como proprietário em Argeriz em 1123 (TT Pendorada VI 32), e talvez se identifique com o personagem do mesmo nome mencionado no *L. Test.* 56 v, ou mesmo com o patrono do mosteiro de Cucujães (DR 174 de 1139). Este último é sem dúvida o «homem bom» que está em Santa Maria em 1134 (TT Pedroso III 6).

3. Gonçalo (1120-1121): citado como filho de Boa Gonçalves em TT Pendorada V 34. Propriedades em Outeiro e Sabugueses (TT Pendorada V 37; VI 5).

4. Monio (1120): TT Pendorada V 34.

5. Emisu (1114-1142) c/c Egas Mendes «Spina» (1111-1142). Filiação provável, dado que tem propriedades na mesma região (TT Pendorada VII 2) e que não se conhece nesta região outro indivíduo de nome Trastemiro no fim do séc. XI, além de seu [pai].

Ver as propriedades de Egas Mendes em DP 477; DR 114, 119; TT Pendorada V 36; VI 39; VII 14; VIII 36; IX 4; XIII 11. Tiveram provavelmente um filho, Sarracino Viegas «Spina», porque usou a mesma alcunha que o [pai] e teve propriedades na mesma região. Este Sarracino (1123-1165) foi c/c Maria Nunes (1149). Ver as suas propriedades em DR 65, 125,

231; TT Pendorada X 27, 32; TT Arouca 174. O nome da mulher é citado em DR 231. Foram seus filhos: Mendo (1172), Afonso (1172), *magister* Lúcio (1172-1198) e Loba devota (1172-1207), sobre os quais se podem consultar sobretudo os seguintes documentos: J. P. RIBEIRO, *Dissertações*, I, doc. 45, 46; TT Pendorada XI 6; XIII 19; XIV 20.

V. Descendentes de Fromarico Moniz

A. FROMARICO MONIZ (ant. 1071) c/c Anímia Eriz (?).

Não se conhece deste indivíduo outra referência, senão a de ter sido proprietário em Ermegilde ant. 1071 (*L. Test.* 18 r-v). Baseados no facto de o nome Fromarico se tornar raro a partir de meados do séc. XI, podemos-lhe atribuir dois [filhos] de patronímico Fromariques, que habitavam nesta região: 1. Monio, porque um filho deste é proprietário em Ermegilde, como seu [avô]: DP 230. SEGUE.

2. Ximena (1118), porque é proprietária do mosteiro de Vila Boa de Quires, fundado por seu [avô] Monio Viegas, e porque tem um sobrinho D. Egas, que deve ser Egas Moniz, filho de Monio Fromariques (*L. Test.* 22 v). Se Ximena Fromariques foi realmente filha de Fromarico Moniz, nesse caso este foi c/c Anímia Eriz, filha de Ero Trutesendes, conforme se declara em TT Pendorada VII 25 (ver os seus ascendentes em I B). Ximena foi c/c um indivíduo de nome Paio, de que teve um filho, Egas Pais (1126), que deixa a sua parte no mosteiro de Vila Boa de Quires a sua «irmã» Ouroana Raimundes (1166-1172) (TT Col. Especial caixa 70 Avé-Maria n. 5). Ver as propriedades dadas por esta última a Paço de Sousa em 1172 (*L. Test.* 11 r).

B. MONIO FROMARIQUES (1087-1095) c/c Elvira Gondesendes.

Propriedades: Galegos, Abovedres, Mindelo, Luzim, Paços (DC 678, 814; *L. Test.* 21 r-v).

Mulher: Elvira Gondesendes († ant. 1131): *L. Test.* 21 r-v.

Filhos: O DC 814 menciona os cinco filhos que se seguem. Mas tiveram ainda outra, Châmoa «Aurodomna», conforme declara o *L. Test.* 21 r-v.

1. Egas. SEGUE.

2. Garcia (1095-1102?): Provavelmente identifica-se com o Garcia Moniz que deixa todos os seus bens a Paço de Sousa em 1102 (DP 80).

3. Martinho (1092-1111): é, de certo, o Martinho Moniz c/c Elvira Sisnandes, filha do *alvazil* Sisnando de Coimbra, e que sucedeu a este como governador em 1092 (DC 770, 776, 779, 781, 790, 793, 641). Foi também governador de Arouca em 1094 (DC 810, 811) e talvez de Lamego (DC 888). Depois emigrou para Valencia, para a corte de Cid o «Campeador», segundo afirma o *Poema de Mio Cid*. Em 1111 reaparece ao lado de Afonso de Aragão, contra a rainha D. Urraca (*L. G. de AZEVEDO, História de Portugal*, III, pág. 63, nota 1). Distingue-se, provavelmente de outro Martinho Moniz c/c Ouroana Rodrigues, de que se fala mais adiante (V C 1).

4. Anímia (1095-c. 1114/5), que dá ao mosteiro de Paço de Sousa bens em Mindelo, Lordosa, Vilar e Boelhe (*L. Test.*, 19 v-20 r).

5. Boa (1095-1107), que em 1107 não tinha filhos e deu todos os bens a Paço de Sousa, entre eles alguns situados em Covelas e Arouca (DP 252).

6. Châmoa «Aurodomna» (1129-1149), que, como todos os seus irmãos deu terras a Paço de Sousa em Paços, Bragueses, Luzim e Vila Boa de Quires em 1129 e 1131 (*Index de Paço de Sousa*, 220; *L. Test.*, 21 r-v); em 1149 comprava propriedades em *Antemir* (TT Pendorada IX 38).

C. EGAS MONIZ (1095-1115) c/c Doroteia Osore (1106-1121).

Propriedades: Pindelo, Ermegilde, Vilar, Vila Meã (TT Pedroso III 1; DP 230; MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 36; TT Arouca 115). Foi governador de Arouca, como seu [tio] Martinho Moniz entre 1105 e 1115 (DP 178, 213, 411, 453, 479, 506).

Mulher: Doroteia Osore (1106-1121), mencionada em DP 230, MEIRELES, l.c., TT Arouca 115, sendo já viúva neste último documento. Todavia, um dos filhos de Egas Moniz (e sem dúvida que não se pode confundir com outro personagem do mesmo nome, porque se declara neto de Monio Fromariques), diz-se filho de Senda Tedonis, que ainda está viva em 1154. Como ambas estas mulheres sobrevivem a Egas Moniz pode supôr-se que Garcia Viegas não fosse filho legítimo.

Filhos: 1. Monio (1128-1134), filho de Doroteia Osore, proprietário em Pindelo, Oliveira, Arouca, Bodelhos, Oldrões e Ermegilde, que deu a Paço de Sousa em 1131 (MEIRELES, *Paço de Sousa*, doc. 36). A herdade de Pindelo, que tinha sido deixada ao mesmo tempo aos mosteiros de Pedroso e de Paço de Sousa, foi depois dividida entre ambos (TT Pedroso III 1, 6). Não é impossível que seja seu filho Martinho Moniz (1140-1149) c/c Ouroana Rodrigues (1140), que deu ao mosteiro de Paço de Sousa propriedades em Outeiro, Souto, Nogueira e Boelhe (*L. Test.* 57 r, 24 r).

2. Garcia (1128), filho de Senda Tedonis, proprietário em Mosqueiros, Oldrões e Boelhe, que dá a Paço de Sousa antes 1154, data em que é dado como falecido (*L. Test.* 21 v, 32 r). Confirma a doação de Pindelo ao mosteiro de Pedroso feita por seu [meio-irmão] Monio em 1128 (TT Pedroso III 1).

VI. Descendentes de Aboazar Lovesendes

A. ABOAZAR LOVESENDES (978) c/c Unisco Godinhes (978).

O nascimento deste personagem foi rodeado por uma lenda em que é difícil isolar a realidade histórica (*L. Velho* II 21). Além disso não se encontram documentos em que tivesse intervindo directamente, apesar da importância que a lenda lhe atribui. Todavia a sua existência é indubitável, porque testemunhada por duas fontes independentes (A. C. de SOUSA, *Provas* III-II, págs. 121-122 e A. de J. da COSTA, *O bispo D. Pedro*, II, pág. 418; sobre a autenticidade do primeiro documento, ver J. MATTOSO, *Le monachisme ibérique*, págs. 42-43), além dos livros de linhagens, e ainda pela existência bem clara

ESQUEMA GENEALOGICO

V

dá ao mosteiro de Paço de Sousa bens
(*L. Test.*, 19 v-20 r).

7 não tinha filhos e deu todos os bens
situados em Covelas e Arouca (DP 252).
-1149), que, como todos os seus irmãos
s, Bragueses, Luzim e Vila Boa de Qui-
e Sousa, 220; *L. Test.*, 21 r-v); em 1149
(TT Pendorada IX 38).

oteia Osore (1106-1121).

de, Vilar, Vila Meã (TT Pedroso III
, doc. 36; TT Arouca 115). Foi gover-
martinho Moniz entre 1105 e 1115 (DP

-1121), mencionada em DP 230, MEI-
á viúva neste último documento. Toda-
sem dúvida que não se pode confundir
ome, porque se declara neto de Monio
Tedonis, que ainda está viva em 1154.
ivem a Egas Moniz pode supôr-se que
mo.

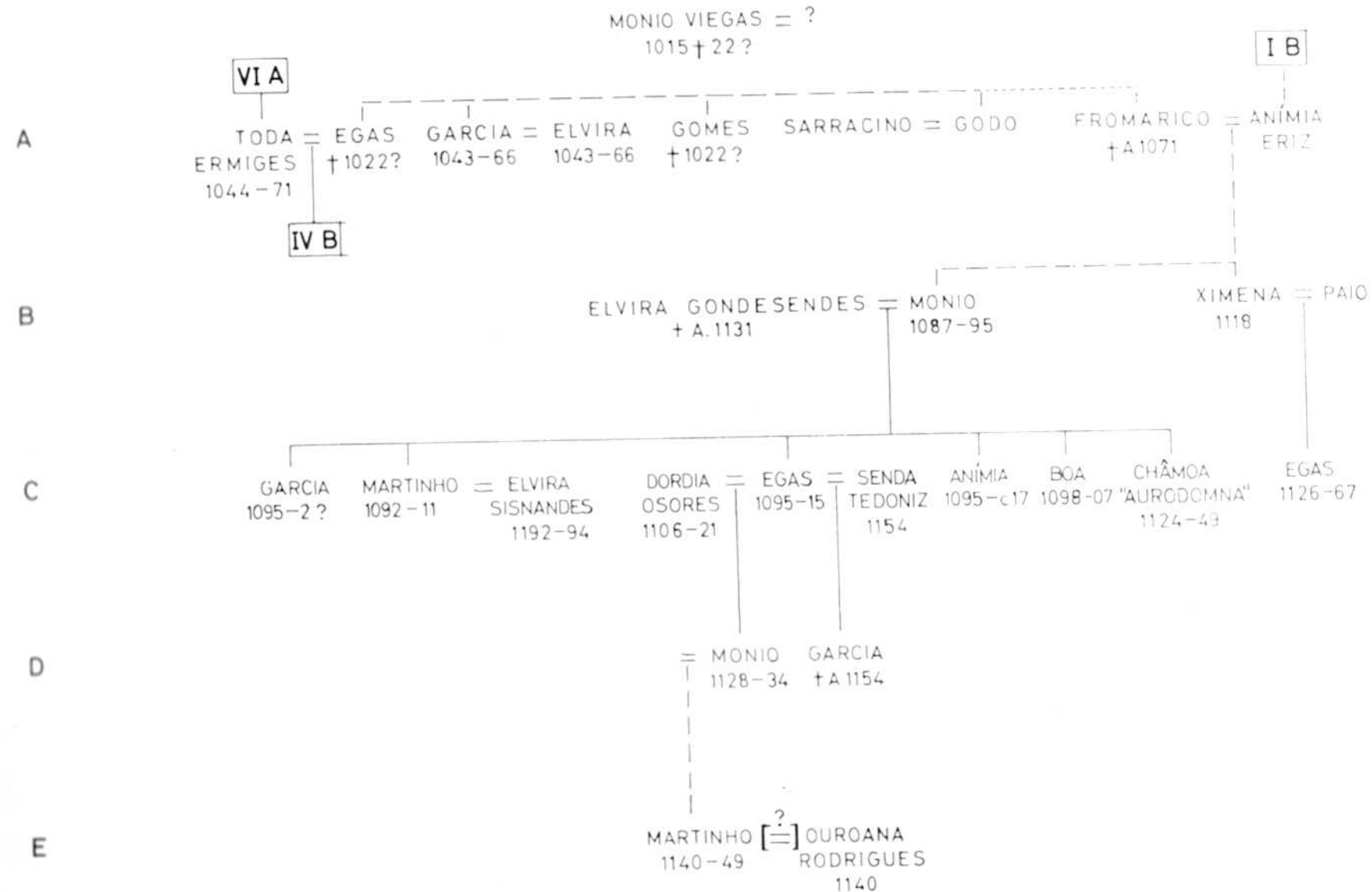
filho de Doroteia Osore, proprietário
lhos, Oldrões e Ermegilde, que deu a
Paço de Sousa, doc. 36). A herdade de
nesmo tempo aos mosteiros de Pedroso
lida entre ambos (TT Pedroso III 1, 6).
martinho Moniz (1140-1149) c/c Ouroana
eiro de Paço de Sousa propriedades em
(*L. Test.* 57 r, 24 r).

a Tedonis, proprietário em Mosqueiros,
e Sousa antes 1154, data em que é dado
Confirma a doação de Pindelo ao mos-
o-irmão] Monio em 1128 (TT Pedroso

de Aboazar Lovesendes

Unisco Godinhos (978).

a foi rodeado por uma lenda em que é
Velho II 21). Além disso não se encon-
ervindo directamente, apesar da impor-
ia a sua existência é indubitável, porque
pendentes (A. C. de SOUSA, *Provas III*.
O bispo D. Pedro, II, pág. 418; sobre a au-
ver J. MATTOSO, *Le monachisme ibérique*,
agens, e ainda pela existência bem clara



de personagens com o sobrenome Aboazar: Janardo (DC 478, 510), Lovesendo (DC 183) e Trutesendo (*Sta. Cruz* 154 r, 206 v). Fundou o mosteiro de Santo Tirso em 978 (A. de J. DA COSTA, l.c.) e teve, segundo A. C. DE SOUSA, l.c. os seguintes filhos:

1. Lovesendo (999) c/c uma filha de Egica Honoriques. Teve uma questão com Vimara Moniz e o mosteiro de Guimarães sobre uma vila em Soutelo (DC 183). O documento de Santo Tirso tantas vezes citado (A. C. DE SOUSA, *Provas* III-II, pág. 121) enumera como seus descendentes em 1092: Gonçalo Nunes, Trastemiro Nunes, Egas Pais e Egas Lovesendes. Foi-me impossível estabelecer a ligação que tiveram entre si.

2. Ermígio c/c Vivili Trutesendes (1015). Os livros de linhagens atribuem-lhes uma filha, Toda (1044-1071), que efectivamente está documentada como filha de Vivili Trutesendes, como vimos em I B, C e em IV B. Com efeito os seis descendentes que o documento de 1092 lhe atribui, estão todos documentados como descendentes de Toda Ermiges: Egas Ermiges e Monio (*Nonio*) Ermiges serão filhos de Ermígio Viegas (1043-1068) e portanto netos de Toda pelo seu primeiro casamento (IV C); Paio será Paio Peres «Romeu» (1090-1110), filho de segundo casamento de Toda com Pero Trutesendes (I C); Trastemiro Moniz e Egas Moniz são filhos de Monio Viegas (1044-1081), portanto netos de Toda Ermiges pelo seu primeiro casamento (IV D'); finalmente Garcia Eneguiz (1092-1109) é filho de Enego Viegas, também neto de Toda pelo seu primeiro casamento (IV B).

3. Trastemiro. SEGUE.

4. Ausenda, possivelmente c/c Piniolo, porque Trastina, Sancha e Garcia Pinioliz, proprietários em Palmazão (Santo Tirso) (J. P. RIBEIRO, *Dissertações*, I, doc. 15; DC 382) estão relacionados com os descendentes de Ausenda, que se indicam no documento de 1092, conforme se verá em seguida. Todavia, não encontramos vestígios directos nem de Ausenda nem de Piniolo na documentação ao nosso dispor.

Filhos: a. Toderio (1092): hipótese frágil, porque nesse caso teria em 1092 muita idade (A. C. DE SOUSA, *Provas* III-II, pág. 121).

b. Trastina (1008-1046) c/c Ederónio Alvites (990-1016). Sobre este casal, com propriedades em Costoias e Palmazão, ver: *Sta. Cruz* 184 v; DC 163, 195, 199, 203, 204, 208, 215, 227, 328, 342, 382, 435; J. P. RIBEIRO, doc. cit.). Fundaram os mosteiros de Pedroso (J. P. RIBEIRO, *ibid.*) e de Sesmonde (*Censual* 228). Ederónio devia ter casado antes com outra mulher, porque tinha filhas, enquanto Trastina se declara sem descendentes em 1046 (J. P. RIBEIRO, l.c.). Por isso Trastina deixou os bens próprios à irmã Sancha e à sobrinha Trastina, filha de Garcia (*ibid.*). Os filhos do primeiro casamento de Ederónio são talvez Egas e Godinha, que em 1041 vendem uma herdade em Costoias, que tinham de seu pai, «domno Ederonio» (sem patronímico), por um cavalo de 100 soldos (DC 312).

c. Sancha (1046), possivelmente c/c Pedro Moniz de Riba Douro (1064-1070). De facto Pedro Moniz casou com uma mulher chamada Sancha (DC 441). O Afonso Peres, patrono de Santo Tirso em 1092, seria, portanto, filho de ambos.

d. Garcia (1052-1083) c/c Ledegúndia Bermudes (1052-1083). Proprie-

tários em Palmazão e Parada (DC 382, 616). Ledegúndia deve ser filha de Bermudo Quiriaci e de Ermesenda, e irmã de Arias (1080) e Ermentro «Maddredona» c/c Gondesendo (1080-1112) (DC 578, 797; DP 417). Foram filhos de Garcia:

—Piniolo (1069-1095), que conf. dois documentos de Moreira (DC 475, 823) e é patrono de Santo Tirso em 1092. Há um Garcia Pinioliz e um Guterre Pinioliz que conf. o LF 205 (= DP IV 99) em 1119. Serão filhos de Piniolo Garcia?

—Gontrode (1030-1100) c/c Trutesendo Guterres (1030-1109), cuja descendência segue em VII C. Deve ser filho de ambos Garcia Trutesendes, patrono de Santo Tirso em 1092.

—Sancha (1093-1099), proprietária em Parada, como seus pais (DC 616, 729).

—Trastina «Vitadonna» (1032-1090), proprietária em Gatões (DC 277), sobrinha de Trastina Pinioliz (J. P. RIBEIRO, l.c.) e filha de Garcia Pinioliz (*Sta. Cruz* 163 v; DC 733).

e. «Cid», de que não aparecem vestígios nos documentos coevos. Todavia, a descendente que se lhe atribui no documento de 1092, Ausenda Todereis, era certamente filha de Toderedo Fromariques «Cid» c/c Faregia (ver II E, F). Não é impossível que este Toderedo (também chamado *Torsario* ou *Torsario*) seja o mesmo que Trutesendo Abunazar c/c Vistregia (nesse caso = Faregia), que confirma um documento em 1036, nesta mesma região da Maia (*Sta. Cruz* 206 r; para a data, ver *ibid.* 154 v), e cuja filha Anímia tinha propriedades em Vilar do Pinheiro em 1061 (DC 430). Com efeito, vê-se neste último documento que Trutesendo era filho de Cid. Se suposermos que Abunazar era uma espécie de nome de família, e «Cid» um cognome herdado do pai, restará explicar a forma Toderedo como uma corrupção de Trutesendo e Faregia como uma variante de Vistregia. Que o leitor decida se se podem ou não aceitar tantos nomes para uma só pessoa. Se aceitar a hipótese aqui apresentada, pode ver a sua descendência em II E, F.

B. TRASTEMIRO ABOAZAR c/c Dórdia Soares?

Não se encontrando qualquer vestígio documental sobre estes esposos temos de nos contentar com as informações fornecidas pelos livros de linhagens, quanto à sua mulher, Dórdia Soares, e à sua descendência (*L. Velho* II, 41); de facto encontraremos mais tarde, como patronos de Santo Tirso, os netos de Gonçalo Trastemires.

1. Gonçalo. SEGUE.

2. Fernando, de que não conheço documentação alguma. Não se deve confundir com Fernando Sandiniz c/c Elvira, que de facto vive também nesta região (como faz A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 106, nota 42), mas é filho de Sandino Soares e Ximena (DC 133), e provém da região do Vouga (como o mesmo A. reconheceu depois: *Do Porto veio Portugal*, 121).

3. Ermesenda, de que também não conheço outras notícias.

4. Unisco, que não é mencionada no *L. Velho* II, mas que, tendo casado com Monio Viegas II (1044-1081), de uma família tão relacionada com a da

Maia, e sendo o nome Trastemiro bastante raro, é muito possível seja filha de Trastemiro Aboazar, como sugere também A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 103, nota 19. Ver a sua descendência em IV C'.

C. GONÇALO TRASTEMIRES (1034-1038), c/c Unisco Sisnandes (1045).

Conquistou Montemor aos Mouros em 1034 (APV 295), foi morto em Avioso em 1038 (APV 296). Aparece a conf. uma doação em Leça (DC 222 de [1035]) e a julgar um pleito a respeito do mesmo mosteiro em 1032 (DC 273). Foi proprietário em Pedroso (DC 549).

Mulher: Unisco, nome indicado pelos livros de linhagens e confirmado pelo DC 871, onde se diz chamar-se Unisco a avó de Sociro Mendes, proprietária do mosteiro da Lavra. O patronímico foi deturpado nas cópias sucessivas dos livros de linhagens: o *L. Velho* II traz «Fernandes», filha de Fernão (com a variante Sesnã) Dias; o *Nobiliário*, t. 16, pág. 277, traz Soares, filha de Sesnã Dias. A leitura «Sisnandes» é apoiada pelo facto de aparecer uma Unisco Sisnandes a confirmar o DC 342, de 1045, ao lado de seu [filho] Mendo Gonçalves. Os nomes de Mécia Godins ou Rodrigues, dados pelo *L. Velho* I, 58 e pelo *Nobiliário*, l.c., parecem de regeitar.

Filhos: 1. Mendo, segundo os APV 298 e os livros de linhagens (I, 58; II, 42; *Nobiliário*, t. 16). SEGUE.

2. Ermesenda, segundo o *L. Velho* II, 42 e o *Nobiliário*, t. 16, que a dizem sem descendência.

3. Gontinha c/c Egas Gomes de Sousa, segundo o *L. Velho* I, 58. Mas o *L. Velho* II, 22, 24 diz que Egas Gomes é c/c Gontinha Mendes, filha de Mendo Gonçalves; e o *L. Velho* III, 58 e o *Nobiliário*, t. 22, pág. 289, com Gontinha Gonçalves, filha de Gonçalo Mendes.

4. Toda († ant. 1047): segundo a série de deduções apresentadas em IX B 1, é provável que Gonçalo Trastemires tivesse uma filha de nome Toda c/c Paio Gonçalves, filho de Gonçalo Viegas, o qual já em 1047 estava c/c outra mulher.

5. Gontrode († ant. 1114) c/c Honoricô Gonçalves (1057), porque possui o mosteiro da Lavra, que pertencia a sua [mãe] Unisco Sisnandes (DC 871; DP 488). Ver a sua descendência em IX B.

D. MENDO GONÇALVES (1045-1065) c/c Ledegúndia Soares «Tainha».

Mencionado, como seu pai, nos *Annales portucalenses veteres* como tendo desempenhado figura de grande relevo em Portugal, e falecido em 1065 (APV 298). Pode identificar-se com o Mendo Gonçalves que preside a um julgamento na região da Maia em 1053 (DC 387) e assiste a outro em Guimarães, em 1050 (DC 376), conf. com sua [mãe] um documento de Leça em 1045 (DC 342), acompanha o rei Fernando Magno em 1049 e 1053 (DC 372, 384) e é chamado «infância de Portugal» num julgamento em Palencia, perante o mesmo rei, em 1059 (DC 421).

Mulher: Ledegúndia Soares, mencionada apenas pelos livros de linhagens, que lhe dão o sobrenome de «Tainha» e a fazem filha de Sociro Geendes, Guedes ou Godins, da Várzea (*L. Velho* I, 58, 102; II, 42; *Nobiliário*, t.

16 pág. 277). A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 102 identifica este último com Soeiro Galindes, senhor da região de Riba Cávado.

Filhos: 1. Gonçalo (1068-1110): segundo o testemunho expresso de DC 521.

Propriedades: S. Tomé de Negrelos (DC 515 de 1074), Várzea de Guimarães (DP 512 de 1115), Murraceses (DC 521 de 1075), mosteiro de Santo Tirso em 1092 (A. C. DE SOUSA, *Provas*, III-II, pág. 121), Soalhães (Famalicão) (LF 137, 138 de 1085), Pindelo (DC 697 de 1088), Leitões (Guimarães) (LF 154, 156, de 1100). Preside a um julgamento em Lage (Vila Verde) em 1073 (LF 621). Conf. um documento em Coimbra na corte de Afonso VI em 1085 (DC 641). Devem também referir-se-lhe os seguintes documentos, em que serve de ts. ou conf.: DC 474 (de 1068), 829; DP 41, 306, 359; LF 108, 110. O *L. Velho* I, 71, diz que foi c/c Urraca Teles, e o *Nobiliário* t. 16, pág. 280, com Leonor Viegas, filha de Egas Moniz «Aio». Esta última versão, como vimos, é pouco provável, porque o «Aio» parece não ter nenhuma filha com este nome (cf. IV E).

2. Soeiro, segundo o *L. Velho* I, 58; II, 23, 42; *Nobiliário*, t. 16, confirmado por ser irmão de Gonçalo Mendes (LF 137, 138) e patrono de Santo Tirso (A. C. DE SOUSA, *Provas*, III-II, pág. 121). SEGUE.

3. Maior, que, segundo o *L. Velho* II, 42, foi «monja» em Santo Tirso e senhora de Burgães. É possível que se trate de confusão com Maior Mendes, devota, filha de Mendo Moniz, como já vimos (IV D).

4. Dórdia (1088) c/c Paio Guterres, segundo o *L. Velho* II l.c., confirmado pelo LF 622 (cit. por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 109, nota 55).

E. SOEIRO MENDES o «BOM» (1081-1103) c/c Gontrode Moniz (1100).

«Prepotens et nobilissimus omnium Portugalensium», como diz um documento de Santo Tirso (A. de J. da Costa, *O bispo D. Pedro*, II, págs. 419-420). Efectivamente desempenhou papel importante junto do conde D. Henrique, pois foi governador de várias terras, ou mesmo representante do conde na administração do condado, durante a sua ausência (DP 112; DC 914; *Sta. Cruz* 182 v; APV 301) e recebeu em seu favor a primeira carta de couto outorgada por D. Henrique (DR 4 de 1097). Conf. um documento de Afonso VI em 1085 (DC 641) e um documento de D. Henrique dado em Sahagún (Arq. Hist. Nac. de Madrid, *Becerro gótico de Sahagún* 44 r de 11 de Julho de 1100); e ainda: LF 108 de 1081; 110 de 1082; 125 de 1088. Con testa, com Gonçalo Mendes, a herança de Froila Crescones ant. 1099, que depois foi parcialmente dada a *Varxena* (LF 219).

Propriedades: padroado de Santo Tirso (A. C. DE SOUSA, *Provas*, III-II, pág. 121; A. de J. da Costa, l.c.; DC 871; DR 4), Pigeiros (DC 912) e Soalhães (Famalicão) (LF 137, 138). Morreu provavelmente entre 1103 e 1108, fora do país. Com efeito parece identificar-se com o *magnate* Soeiro Mendes que a *Vita Sancti Geraldii* diz ter falecido fora de Portugal, em vida do Santo, e por castigo divino (SS 56). Os argumentos para esta identificação, são os seguintes, além da designação *magnate*: 1. O desaparecimento do seu nome da cena política e da corte depois da viagem do conde D. Henrique ao estran-

linhagens, pág. 102 identifica este região de Riba Cávado. segundo o testemunho expresso de

os (DC 515 de 1074), Várzea de (DC 521 de 1075), mosteiro de Provas, III-II, pág. 121), Soalhães elo (DC 697 de 1088), Leitões (Gui-e a um julgamento em Lage (Vila documento em Coimbra na corte de também referir-se-lhe os seguintes inf.: DC 474 (de 1068), 829; DP 41, l, diz que foi c/c Urraca Teles, e o Viegas, filha de Egas Moniz «Aio». o provável, porque o «Aio» parece f. IV E).

3; II, 23, 42; Nobiliário, t. 16, con-es (LF 137, 138) e patrono de Santo pág. 121). SEGUE.

I, 42, foi «monja» em Santo Tirso e de confusão com Maior Mendes, vimos (IV D).

segundo o L. Velho II l.c., confir-mes, Acção das linhagens, pág. 109,

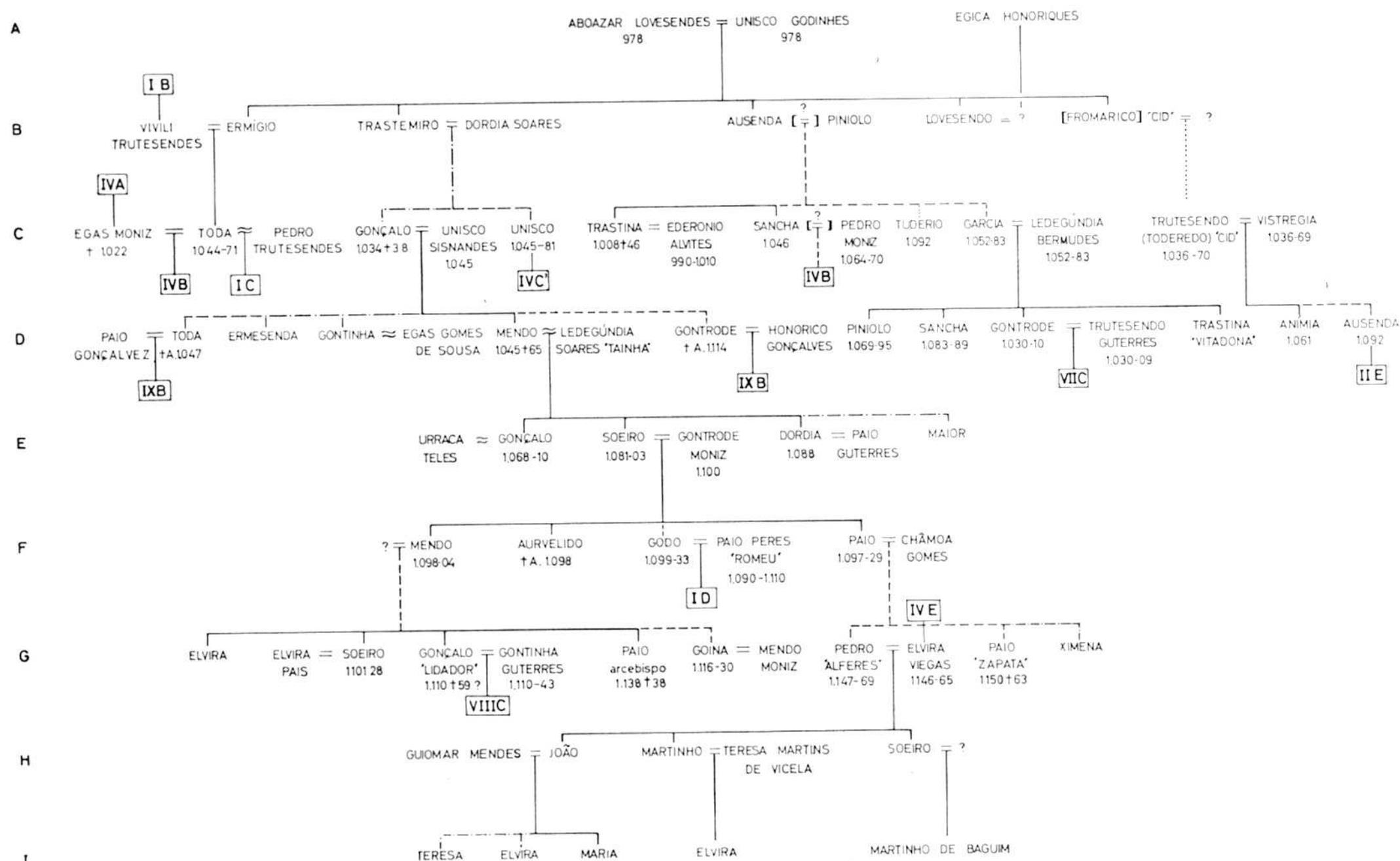
3) c/c Gontrode Moniz (1100).

n Portugalensium», como diz um COSTA, O bispo D. Pedro, II, págs. papel importante junto do conde rias terras, ou mesmo representante, durante a sua ausência (DP 112; cebeu em seu favor a primeira carta R 4 de 1097). Conf. um documento documento de D. Henrique dado Becerro gótico de Sabagún 44 r de 11 81; 110 de 1082; 125 de 1088. Con-de Froila Crescones ant. 1099, que (LF 219).

so (A. C. DE SOUSA, Provas, III-II, ; DR 4), Pigeiros (DC 912) e Soa-provavelmente entre 1103 e 1108, arse com o magnate Soeiro Mendes ora de Portugal, em vida do Santo, ntos para esta identificação, são os . O desaparecimento do seu nome m do conde D. Henrique ao estran-

ESQUEMA GENEALOGICO

VI



geiro em 1101-1103 (cf. H. BARRILARO RUAS, art. no *Dicionário de História Hist. de Portugal*, II, 1965, págs. 417-418) durante a qual fica a governar o condado com D. Teresa (DP 112), o que contrasta com a importância política dos cargos desempenhados antes (cf. os índices dos DR. O Soeiro Mendes que conf. documentos régios de 1109 a 1128 não ostenta nunca nenhum título especial); 2. a época em que viveram os dois irmãos que geralmente se lhe atribuem, Gonçalo o «Lidador» e Paio, arcebispo de Braga, respectivamente em 1110-1159 e 1118-1138, e que não parecem ser da mesma geração que Soeiro. Sendo certo que o arcebispo teve um irmão chamado Soeiro (LF 441), deve-se distinguir este do Soeiro da geração anterior; 3. Um documento de Moreira de 1109 fala numa propriedade ali situada que confinava «cum filios de Suario Menendiz»; se este não tivesse falecido, mencioná-lo-ia a ele próprio como possuidor (DP 329).

Mulher: Gontrode Moniz (1100), segundo DC 914 (data corrigida em DR pág. XL, nota 34), que confirma o *L. Velho* II, 23, 42. É portanto de regeitar o nome de Urraca dado pelo *L. Velho* I, 58. O *L. Velho* II, l.c. diz que Gontrode era filha do conde Monio de Biscia (ou Monio da Maia, segundo o *Nobiliário* t. 16, por corrupção evidente do texto primitivo). Não é impossível que seja alguém da casa de Riba Douro, dadas as ligações existentes entre as duas famílias (cf. IV C e D). Casado segunda vez com Dordia Nunes das Astúrias, segundo o *L. Velho* II, l.c., ou Ervelhido Nunes, segundo o *Nobiliário*, t. 16. Se está certa a hipótese que apresentamos de Soeiro Mendes ter morrido em 1101-1103, este segundo matrimónio é improvável. A contradição das duas fontes não abona em seu favor.

Filhos: O *L. Velho* II 42 atribui-lhe seis filhos legítimos, Paio, Goda, Godinha, Teresa, Urraca e Mor (ou Maria, segundo o *L. Velho* I e o *Nobiliário*), dos quais só os dois primeiros e a última são mencionados pelos outros livros de linhagens. Como é muito possível uma confusão deste Soeiro Mendes com o seu [neto] do mesmo nome, mencionamos apenas os dois primeiros, de que se encontram vestígios nos documentos coevos, e mais dois, de que os livros de linhagens não falam.

1. Paio: segundo o *L. Velho*, II, 42.

2. Godo (1099-1133) c/c Paio Peres «Romeu». Ver a documentação citada em I D, onde se indica também a sua descendência.

3. Mendo (1098-1104), que não é mencionado pelos livros de linhagens, mas está documentado como filho de Soeiro Mendes em DC 871, 914. É provavelmente o Mendo Soares que em 1104 liberta um escravo (documento de S. Simão da Junqueira, DP 183). Em conformidade com a hipótese apresentada a propósito da data da morte de seu pai, proponho se considerem filhos deste:

a. Soeiro Mendes (1109-1128), talvez o mesmo que é c/c Elvira Pais e com ela compra propriedades em Baguim (Gondomar) em 1120 (TT Rio Tinto I 19, 20) e que conf. documentos régios até 1128 (DR índices). Foi sem dúvida a ele que a condessa D. Teresa ofereceu uma propriedade em Lamas ou Lanhas em 1112 (DR 36), herdada por seu irmão o arcebispo D. Paio (LF 441). Deste último documento se vê que faleceu ant. 1133.

b. Gonçalo (1110-1159?), que identificamos com o «Lidador», morto em Beja, segundo o *L. Velho* I, 71 (o que não podia ter sucedido ant. 1159; cf. A. DE AZEVEDO, *A terra da Maia*, pág. 34). Provavelmente será o mesmo que c/c Gontinha Guterres (1110-1143), patrona do mosteiro de Rio Tinto, e que adquire numerosas propriedades em S. João da Madeira pelos anos 1110-1143 (DP 358; TT Rio Tinto I 18, 21, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34; II 1, 2, 8; TT Arouca 127). Ver a descendência de ambos em VIII C 3.

c. Paio, arcebispo de Braga (1118-1138), que se diz irmão de Soeiro em LF 441. Sobre este personagem, ver J. A. FERREIRA, *Fastos episcopais da igreja primacial de Braga*, I, Braga 1928, pág. 253 e ss. Será ele o Paio Soares que conf. uma doação de Adivergo «Boa» em 1101 (DP 22)? Ver o seu testamento no LF 560.

d. Goína (1116-1130), que o *L. Velho* II, 42, 22, 24 diz ser irmã de Soeiro Mendes o «Bom» e c/c Egas Gomes de Sousa (em contradição com o *L. Velho* I, 32; III, 58; *Nobiliário*, t. 22, pág. 289), e que consideramos antes neta de Soeiro Mendes, e c/c Mendo Moniz de Riba Douro, dada a época em que viveu. Se se aceitar esta hipótese, veja-se a sua descendência em IV D.

e. Elvira c/c Enego Pais, pais de Pedro Roxo (1128-1140), notário de D. Afonso Henriques. Com efeito o arcebispo Paio Mendes chama a Pedro Roxo seu sobrinho (LF 560) e este menciona, noutro documento, os nomes de seus pais, já indicados (DR págs. LXVIII-LXIX).

4. Aurvelido († ant. 1098), citada, como já falecida, em DC 871.

F. PAIO SOARES (1094-1129), c/c Châmoa Gomes.

Personagem importante da corte de D. Henrique, o que não admira, dadas as relações que o Conde teve com seu pai. Efectivamente, foi mordomo-mór em 1097 (DR 4), governador (*alcaide*) de Montemor em 1099 (DC 918) e da Maia em 1110-1128 (DR 17, 24, 81) e alferes de D. Teresa em 1122 (DR 30). Conf. documentos régios até 1129 (DR 98; cf. os índices). O sobrenome «Zapata» que lhe é atribuído pelo *Nobiliário*, t. 16, provém, sem dúvida, de confusão com seu filho Paio Pais. Deve ser o mesmo que em 1104 deu bens importantes em Vila do Conde e famalicão ao mosteiro de S. Simão da Junqueira (DP 158).

Mulher: Châmoa Gomes, filha do conde Gomes Nunes de Pombeiro, segundo o *L. Velho* II, 42. O *L. Velho* I, 34, 59; III, 59 e o *Nobiliário*, t. 16, § 2 chamam-lhe Loba. A primeira destes fontes diz que esta Châmoa Gomes foi mãe do filho ilegítimo de D. Afonso Henriques, Fernando Afonso.

Filhos (segundo o *L. Velho* II, 23, 43):

1. Pedro: confirmado por ter sido alferes de D. Afonso Henriques. SEGUE.

2. Paio «Zapata» (1150†1163), que de facto aparece com o patronímico Pais em DR 272, 273, 275. Citado nos documentos régios de 1050 a 1162 (DR 233 a 280; cf. os índices) e falecido em 1163, conforme se vê no seu epitáfio. A de MATOS, *Algumas inscrições medievais do Douro-Litoral*, Porto, 1947, págs. 62-63. Falecido sem descendência, segundo o *L. Velho* II, 23, 43.

3. Ximena c/c Gonçalo Pais Curvo: *L. Velho* I, 53, 59; II, 23; III, 54; *Nobiliário*, t. 16 § 2.

G. PEDRO PAIS «ALFERES» (1147-1169) c/c Elvira Viegas (1146-1165).

Desempenhou o cargo de alferes de D. Afonso Henriques de 1147 a 1169. Citado nos documentos régios DR 223 a 299 (cf. índices). Mencionado frequentemente nas Inquirições (*Inq.* 475, 496, 507, 512, 530, etc., cit. por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 110, nota 59; A. DE AZEVEDO, *A terra da Maia*, pág. 25).

Mulher: Elvira Viegas (1146-1165), segundo o *L. Velho* I, 59; II, 42-43; III, 59; *Nobiliário*, t. 16, § 2, que a declaram também filha de Egas Moniz o «Aio». De facto Egas Moniz teve uma filha com este nome que viveu pelos anos 1146-1165. Ver a documentação que lhe diz respeito em IV E.

Filhos: Os livros de linhagens atribuem-lhe como filhos João, Martinho, Soeiro, Sancha, Ximena e Urraca (mencionada só pelo *L. Velho* I, 59, 84). Destes, citamos apenas os três primeiros, que se encontram na documentação coeva.

1. João. SEGUE.

2. Martinho c/c Teresa Martins de Vizela: mencionado nas *Inq.* 30, 521, etc., cit. por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 110, nota 59; teve uma filha, Elvira, mencionada nas *Inq.* 530, cf. A. DE AZEVEDO, o.c., pág. 25.

3. Soeiro, pai de Martim Soares de Baguim (cf. A. DE AZEVEDO, o.c., pág. 27).

H. JOÃO PIRES DA MAIA c/c Guiomar Mendes de Sousa.

Mencionado, como seu pai e irmãos, nas *Inq.* 30, 521, etc., cit. por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, pág. 110, nota 59. cf. A. DE AZEVEDO, o.c., pág. 25.

Mulher: Guiomar Mendes de Sousa, filha de Mendo Gonçalves de Sousa, segundo o *L. Velho* I, 59; II, 29; III, 61; *Nobiliário*, t. 23, pág. 291; mencionada também nas inquirições, segundo A. DE AZEVEDO, o.c., pág. 25.

Filhos, segundo os livros de linhagens, l.c.:

1. Teresa c/c Fernando Anes da Galiza (ou de Lima).

2. Elvira c/c Rui Gomes de Briteiros; cf. A. DE AZEVEDO, o.c., pág. 27.

3. Maria c/c Gil Martins de Riba de Vizela. Citada nas *Inq.* 496, cit. por A. FERNANDES, *Ação das linhagens*, l.c.; cf. A. DE AZEVEDO, o.c., pág. 25.

VII. Trutesendo Guimires e seus descendentes

A. TRUTESENDO GUIMIRES (c. 976-1027) c/c Aragunte (1009-1056).

Neto de D. Evenando (*Sta. Cruz* 184 v-185 r), filho de Anímia (Id. 198 r-v). Este D. Evenando era proprietário em Freixieiro, com sua mulher Trulli Davidis em 909 (*Sta. Cruz* 199 r). Como Trutesendo Guimires tem em 1019 três sobrinhos de patronímico Invenandiz (id. 153 v), que deve ser uma variante de Evenandes, podemos legitimamente supor que tivesse

um irmão chamado Evenando; o pai de ambos poderia portanto ter-se chamado Guimiro Evenandes, c/c Anímia. Se não há qualquer vestígio deste nome nos documentos conhecidos, é muito possível que o «magister» Evenando, que era um funcionário na região de Leça «sub presidente» o conde Mendo Gonçalves em 1004 (DC 193), e que aparece também em 1021 e 1025 (DC 248, 258), fosse precisamente esse Evenando Guimires, [irmão] de Trutesendo Guimires. Assim, compreende-se que Trutesendo exercesse funções judiciais na mesma região em 1018 (*Sta. Cruz* 200 v), e que seu [filho] (provavelmente) Diogo Trutesendes desempenhe mais tarde importantes funções administrativas no Condado Portucalense (ver VIII A).

Propriedades: Louredo, Guilhabreu, igreja de S. Veríssimo de Paranhos, Freixieiro (DC 210, 216; *Sta. Cruz* 153 v, 184 v-185 r) e patrono do mosteiro de S. Salvador (de Moreira?), que tinha sido comprado por seu pai (*Sta. Cruz* 198 r-v). Ts. em 1027 (DC 262).

Mulher: Aragunte (1009-1036): DC 210; *Sta. Cruz* 206 v.

Filhos: 1. Guterre: assim o declara expressamente *Sta. Cruz* 206 v. SEGUE.

2. Diogo (provavelmente), porque tem o mesmo patronímico, vive na mesma região, e é proprietário do mosteiro de Moreira (DC 542). Segue em VIII A.

B. GUTERRE TRUTESENDES (1031-1060) c/c Ermentro Gondesendes (1031-1057).

Propriedades: Guilhabreu, Terroso, Vila Chã, Arões, Loureiro, Gemunde, Lagoa, Gondinhães (DC 270, 281, 323, 355, 359, 364, 387, 404).

Desempenhou funções judiciais em 1048 (DC 362) e conf. vários documentos em 1042, 1048 e 1060 (DC 319, 365, 425).

Mulher: Ermentro Gondesendes (1031-1057), citada em DC 270, 281, 323, 331, 355, 364, 404. Sem dúvida é filha de Gondesendo Vitisciliz, de quem deve ter herdado as propriedades em Lagoa (Ovar), conforme se indica em III B.

Filhos: 1. Trutesendo, segundo diz expressamente DC 681. SEGUE.

2. Gotinha (1072): provavelmente [irmã] de Gonçalo, porque lhe faz uma doação importante em 1072, e recebe dele auxílio (DC 502). Ver a sua descendência em VIII B.

3. Gonçalo (1042-1115): declara-o expressamente o DC 829. Propriedades: Perafita, Gemunde, Mindelo, Vilarinho, Arões, Carvalhido, Figueiró, Vila do Conde, Freixo, Guilhabreu, Cornes, Azevedo, Vairão, Zebreiros, Rio Tinto, Campanhã, *Perazi*, Serzedo, Sergueiros, Ossela, Sezures, Arnoso, Terroso, *Valar*, Adoufe, *Castanaria*, *Tanuz*, *Egaredi* (DC 458, 472, 476, 480, 483, 491, 493, 501, 502, 506, 508, 530, 541, 554, 577, 584, 611, 625, 629, 638, 661, 710, 748, 783, 788, 795, 823, 829, 845, 846, 881; DP 29, 33, 41, 306, 490, 507, 511; TT Vairão I 18; *Sta. Cruz* 6 v, 194 r, 199 v). Ts. ou conf. os seguintes documentos: DC 319, 476, 491 (na corte do rei Garcia), 521; *Sta. Cruz* 216 v. Mulher: Elvira Gonçalves (1067-1115), citada na maior parte dos documentos mencionados acerca das propriedades do marido, desde DC 458 até DP 511. Era filha de Gonçalo Raupariz (ver X C). Filhos:

a. Monio (1126), segundo *Sta. Cruz* 6 v; proprietário em Arões de bens que deu ao mosteiro de Moreira (ibid.).

ambos poderia portanto ter-se cha-
Se não há qualquer vestígio deste
ito possível que o «magister» Eve-
o de Leça «sub presidente» o conde
ue aparece também em 1021 e 1025
se Evenando Guimires, [irmão]
ecende-se que Trutesendo exercesse
1018 (*Sta. Cruz* 200 v), e que seu
desempenhe mais tarde impor-
ado Portucalense (ver VIII A).
a, igreja de S. Veríssimo de Pa-
Cruz 153 v, 184 v-185 r) e patrono
(), que tinha sido comprado por seu
C 262).

C 210; *Sta. Cruz* 206 v.
expressamente *Sta. Cruz* 206 v. SEGUE.
tem o mesmo patronímico, vive
osteiro de Moreira (DC 542). Segue

Ermentro Gondesendes (1031-1057).
Vila Chã, Arões, Loureiro, Ge-
281, 323, 355, 359, 364, 387, 404).
1048 (DC 362) e conf. vários docu-
365, 425).

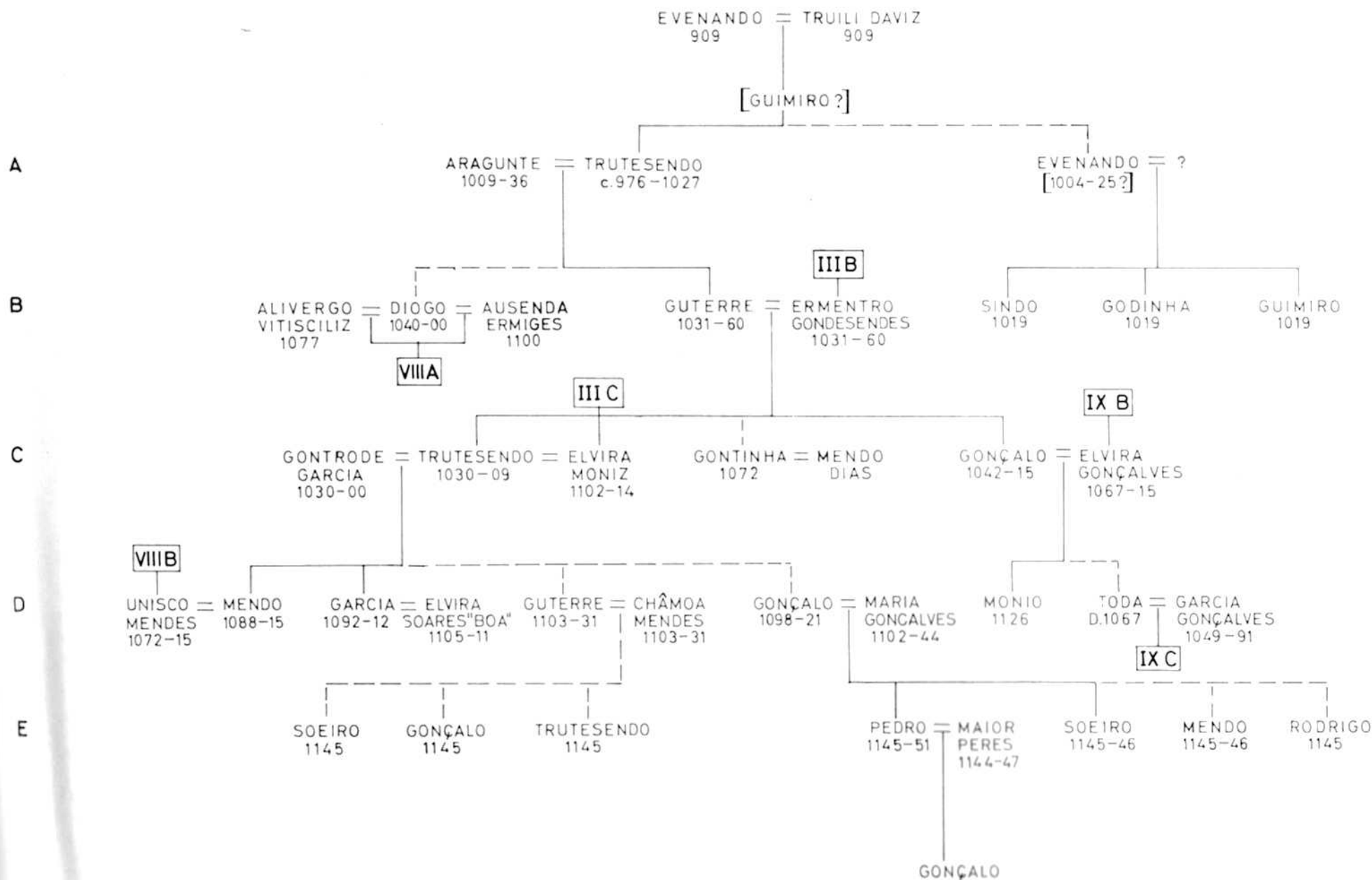
1031-1057), citada em DC 270, 281,
filha de Gondesendo Vitisciliz, de
s em Lagoa (Ovar), conforme se

expressamente DC 681. SEGUE.
irmã] de Gonçalo, porque lhe faz
de dele auxílio (DC 502). Ver a sua

expressamente o DC 829. Proprie-
rinho, Arões, Carvalhido, Figueiró,
rnes, Azevedo, Vairão, Zebreiros,
ergueiros, Ossela, Sezures, Arnoso,
z, *Egaredi* (DC 458, 472, 476, 480,
541, 554, 577, 584, 611, 625, 629,
, 845, 846, 881; DP 29, 33, 41, 306,
uz 6 v, 194 r, 199 v). Ts. ou conf.
491 (na corte do rei Garcia), 521;
lves (1067-1115), citada na maior
erca das propriedades do marido,
onçalo Raupariz (ver X C). Filhos:
z 6 v; proprietário em Arões de
bid.).

ESQUEMA GENEALOGICO

VII



b. Toda c/c Garcia Gonçalves (1049-1091), porque Gonçalo Guterres tem dois *neptos*, Gonçalo Garcia e Elvira Garcia (DC 881), que sabemos serem filhos de Toda Gonçalves (*Sta. Cruz* 170 v). Por outro lado, este Garcia Gonçalves c/c Toda não pode ser filho de Gonçalo Trutesendes, conforme poderia sugerir o patronímico, porque Elvira Gonçalves casou com ele pouco antes de 1069 (*Sta. Cruz* 178 v) e Garcia Gonçalves já era vivo muito tempo antes. Ver a sua descendência em X D.

C. TRUTESENDO GUTERRES (1030-1109) c/c Gontrode Garcia (1030-1100) e com Elvira Moniz (1102-1114).

Propriedades: Gemunde, Loureiro, Moreira, Avioso, Moreiró, Re-fonteira, Couso, Vilar de Pinheiro, Carvalhido, Retorta, Mosteiró, Labruge, Vila do Conde, *Egaredi*, Parada, Rial, Guidões, Foz do Leça, Pampelido, Arnoso, Tebosa, Espinho (DC 267, 411, 413, 422, 427, 430, 452, 453, 456, 462, 465, 466, 467, 468, 475, 476, 478, 481, 482, 487, 489, 507, 510, 516, 518, 522, 523, 524, 528, 532, 533, 537, 539, 540, 571, 585, 588, 594, 596, 597, 616, 652, 681, 702, 706, 729, 783, 788, 878, 932; DP 52, 175, 228, 287, 288, 327, 343; *Sta. Cruz* 161 r, 181 v).

Mulher: Gontrode Garcia (1030-1100), citada em quase todos os documentos mencionados acima, desde DC 267 a DC 932; o, nome é dado completo em DC 453, 702, 706, 729, 788, 932. É provavelmente filha de Garcia Pinioliz, por intermédio do qual seu filho Garcia Trutesendes teria herdado uma parte no mosteiro de Santo Tirso (cf. VI A 4). Embora possa parecer estranho que Trutesendo Guterres, sendo, sem dúvida, de muita idade, casasse segunda vez com Elvira Moniz, entre 1100 e 1102, este facto é indubitável. Com efeito, Trutesendo Guterres comprou o casal de Guio Olidiz em Vilar de Pinheiro em 1075 (DC 522), sendo c/c Gontrode. Ora, depois da sua morte, seu [filho] Garcia Trutesendes vende este mesmo casal, que diz ter sido comprado por seu pai «cum suas mulieres» (DP 397). De facto Trutesendo Guterres aparece c/c Elvira Moniz a partir de 1102 (DP 52); esta é citada junto dele em DP 175, 228, 287, 288, 327, 343, até 1109. A partir desta data vê-se sòzinha até 1114 (DP 389, 397, 420, 421, 474). É muito possível que esta Elvira Moniz se possa identificar com a filha de Monio Viegas, do mesmo nome, que viveu entre 1079 e 1131 (cf. IV C'); nesse caso, teria enviuvado de Lucídio Sarracins antes de c/c Trutesendo Guterres. Sendo assim, pode-se explicar que uma sua filha, de que não sabemos o nome, tivesse c/c Socero Bermudes antes de 1114 (DP 474): seria filha do primeiro matrimónio e não do segundo (pois quando Trutesendo casou segunda vez não podia ter menos de 85 anos).

Filhos: 1. Mendo (1088-1113): assim o declara expressamente o DC 716. Propriedades em Moreira, Foz do Leça, Vilar do Pinheiro (DC 716, 731, 420). C/c Unisco Mendes (1072-1115), filha de Mendo Dias (ver VIII B) citada com ele em DC 716, 731. Provavelmente não tiveram filhos, porque em 1088 deram todos os bens ao mosteiro de Moreira (DC 716).

2. Garcia (1092-1112): porque possui o casal de Guio Olidiz (comprado por Trutesendo Guterres em 1075: DC 522) e diz que fora comprado por seu pai (DP 397). Propriedades: Viariz, Vilarinho, Vilar do Pinheiro, Re-

torta, Refonteira, Couso, Sangemil (DP 52, 144, 350, 373, 380, 397; *Sta. Cruz* 216 v); patrono do mosteiro de Santo Tirso em 1092 (A. C. DE SOUSA, *Provas*, III-II, pág. 121), sem dúvida por intermédio de sua mãe Gontrode Garcia. Mulher: Elvira Soares «Boa» (1105-1111), citada em *Sta. Cruz*, 216 v, e apenas com o nome de Boa Soares em DP 350, 373, 380. É possível que não tivessem filhos, porque, entre os patronos de Moreira existentes em 1145, não aparece nenhum que tenha possibilidades de descender deste casal (TT Moreira VII 30).

3. Guterre (1103-1131): porque herda propriedades que foram de seu pai (DP 110; cf. DC 518, 528). Propriedades: Sangemil, Vilar do Pinheiro, Arões, Vila Verde (DP 106, 110, 451; *Sta. Cruz* 3 v, 7 r). Mulher: Châmoa Mendes (1103-1131), citada em DP 106, 110; *Sta. Cruz* 3 v, 7 r. São provavelmente seus filhos Soeiro Guterres, Gonçalo Guterres, e Trutesendo Guterres, mencionados entre os patronos de Moreira em 1145 (TT Moreira VII 30).

4. Gonçalo (1098-1121): porque confirma o couto de Santo Tirso ao lado de seu [irmão] Garcia (DC 871), e porque os seus [filhos] Pedro, Soeiro, Mendo e Rodrigo parecem ser, em 1145, os mais importantes patronos de Moreira, depois dos filhos de Trutesendo Guterres (TT Moreira VII 30). SEGUE.

Além destes filhos, é possível que Trutesendo Guterres tivesse ainda outros, entres os quais algum(s) do(s) que figura(m) no TT Moreira VII 30, de patronímico Trutesendes. Estes, parecem estar relacionados com alguns patronos de Sesmonde (*Censual* 229).

D. GONÇALO TRUTESENDES (1098-1121) c/c Maria Gonçalves (1102-1144).

Proprietário em Palmazão, Mandim, Aveleda, Quiraz, Azevedo, Fajozes, Carcavelos, Pindelo (DP 53, 78, 202, 330, 509; TT Vairão I 17, 18, 19); patrono do mosteiro de Sesmonde (*Censual* 229). Conf. documentos em 1098 e 1105 (DC 871; *Sta. Cruz* 216 v).

Mulher: Maria Gonçalves (1102-1144), citada em DP 53, 78, 202, 330, 509; TT Vairão I 17, 18, 19. Por ser difícil distinguir as várias mulheres de nome Maria Gonçalves que viveram nesta época e região, é impossível dizer qual a sua ascendência e nomear todos os descendentes. Todavia, é natural que tenha alguma coisa que ver com Maria Gonçalves, proprietária dos mosteiros de Rio Tinto e de Santa Cruz do Bispo em 1140 (*Censual* 44-45); efectivamente os seus filhos parecem identificar-se com alguns dos patronos de Sesmonde, mosteiro que, como vimos, pertencia também a Gonçalo Trutesendes (*Censual* 229-230). Têm mais probabilidades de descender de Gonçalo Trutesendes os seguintes filhos:

1. Pedro (1145-1151): filho de Gonçalo Trutesendes, segundo o *Censual* 229. C/c Maior Peres (1144-1147). Proprietário dos mosteiros de Moreira (TT Moreira VII 30), Sesmonde (*Censual* 229) e talvez Mosteiró (TT Rio Tinto II 31), e de herdades em Aveleda, Fajozes, Quintã, Celeiro da Torre (*Sta. Cruz* 170 v, 171 v). Deve ser ele o que incendiou uma casa a Monio Sarracins em 1151 (A. CRUZ, *Breve estudo*, pág. 101). Teve um filho chamado Gonçalo (*Sta. Cruz* 17 v).

2. Soeiro (1145-1146): dis-se irmão de Pedro em TT Vairão I 38, e aparece ao seu lado como patrono de Moreira e de Mosteiró (TT Moreira VII 30; TT Rio Tinto II 31). Talvez se identifique com o patrono de Vilar de Andorinho, que vive pela mesma época (*Censual* 292).

3. Mendo (1144-1145): porque aparece ao lado dos dois anteriores como patrono de Moreira e de Mosteiró (TT l.c.) e ainda como patrono de Sesmonde (*Censual* 229).

4. Rodrigo (1145): porque é igualmente patrono de Moreira e de Mosteiró (TT l.c.).

VIII. Diogo Trutesendes e seus descendentes

A. DIOGO TRUTESENDES (1040-1100) c/c Alivergo [Vitisciliz] (1077) e com Ausenda Ermiges (1100).

Provavelmente filho de Trutesendo Guimires, segundo se viu em VII A. Propriedades: Gondinhães, Escariz, Besteiros, Sto. André de Ferreira, S. Saturnino de Valinhas, Valongo, Rio Tinto, S. Félix do Coronado, Silva Escura, S. João do Campo, Lubazim, S. Jorge de Moreira, Mandim, Tardinhade, Rial (DC 387, 542, 757; DP 78, 517; TT Cete I 7) e em Vila Boa de Arouca (DC 789, 790, 931, cits. por A. FERNANDES, *Do Porto veio Portugal*, págs. 157-160; Id. *Arouca na Idade Média*, págs. 97-98, nota 2). Conf. os seguintes documentos: DC 316, 342, 474. Desempenhou importantes funções políticas e administrativas no condado portugalense antes de ser governador de Santa Maria com seu filho Mendo (DC 311, 421, 437, 549, e outros documentos citados por A. FERNANDES, l.c.).

Mulher: Alivergo [Vitisciliz] (1077): o nome de Alivergo é declarado expressamente em DC 542; o patronímico é dedução minha, por algumas das propriedades indicadas neste documento terem antes pertencido a Vitiscilo Leoderigues, que tinha uma filha chamada Alivergo (ver III B). Casou segunda vez com Ausenda Ermiges (1100: DC 931), que, segundo A. FERNANDES, *Arouca na Idade Média*, pág. 97, seria filha de Ermígio Viegas (ver IV C).

Filhos: 1. Unisco (1077-1078): di-lo expressamente o DC 558. Proprietária em Rio Tinto (ib.). Conf. uma doação de seu [irmão] Trutesendo em 1077 (TT Cete I 7).

2. Gonçalo (1049-1090?): declara-o o mesmo documento DC 558. Identifica-se provavelmente com o Gonçalo Dias que é test. em Cete (DC 373 de 1049) e confirma duas doações do rei Garcia em 1068 e 1070 (DC 474, 491), assim como o TT Cete I 7 de 1077. Talvez seja ainda o mesmo que em 1090 é c/c Emisu Dias e tem propriedades em Penelina (DC 742).

3. Trutesendo (1060-1077): porque filho de Alivergo, que é um nome raro (TT Cete I 7). Foi funcionário público na região de Anégia em 1060 (DC 424). Conf. uma doação do rei Garcia em 1068 (DC 474) e possui propriedades em Ferreira (TT Cete I 7). Teve o seguinte filho:

a. Diogo (ant. 1100-1136), provavelmente, porque seus filhos chamam-se Trutesendo, Gonçalo e Ermesenda, nomes frequentes nesta família,

e estão relacionados com o mosteiro de Cete, que pertencia a seu [pai]. Sendo assim, este é proprietário do mosteiro de Vilar de Andorinho (TT Pedroso III 11), irmão de Ermesenda (ant. 1122) e c/c Ilduara Cides (este casamento deduz-se de três dos filhos de Ilduara terem os mesmo nomes que os seus: DP 461; TT Pedroso III 11). Sobre a família de Ilduara, ver XI A 4.

Filhos: Trutesendo Dias (1109-1146), proprietário perto de Pedroso e patrono de Vilar de Andorinho (DP 461; TT Pedroso III 11; *Censual* 292-294). — Gonçalo (1113-1146), citado nos mesmos documentos; — Ermesenda devota (1113-1146), idem. — Monia (1113-1146), idem. — Pedro (1113-1146), idem. Talvez se identifique com Pedro Dias c/c Ausenda Dias e proprietário em Gondomar em 1125 (TT Rio Tinto I 34. — Gontila (1113), citada apenas em DP 461.

Destes filhos, Diogo Trutesendes tinha, em 1136, pelo menos três netos, Gonçalo, Vitadona e Pedro (TT Pedroso III 11), mas não sabemos como vão entroncar com ele.

4. Mendo: declara-se expressamente filho de Diogo Trutesendes em DC 549. SEGUE.

B. MENDO DIAS (1059-1068) c/c Gontinha Guterres (1072).

Toma parte num julgamento em 1059 (DC 421) e é governador de Santa Maria, juntamente com seu pai, em 1064 (DC 549). Proprietário em Serzedo (V. N. de Gaia) e no território *Zebrario* (DC 502).

Mulher: Gontinha Guterres (1072): DC 502. Deve ser [irmã] de Gonçalo Guterres (e portanto prima direita de seu marido), porque lhe fez uma importante doação e recebeu dele auxílio em 1072 (DC 502). Ver a sua ascendência em VII B.

Filhos: 1. Alivergo «Boa» (1072-1102): DC 502. Proprietária em Mandim em 1102 (DP 78). Talvez se identifique com a Boa Mendes que em 1078 deu ao mosteiro de Rio Tinto a quinta parte de todos os seus bens (DC 558), apesar de nesse documento se dizer filha de D. Mendo e de *Gelvira* (má leitura, por *Gontina*?), tanto mais que se diz sobrinha de D. Unisco (sem dúvida Unisco Dias: ver VIII A 1). Pode-se identificar também com *Adibergo Bona*, que em 1101 deu à catedral de Braga um casal em Aveleda (Braga) (DP 22). Neste caso seria c/c Paio Daviz, que parece ser já falecido nesta data (*ibid.*).

2. Guterre: DC 502. SEGUE.

3. Diogo (1072-1115 ou 1125): DC 502. Proprietário em Fornos, Tardinhade, Romariz, Inha, Escariz e talvez Roge e Padraços (DC 502, 951; DP 517; TT Pedroso II 41). O nome de sua mulher é Dulce (1100: DC 951).

4. Unisco (1072-1115): DC 502. Aparece c/c Mendo Trutesendes, seu [primo direito], a partir de 1088. Ver VII C 1.

C. GUTERRE MENDES (1072†1117)c/c Onega Gonçalves (1098-1114).

Propriedades: Serzedo, várias *villae* no território *Zebrario*, Aveleda, Fornos, perto de Castro Portela, Vila Nova da Telha, Enxemil, Mançores, mosteiro de Rio Tinto (DC 502, 882, 951; DP 431, 526; *Censual* 44-45; TT Rio Tinto II 33). Cf. ou ts. em DC 638 e DP 526. A data da sua morte, 1117,

A

B

C

D

E

mosteiro de Cete, que pertencia a seu [pai].
rio do mosteiro de Vilar de Andorinho (TT
mesenda (ant. 1122) e c/c Ilduara Cides (este
os filhos de Ilduara terem os mesmos nomes que
II 11). Sobre a família de Ilduara, ver XI A 4.

s (1109-1146), proprietário perto de Pedroso
rinho (DP 461; TT Pedroso III 11; *Censual*
46), citado nos mesmos documentos; — Erme-
dem. — Monia (1113-1146), idem. — Pedro
identifique com Pedro Dias c/c Ausenda Dias
em 1125 (TT Rio Tinto I 34. — Gontila
461.

trutesendes tinha, em 1136, pelo menos três
Pedro (TT Pedroso III 11), mas não sabemos

pressamente filho de Diogo Trutesendes em

c/c Gontinha Guterres (1072).

ento em 1059 (DC 421) e é governador de
seu pai, em 1064 (DC 549). Proprietário em
o território *Zebrario* (DC 502).

res (1072): DC 502. Deve ser [irmã] de Gon-
a direita de seu marido), porque lhe fez uma
ele auxílio em 1072 (DC 502). Ver a sua ascen-

(1072-1102): DC 502. Proprietária em Man-
se identifique com a Boa Mendes que em 1078
a quinta parte de todos os seus bens (DC 558),
e dizer filha de D. Mendo e de *Gelvira* (mã
nais que se diz sobrinha de D. Unisco (sem
A 1). Pode-se identificar também com *Adi-*
catedral de Braga um casal em Aveleda (Braga)
Paio Daviz, que parece ser já falecido nesta

QUE.

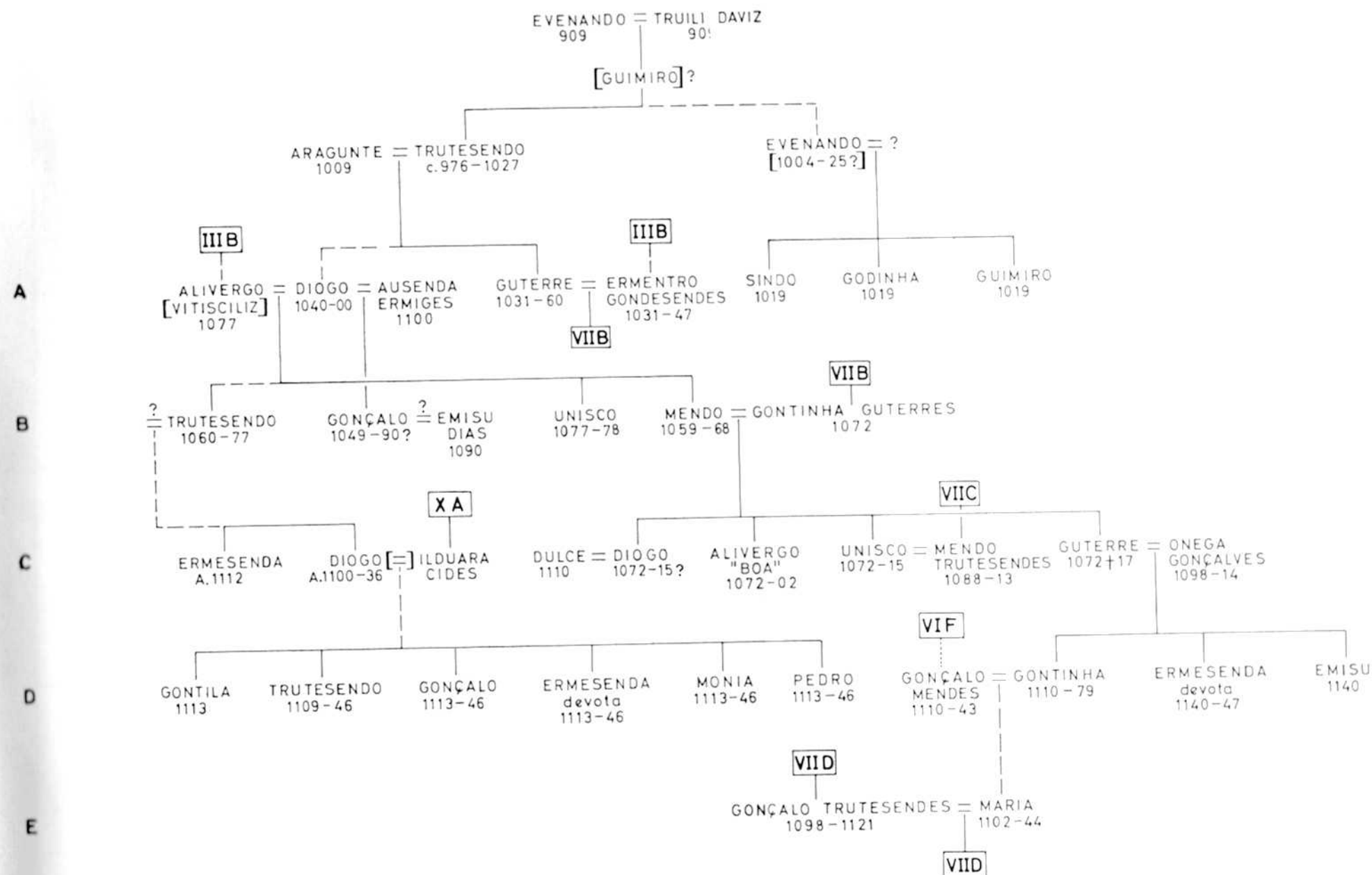
125): DC 502. Proprietário em Fornos, Tar-
riz e talvez Roge e Padraos (DC 502, 951;
nome de sua mulher é Dulce (1100: DC 951).
C 502. Aparece c/c Mendo Trutesendes, seu
8. Ver VII C 1.

117)c/c Onega Gonçalves (1098-1114).

árias *villae* no território *Zebrario*, Aveleda,
Vila Nova da Telha, Enxemil, Mançores, mos-
32, 951; DP 431, 526; *Censual* 44-45; TT Rio
C 638 e DP 526. A data da sua morte, 1117,

ESQUEMA GENEALOGICO

VIII



está gravada no seu túmulo, em inscrição inédita que ainda hoje se pode ver no claustro do mosteiro de Cete.

Mulher: Ónega Gonçalves (1098-1114), citada em DC 882, etc., até DP 470.

Filhos, segundo a lista que vem no *Censual* 44-45:

1. Ermesenda devota (1140-1147), priora do mosteiro de Rio Tinto: DR 177; TT Rio Tinto II 9, 11, 12.

2. Emisu (1140), citada apenas no *Censual* 44-45.

3. Gontinha (1110-1179) c/c Gonçalo Mendes (1110-1143), talvez o mesmo que Gonçalo Mendes da Maia (ver VI E 3). Parece ser certo que tiveram pelo menos uma filha, Maria Gonçalves (1102-1144) c/c Gonçalo Trutesendes (1098-1121) (ver VII D), porque os filhos de ambos são netos de Gontinha Guterres (TT Rio Tinto II 23 e II 31). Ver a lista dos documentos que atestam as compras deste casal em S. João da Madeira, em VI E 3. Como entre os netos de Gontinha Guterres há nomes que não devem ser de filhos de Gonçalo Trutesendes, é forçoso admitir que, como têm o patronímico Gonçalves, fossem filhos de uma Gonçalo Gonçalves (presumível filho de Gonçalo Trutesendes) ou então de uma outra filha c/c com um Gonçalo. Seja como for, os netos de Gontinha Guterres citados em TT Rio Tinto II 23, que não parecem filhos de Gonçalo Trutesendes, são: Sancha, Gontinha, Ónega e Boa Gonçalves, que vivem em 1179.

IX. Senhores de Marnel

A. EGAS ERIZ «IALA» c/c Ildôncia Fromariques.

Este personagem, conhecido através das referências a ele feitas por seu filho Gonçalo Viegas (DC 378, 384, 549), seria descendente do conde Gonçalo Moniz de Coimbra (928-981) por intermédio de Ero Gonçalves (1016), segundo uma hipótese formulada por L. G. de AZEVEDO, *História de Portugal*, II, 1939, págs. 162-163. Esta hipótese, justificada apenas com o DC 227, em que Ero Gonçalves aparece como confirmante, sem que os outros confirmantes sejam da família contal, deve basear-se na tendência para relacionar a fortuna dos senhores de Marnel ao sul do Douro, no século XI, com a mais importante família aí existente no século X. Todavia, há outra família importante na mesma época e região, e com mais probabilidades de ser ascendente de Egas «Iala», a de Gondesendo Eriz c/c Inderquina Pala, cujas propriedades se conhecem através de um célebre documento do mosteiro de Pedroso (DC 12). Em primeiro lugar este mosteiro foi patrocinado também pelos senhores de Marnel, a quem o DC 12 deve ter pertencido. Em segundo lugar alguns dos bens de avoenga de Gonçalo Viegas, filho de Egas «Iala», eram inteiramente, ou tinham sido partilhados, por Gondesendo Eriz. Estão nestas circunstâncias a *villa* de Recardães, propriedade de Sandino Soares (DC 183), filho de Socio Gondesendes, e portanto neto de Godesendo Eriz (DC 12, 87, 242), o mosteiro de Lamas e uma herdade em Cedrim, propriedades de Inderquina Pala II, nora do mesmo Sandino Soares (DC 73, 84). No entanto faltam os elementos documentais para poder

encontrar o nome exacto do pai de Egas «Iala». Ele podia ser filho de Soeiro Gondesendes (mas não aparece nenhum Ero Soares nos diplomas portugueses antes de 1020: DC 144), de sua irmã Ermesenda (mas não se conhece o nome de nenhum dos seus descendentes nem se sabe com quem casou), ou de Ero Moniz (949), filho de Godo Eriz (960), irmã de Godesendo Eriz (sobre esta família, ver as hipóteses formuladas por E. SÁEZ, *Los ascendientes*, págs. 57-58, nota 121).

Passemos ao que se sabe sobre Egas Eriz «Iala»: vivendo entre o Douro e o Vouga, retirou-se para o norte do Douro durante as invasões muçulmanas do fim do século x, e depois voltou para a sua terra. Podem-se ver algumas das suas numerosas propriedades na lista de bens de seu filho Gonçalo (DC 378, 549). Teve pelo menos uma irmã, Ausenda [1035], c/c Froila Osoredes (DC 384). Ver os documentos que lhe dizem respeito e a sua descendência em II D.

Mulher: Ildôncia Fromariques, citada em DC 552.

Filhos: 1. Gonçalo, segundo o DC 378. *SEGUE*.

2. Fromarico (1019-1055), segundo o DC 552. Exerceu funções públicas (de *tenens*?) em 1030: DC 268.

Propriedades: Ferreiros, Figueirosa, Lafões e outras não discriminadas ao sul do Douro (DC 243, 268, 552; TT Pedroso I 35). Não é impossível que se identifique com Fromarico *Saci*, *Saze* ou *Salice*, que é test. e conf. de vários documentos em que figuram membros da sua família (DC 356, 394, 405, 448, de 1047 a 1055).

Mulher: Ausenda, citada em DC 243, 268, TT Pedroso I 35.

Filhos: Elvira devota (1078), segundo o DC 552. Deu todos os seus bens ao mosteiro de Pedroso. É possível que seja também seu filho o patrono de mosteiro de Grijó, Socio Fromariques, embora não haja para isso outros argumentos além do patronímico, época, região em que viveu, e o facto de tois de seus filhos se chamarem Ero e Ausenda. Sobre este personagem, ver H. BARRILARO RUAS, «Rev. Port. de História», 4 (1949), págs. 368-370.

3. Mumadona (ant. 1050): mencionada como *germana* de Gonçalo Viegas em DC 378.

B. GONÇALO VIEGAS (1002-1057) c/c Châmoa (1050).

Gonçalo Viegas voltou, provavelmente, com seu pai Egas Eriz, ao sul do Douro, e desempenhou papel importante na reconquista: em 1017 governava Montemor sob a autoridade de Afonso V (DC 549) e fazia largas presúrias na mesma região; sem dúvida tinha ali sido colocado sob a direcção do conde Mendo Luz, que antes de 1019 havia expulsado Froila Gonçalves de Montemor (DC 282, cf. 549). Em 1034 já o castelo de Montemor, voltado à posse dos Mouros, era tomado por Gonçalo Trastemires (APV 295). Decerto a incursão sarracena que conquistara Montemor, tinha sido a mesma que se apoderara de Lafões em 1025 ou 1026 (L. G. de AZEVEDO, *História de Portugal*, II, págs. 121-122). Conf. DC 191, 373, 385, 401, 405, 448 de 1002 a 1057.

Seria demasiado longo enumerar todas as propriedades de Gonçalo Viegas, cuja lista vem em DC 378 e 549. Os principais lugares que herda ou de que se apodera são os seguintes: Aveiro, Lalim, Segadães, Pedações, Lamas, Fermentões, Valongo, Recardães, Fermentelos, Ourentã, Cedrim, Serém, Canelas, Pedroso, Alheira, Seixezelo, Anta, Travanca, Paramos, Sá. Ao norte do Douro fica ainda com Viariz, cuja posse lhe é contestada sem êxito pelos seus sobrinhos, filhos de Ausenda Viegas e Froila Osoredes (DC 384).

Mulher: Châmoa (1050), citada em DC 378. Não se pode identificar com Châmoa Soares que no DC 567 dá numerosos bens ao mosteiro de Pedroso entre o Douro e Segadães, porque este documento deve datar de [1109] (ver J. MATTOSO, *Le monachisme ibérique*, pág. 26). *A Grande Enciclopédia*, XXVIII, págs. 606-609, não sabemos com que fundamento, identifica a mulher de Gonçalo Viegas com Châmoa Honoriques, filha de Honorico Gondesendes, neta de Godesendo Soares, bisneta de Socio Gondesendes († ant. 964) e trineta de Godesendo Eriz (947).

Filhos: 1. Paio (1047-1077), expressamente indicado em DC 549. Propriedades: Esmoriz, Cortegaça, Canelas, Águeda, Pedroso, Manhouce, Escapães, Paramos, Macedo, *Ansemir*, Golães, Anta, Travanca (DC 220: corrigir a data para 1063; DC 356, 385, 394, 399, 448, 535, 549). Estas propriedades foram obtidas em presúria, provavelmente depois da reconquista de Montemor em 1034, com o apoio de Gonçalo Trastemires, com cuja filha, Toda, Paio Gonçalves casa antes de 1047, segundo as deduções que abaixo se fazem. Deixa, porém de estender as suas terras para o Sul depois da conquista de Coimbra (1064), quando o alvazil Sisnando se torna seu inimigo e rival (DC 549). Conf. documentos em 1057 (DC 401, 405, 448) e 1061 (documento inédito fornecido pelo Prof. Rui de Azevedo com a cota TT Conventos diversos I, e que não consegui encontrar).

Mulher: 1. Toda Gonçalves († ant. 1047), conforme se dirá mais abaixo. 2. Godo Soares (1047-1056), citada em DC 356, 385, 394, 399. Não teve filhos (DC 385). 3. Ermesenda Pais (1061-1077), citada em TT Conventos diversos I (ver mais acima), DC 220 (corrigir a data para 1063: J. MATTOSO, *Le monachisme ibérique*, pág. 26) e DC 549. É provável que Paio Gonçalves tivesse casado uma primeira vez com Toda Gonçalves, filha de Gonçalo Trastemires, ant. 1047, da qual teria nascido um filho, Gonçalo Pais. Para esta hipótese há os seguintes argumentos: Este filho de Paio Gonçalves, provavelmente † ant. 1077, que se declara ao mesmo tempo neto de Gonçalo Trastemires, deixa-lhe os bens que tinha herdado do avô (DC 549). Ora nenhuma das duas mulheres de Paio Gonçalves, acima indicadas, tem o patronímico Gonçalves. Mas em 1060, Gonçalo Pais, filho de Paio Gonçalves e de Toda Gonçalves, que tinha pretendido ser tratado na sua doença pelos monges de Santo Tirso, deixa aos seus pais todos os bens, por não ter ficado contente com os cuidados dos monges (DC 425). Estes factos explicam-se mutuamente: Gonçalo Pais teria procurado tratamento em Santo Tirso, por ser o mosteiro patrocinado por sua mãe Toda; descontente com os monges, teria restituído a seu pai Paio Gonçalves os bens herdados do avô materno, e estes entrariam assim na lista por ele elaborada em 1077,

decerto depois da morte do filho. Quanto à identificação do possuidor destas herdades com o Paio Gonçalves, filho de Gonçalo Viegas, não há a mínima dúvida, pois isto mesmo se declara expressamente em DC 549. Sendo assim, Paio Gonçalves teria tido de Toda Gonçalves um filho de nome Gonçalo, que morreu sem descendência. Como da segunda mulher, Godo Soares, também a não tinha, é muito possível que ficasse sem posteridade.

2. Honorico (1057-1061): porque conf. um documento com outros membros da família: seu [tio] Fromarico Sancii, [pai] Gonçalo Viegas e [irmão] Paio Gonçalves (DC 405). Conf. também um documento em 1061 (TT Conventos diversos I, ver mais acima). Além disso é pai de duas grandes benfeitoras de Pedroso, Ausenda e Ermesenda (DC 488, 493). Estes factos também se poderiam explicar do mesmo modo se não fosse ele o filho de Gonçalo Viegas, mas sim sua mulher Gontrode Gonçalves (em virtude do patronímico). Mas esta tem propriedades ao norte do Douro, e não ao sul (DC 488): é dela que vem a Ausenda Honoriques o mosteiro da Lavra, e portanto deve ser antes filha de Gonçalo Trastemires da Maia, pois o mosteiro pertencia a Unisco Sisnandes, c/c Gonçalo Trastemires (DC 871). Seja como for, é proprietário em Seixezelo e Segadães (DP 488) e c/c Gontrode Gonçalves (DP 488, 493). Conf. em 1061 um documento inédito comunicado pelo Prof. Dr. Rui de Azevedo com a cota TT Conventos diversos I, que não consegui encontrar.

Filhos: a. Ausenda (1098-1129): DP 488, 493. Propriedades: Lavra, Leigal, Seixezelo, Pinheiro, Loure, Segadães, Serém, Sanguedo, Macinhata de Seixa, Macinhata do Vouga, Lamas, Alquerubim, *Belli*, Lavadores (DC 876; DP 488; TT Pedroso III 3). C/c Ero Soares (1098).

b. Ermesenda (1114): DP 493. Propriedades: Borralha (Águeda): ibid.

c. Châmoa (1090): filiação não expressa, mas provável, em virtude do patronímico, relativamente raro, e de ter propriedades em Alquerubim, como sua [irmã] Ausenda. Oferece-as a Pedroso em 1090 (DC 745).

3. Fernando (1026-1047): filiação provável, porque conf. uma doação de seu [tio-avô] Trutesendo Eriz a seu [irmão] Paio Gonçalves. Vive em Santa Maria em 1026 (DC 261). É provavelmente por seu intermédio que Gonçalo Mendes de Sousa vem a ser patrono do mosteiro de Pedroso em 1156 (TT Pedroso III 35). Com efeito D. Gonçalo era filho de Mendo Viegas de Sousa c/c Teresa Fernandes do Marnel, e esta era filha de Fernão Gonçalves do Marnel, segundo o *L. Velho* I 32. Ora o mosteiro de Lamas ou Marnel pertenceu precisamente a Gonçalo Viegas (DC 378) e a Paio Gonçalves (DC 549). *A Grande Enciclopédia*, XXXVIII, pág. 708, porém, infelizmente sem aduzir provas, declara que Mem Viegas de Sousa foi c/c Elvira Fernandes, neta de Gonçalo Viegas do Marnel por sua mãe Urraca, e não por seu pai Fernando.

4. Ero (ant. 1045-1103): filiação provável, apesar de aparecer mais tardiamente, porque é proprietário em Lavadores (TT Pedroso II 38), como sua [sobrinha] Ausenda Honoriques (DC 876), e porque conf. a doação que Ermesenda Odores fez ao bispo de Coimbra da sua parte do mosteiro de Pedroso (DP 95). De facto os descendentes prováveis de Ero Gonçalves são os proprietários do mosteiro, como se verá. SEGUE.

A

B

C

D

E

F

ESQUEMA GENEALOGICO

IX

A

EGAS ERIZ "IALA" = ILDONCIA FROMARIQUES

B

MUMADONA
A.1050

GONÇALO
1002-57

= CHAMOA [HONORIKES ?]
1050

FERNANDO
1088-99 ?

= AUSENDA
1019-31

C

? = FERNANDO
1026-47

VIC
TODA
GONÇALVES
† A.1047

[?] PAIO = GODO SOARES 1047-56
1047-77 = ERMESENDA PAIS 1061-77

ERO = [ILDONCIA MENDES]
A.1045-03 "MADREDULCE"
1.103

HONORICO
1057-61

GONTRUDE
GONÇALVES
† A.1114

ELVIRA
devota
1.078

SOEIRO

D

TERESA ≈ MENDO VIEGAS
DE SOUSA

GONÇALO
1.060

III C
PAIO =
VITISCILIZ
1.060-75

PATRINA
1097-03

GODINHA
1.122

CONDESSA
1.101-22

GONÇALO
1.112-22

ÓNEGA
ROMARIQUES
1.103-48

CHAMOA
1.108

ERMESSENDA
1.114

AUSENDA = ERO
1098-29 SOARES
1.098

E

IVE
GONÇALO = DORDIA
DE SOUSA VIEGAS
1.140 - 65 1.145

SOEIRO "GROSSO" ?
1.128-48

AUSENDA
1.117-48

PAIO
1.103-45

FERNANDO
1.134 62

= MARIA NUNES
1.148

F

MENDO
1.128

ELVIRA
1.128

C. ERO GONÇALVES (ant. 1045-1103) c/c [Ildôncia Mendes] «Madredulce» (1103).

Deste indivíduo não restam outros vestígios a não ser os dois apontados acima e a conf. no DC 448, de [1037-1045]. Propriedades: Lavadores, que deixa a sua filha Godinha (TT Pedroso II 38).

Mulher: O TT Pedroso II 38, diz que Ero Gonçalves era c/c Madredulce. Mas é muito possível que este fosse o cognome de Ildôncia Mendes, porque um neto dela, Paio Gonçalves, era filho de Gonçalo Eriz; e a sua filha Patrina tinha também o patronímico Eriz. Ildôncia Mendes era portanto c/c com um Ero. Como nesta região, por esta época, aparecem apenas dois indivíduos com tal nome, Ero Soares e Ero Gonçalves, tem de se escolher o segundo, pois o primeiro é c/c Ausenda Honoriques, que não se pode identificar de modo nenhum com Ildôncia Mendes. Também não podiam ser duas mulheres sucessivas de Ero Soares, porque Ausenda Honoriques sobrevive ao marido, como Ildôncia Mendes. Enfim, como o costume de adoptar sobrenomes era vulgar entre as mulheres, aceitemos como provável que a «Madredulce» c/c Ero Gonçalves fosse precisamente Ildôncia Mendes. Esta perfilha seu neto Paio Gonçalves em 1103, e dá-lhe uma propriedade em Afonsim (DP 99). Este mesmo documento cita duas filhas, Condessa e Pa [trina], a nora [Ónega] e outros dois netos, Mendo e Sociro.

Filhos: 1. Godinha (1122): TT Pedroso II 38. C/c Gondesendo Cendreiro, e vende uma propriedade em Lavadores a seu [irmão] Gonçalo Eriz (ibid.).

2. Gonçalo: porque seu filho Paio é neto de Ildôncia Mendes. SEGUE.

3. Condessa (1101-1122): filha de Ildôncia Mendes (DP 99). Propriedades: Castelões, que troca por Milhundos e Azevedo em 1101 (DP 44), Leirós, que vende a seu [irmão] Gonçalo Eriz em 1122 (TT Pedroso II 37).

4. Patrina (1097-1103): o seu nome não se pode ler completamente no DP 99. Mas Patrina Eriz é, de todas as mulheres cujo nome começa por Pa..., de que há vestígios documentais na diocese do Porto, nesta época, a única que tem possibilidades de se identificar com ele. Tem propriedades em Vila Cova, Castro, Lobão (DP 37, 104). C/c Paio Vitisciliz (1060-1075). Já se-lhe apresentou a descendência em III D.

D. GONÇALO ERIZ (1112-1122) c/c Ónega Romariques (1103-1148).

Propriedades: Penedo, Parada, Pedroso, couto de Assilhó, Afonsim, Macieira, Leirós, Sanfalhos, Lavadores (DP 405, 409, 410, 461; DR 49; TT Pedroso II 26, 29, 37, 38). Sem dúvida era personagem importante no Condado Portucalense, porque em 1117 recebeu de D. Teresa o couto de Assilhó (DR 49).

Mulher: Ónega Romariques (1103-1148), citada em DP 99, 405, 410, 461; TT Pedroso II 26, 29, 37, 38; III 7, 22.

Filhos: 1. Paio (1103-1145), porque é dono do couto de Assilhó e neto de Ildôncia Mendes (TT Pedroso III 5; DP 99). Outras propriedades: Afonsim, Gondinhães (DP 99; TT Pedroso III 14). Foi governador de Santa Maria em 1112 (DR 34). É possível se identifique com Paio Gonçalves *Cogensis*, que em 1128 dá ao mosteiro de Pedroso o seu direito sobre uma

divida de Egas Moniz (TT Pedroso III 1). Test. em Santa Maria em 1135 (*L. Test.*, 57 r).

2. Fernando: TT Pedroso III 7, 22. SEGUE.

3. Ausenda (1117-1148): TT Pedroso III 22. Propriedades: Santa Cruz (V. N. de Gaia), por doação da condessa D. Teresa (DR 46). C/c Soeiro Mendes (1148) segundo TT Pedroso III 22. Este talvez se possa identificar com Soeiro Mendes o «Grosso», irmão de Gonçalo Mendes de Sousa, que de facto é mencionado na doação afonsina a Mendo Fernandes (filho de Fernando Gonçalves, ver infra IX F), que nesse caso seria seu sobrinho pelo lado da mulher (ver outra ligação com os Sousões em IX B 3). Apesar de os livros de linhagens não atribuírem descendência legítima a Soeiro Mendes o «Grosso», o nome que dão a sua filha, que dizem ilegítima, Maria (*L. Velho* I 32; II 36; *Nobiliário*, t. 26, pág. 297), concorda com uma das filhas de Ausenda e Soeiro Mendes mencionada em TT Pedroso III 22, que ainda vive e é proprietária em Sanfanhos em 1172 (TT Pedroso IV 1). Sem dúvida é também seu filho Fernando Soares, citado igualmente no documento de 1148. Quanto ao *nepto* de Onega Romariques, que ela, na mesma doação, chama Soeiro Mendes, é provável que se trate de um engano: ou *nepto* é aqui tomado na acepção de «genro», hipótese pouco crível, ou houve inversão de nomes, e o escriba teria escrito Soeiro Mendes por Mendo Soares, por atração com o nome do [pai]. Com efeito, aparece em 1117-1161, na mesma região, com propriedades em Alheira, Paramos, Valadares, um Mendo Soares, que podia ser seu filho (TT Pedroso II 27, 35; III 36, 37). Este é c/c Goldregodo Fernandes (1117-1121).

E. FERNANDO GONÇALVES (1134-1162) c/c Maria Nunes (1148).

Propriedades: Casal de Eirigo (TT Pedroso III 7). É possível se trate do Fernando Gonçalves a que os *Annales D. Alfonsi Portugallensium regis* atribuem a conquista de Beja em 1162 (ed. M. Blöcker-Walter, pág. 158), visto que seu filho Mendo veio a servir o rei em Évora, como se verá mais abaixo. Todavia M. Blöcker-Walter identifica-o com um filho de Gonçalo Dias e de Maria Anaia (irmã do bispo de Coimbra, João Anaia) (*ibid.*, pág. 82 nota 367).

Mulher: Maria Nunes (1148): TT Pedroso II 22. Será a filha de Nuno Soares de Grijó? Todavia, o *Nobiliário*, t. 53, diz que esta Maria Nunes foi c/c Monio Osore da Cabreira.

Filhos: 1. Mendo: porque é neto de Gonçalo Eriz, segundo a confirmação real de 1174 de DR 49. SEGUE.

2. Elvira (1128): porque tem o patronímico Fernandes e é proprietária do mosteiro de Pedroso (DR 93). Talvez seja a mesma que é c/c Mendo Viegas «Tigon» (1173-1174) (*Index de Santo Tirso* 214 v-215 r; cf. A. Cruz, *Breve estudo*, pág. 161).

F. MENDO FERNANDES (1128-1174).

Proprietário do couto de Assilho (DR ref. 30, pág. 520). Conf. o couto de Pedroso em 1128 (DR 93). O primeiro destes documentos, que se conhece apenas pela citação que dele fez a *Monarchia Lusitana* (III, 1.9, c.19),

diz que Mendo Fernandes ajudou D. Afonso Henriques no cerco de Guimarães, com Soeiro Mendes o «Grosso» «et cum aliis de suo genere»; com efeito o próprio Soeiro Mendes devia ser seu tio por afinidade, conforme vimos mais acima. Mais tarde Mendo Fernandes serviu o rei em Évora, segundo declara a confirmação do couto de Assilho por D. Afonso I em 1174 (DR 49). É talvez o mesmo que conf. o couto de Ansiães em 1137/9 (DR 157).

X. Descendentes de Jeremias e de Eilo

A. JEREMIAS c/c Eilo.

Não há referências directas nos documentos, mas os seus quatro filhos Raupario, Ermigio, Gomes e Citi estão bem documentados como irmãos entre si e filhos de Jeremias e de Eilo (DC 409, 500).

Filhos: 1. Raupario, que SEGUE.

2. Ermigio (1041): DC 315.

3. Gomes abade (1041-1058): abade e proprietário do mosteiro de Rio Tinto e provavelmente do de Refojos de Riba de Ave (DC 338, 409, 625). Desempenha as funções de perito do direito visigótico num julgamento em Banhos em 1047 (DC 358) e conf. DC 315, 342, 357.

4. Citi devota (1041-1077) c/c Cristovão Izilaz († ant. 1058). Propriedades: Paranhos, Pedroso, Campanhã, Quintã, Godim, Landim (DC 315, 365, 338, 409, 500; *Sta. Cruz*, 199 v, 189 r-v). A família de seu marido está relativamente bem documentada: o pai de Cristovão era Izila Cristovaliz (984-1011) c/c Creusa (984-991), com propriedades em Pedroso, Macieira, Castelãos, etc. (DC 142, 172, 177, 161, 216). Izila teve pelo menos uma irmã, Viscivara «Zai» (1044) (DC 338, 500; *Sta. Cruz* 160 v) e provavelmente um filho, Gaudemiro, que teria sido o pai de Creusula Godemires, neta de Izila, segundo o DP 461. Esta Creusula teve uma filha, Ilduara *Setig*, proprietária em Pinheiro, Espinho e Pedroso entre 1058 e 1113 (DC 411, 585; DP 461). Por sua vez, Ilduara Cides c/c Diogo, provavelmente Diogo Trutesendes, e teve a descendência indicada em VIII A 3.

B. RAUPARIO JEREMIAS (1032-1041) c/c Clementina.

Proprietário em Refojos de Riba de Ave (DC 276). Provavelmente é o mesmo que conf., só com o primeiro nome o DC 316 de 1041.

Mulher: Clementina: DC 276.

Filhos: 1. Afonso († ant. 1058): proprietário em Paranhos: DC 409.

2. Gonçalo, indicado como sobrinho de Citi e do abade Gomes em DC 315, 409. SEGUE.

3. Ordonho (1097-1100), possivelmente, dada a raridade do nome de Raupario, e pelo facto de aparecer na região da Maia, como notário de Soeiro Mendes em 1097, 1098 e 1100 (DR 4; DC 871, 914).

C. GONÇALO RAUPARIZ (1041-1081) c/c Monia Soares (1043-1080).

Maiorino de Fernando Magno (DC 342, 384). Julga uma questão em Penafiel em 1047 (com o nome *Arapinadix*: DC 357), outra em Guimarães

em 1052 (*LF* 184). *Defensor* do mosteiro de Rio Tinto, por nomeação de seu tio o abade Gomes (DC 409). Tem propriedades em Marecos, Figueiró, Segemonde, Carrazedo e outros lugares entre o Ave e o Este (DC 315, 324, 381, 400, 577; *Sta. Cruz*, 185 v, 189 v). Conf. DC 474, 491; *Sta. Cruz*, 189 v.

Mulher: Monia Soares (1043-1080): DC 324, 381, 400; *Sta. Cruz* 185 v.

Filhos: 1. Elvira (1067-1115), segundo o DC 829. Foi «criada» da condessa Ilduara, que lhe deu, quando ela casou com Gonçalo Guterres, uma propriedade em *Compostella*. Para confirmar esta doação, seu pai Gonçalo Rauriz deu à condessa um cavalo, mas depois reclamava a propriedade para si. A questão foi julgada em favor de sua filha em 1069 (*Sta. Cruz*, 178 r-v). Ver a sua descendência em VII B.

2. Garcia: porque é proprietário do mosteiro de Rio Tinto: DC 625. SEGUE.

3. Unisco (1084): idem, *ibid.* É possível que se identifique com a mãe de Mendo Eroniz, falecida ant. 1105 (DP 192). Este Mendo Eroniz (1091-1131) aparece frequentemente nos documentos de Moreira (DC 760; DP 105, 192; *Sta. Cruz*, 7 r; TT Cete I 20). Tem pelo menos cinco irmãos: Sociro, Gonçalo, Diogo, Egas e Ermesenda (DP 105 de 1103) e foi c/c Gontrode Ataniz (*Sta. Cruz*, 7 r).

D. GARCIA GONÇALVES (1049-1091) c/c Toda Gonçalves (dep. 1067).

Proprietário do mosteiro de Rio Tinto (DC 625). De resto, aparece apenas a conf. vários documentos relacionados com o mesmo mosteiro e com Cete entre 1049 e 1091: DC 373, 748; *Sta. Cruz*, 189 v, 178 v.

Mulher: Provavelmente Toda Gonçalves, porque são filhos dela Elvira e Gonçalo Garcia, que estão relacionados com Cete (cf. DC 881; DP 142; TT Cete I 18; *Sta. Cruz* 170 v). E dentre as pessoas de nome Garcia que pudessem ter casado com ele e apareçam nos documentos da época, é Garcia Gonçalves o que apresenta mais possibilidades. Sendo assim, Toda Gonçalves seria sua sobrinha, e muito mais nova do que ele, porque só podia ter nascido depois de 1067, data em que casou sua mãe Elvira Gonçalves (ver mais acima).

Filhos: 1. Gonçalo (1098-1145), segundo *Sta. Cruz*, 170 v. Proprietário em *Egaredi*, Nogueira, Mosqueiros, Mosteiró e provavelmente do mosteiro de Moreira (DC 881; TT Cete I 18; *Sta. Cruz*, 170 v; TT Moreira VII 30). Conf. uma doação de seu [irmão] Oveco a Cete em 1103 (DP 142). C/c Aragunte Mendes (1125-1144): TT Cete I 18, *Sta. Cruz*, 170 v.

2. Elvira (1098-1144), segundo *Sta. Cruz*, l.c. Propriedades: *Egaredi* e Mosteiró (DC 881; *Sta. Cruz*, 170 v). Se se identifica com a Elvira Garcia que c/c Gomes Pais, vivia ainda em 1135 e adquiriu com o seu marido uma propriedade em Abadim, que depois deu ao mosteiro de Paço de Sousa (*Index de Paço de Sousa*, 237; *L. Test.* 26 r-v).

3. Châmoa (1144): citada apenas em *Sta. Cruz*, 170 v.

4. Egas (1112-1144), segundo o mesmo documento. Possivelmente pode-se identificar com Egas Garcia c/c *Guia* Eriz que vende uma propriedade em Travanca (Sinfães) em 1112 (DP 413).

A

B

C

D

E

F

G

ESQUEMA GENEALOGICO

X

A

JEREMIAS = EILO

B

GOMES
abade
1041-58

ERMÍGIO
1041

RAUPARIO = CLEMENTINA
1032-41

CITI = CRISTOVÃO
devota IZILAZ
1041-77 † A.1058

C

ORDONHO
1097-10

GONÇALO = MONIA
1041-81 SOARES
1043-80

AFONSO
† A.1058

D

ERO ? [=] UNISCO
1084

GONÇALO = ELVIRA
GUTERRES 1067-15
1042-15

VII B

TODA [=] GARCIA
GONÇALVES D.1067 1049-91

E

GONTRODE = MENDO
ATANIZ 1091-31

SOEIRO
1103

GONÇALO
1103

DIOGO
1103

EGAS
1103

ERMESENDA
1103

GUIA = EGAS
ERIZ 1112-44

OVECO = CETE
1103 GOMES
1103

CHAMOA
1144

ELVIRA
1098-44

GONÇALO = ARAGUNTE
MENDES 1098-45
1125-44

F

PAIO MENDES = MONIA
1119 1119

GONÇALO
1074-A.13

ELVIRA
1119

GARCIA MENDES
1119-49

G

MENDO
c.1122

SOEIRO = AUSENDA
c.1122-35 VIEGAS
1135

MARTINHO
c.1122

DIOGO = TODA MONIZ
c.1122-39 1139

5. Oveco, provavelmente, apesar de não ser citado em *Sta. Cruz*, 170 v, decerto por já ter morrido, pois faleceu ant. 1119, dado o patronímico e as relações que ele e seus filhos mantiveram com o mosteiro de Cete, como se verá. SEGUE.

E. OVECO GARCIA (1103) c/c Cete Gomes (1103).

Propriedades: Bostelo e Cete, que oferece ao mosteiro de Cete em 1103 (DP 142), e ainda *Febros* que deixa a suas duas filhas ant. 1119 (TT Cete I 13).

Mulher: Cete Gomes (1103): DP 142. Era, sem dúvida, da sua própria família, dados os nomes que usou, mas não foi possível estabelecer a sua filiação.

Filhos: 1. Monia (1119) c/c Paio Mendes (1119), proprietários em *Febros* (TT Cete I 13).

2. Elvira (1119) c/c Garcia Mendes de Mauriz, segundo o mesmo documento. Este Garcia Mendes é provavelmente o que desempenhou as funções de alferes de D. Afonso Henriques entre 1138 e 1141 (DR 165, 167, 184, 187) e que era governador de *Castro de Boi* em 1141 (DR 185). Proprietário de uma casa perto de Cete, da igreja de S. Martinho e de uma herdade em Mosqueiros (DR 58; *L. Test.*, 21 v; TT Cete I 8).

3. Gonçalo (ant. 1113), provavelmente, dado o patronímico, pouco vulgar, e as relações que os seus descendentes (segundo o *Nobiliário*, t. 44, págs. 336, 343) mantiveram com o mosteiro de Cete. SEGUE.

F. GONÇALO OVEQUES (1074-ant. 1113).

A única referência directa que pude encontrar foi a de ter possuído uma propriedade em Figueira, que trocou por Oliveira de Travanca ant. 1113 (DP 448). O facto de seu [tio] Egas Garcia ter tido bens na mesma região torna esta identificação provável. Segundo o *Nobiliário* t. 44 págs. 336, 343, foi ele que «edificou» Cete, o que se deve entender de uma reedificação, pois o mosteiro já existia há muito. Cf. LF 202 de 1074.

Filhos, segundo o *Nobiliário*, l.c.:

1. Mendo (c. 1121/8): proprietário do mosteiro de Cete nesta época, segundo a carta de couto dada ao mosteiro por D. Teresa (DR 58).

2. Soeiro (c. 1122-1135): patrono de Cete citado *ibid.* É decerto o mesmo que c/c Ausenda Viegas (1135) e possuiu bens em Abadim (*Index de Paço de Sousa*, 237).

3. Martinho (c. 1121/8): patrono de Cete citado *ibid.*, e talvez o mesmo que tinha propriedades em Lamas ant. 1177 (*L. Test.*, 51 r).

4. Diogo: citado também na carta de couto do mosteiro de Cete. SEGUE.

G. DIOGO GONÇALVES (c. 1122-1139) c/c Toda Moniz (1139).

Foi patrono do mosteiro de Cete, como declara a carta de couto já citada. A ele foi também coutada a ermida de S. Miguel de Urrô por D. Afonso Henriques (DR ref. 89, pág. 532). É provavelmente o mesmo Diogo Gonçalves que com sua mulher Toda Moniz compra uma propriedade em Vilela

(Penafiel) em 1139 (TT Pendorada VIII 32). Todavia o *L. Velho* I, 59; II, 45; e o *Nobiliário*, t. 44, pág. 343, dizem que c/c Urraca Mendes de Bragança. Segundo a última destas fontes, Diogo Gonçalves teria morrido na batalha de Ourique, e Urraca Mendes, teria casado segunda vez com Soeiro Pais «Mouro» (cf. I E).

FR. JOSÉ MATTOSO
Centro de Estudos Históricos
Faculdade de Letras, Universidade. Lisboa (Portugal)

ÍNDICE DOS NOMES PROPRIOS

- Aboazar Lovesendes (978) I B 2; VI A
Absalão Osoredes (930) II A
Afonso Ermiges IV D 3
Afonso Pais (1123-31) IV C' 4
Afonso Peres (1086-05) IV B 3; VI A 4
Afonso Raupariz († a. 1058) X B 1
—Sarracins (1172) IV D' 5
—Viegas «Moço» (1139-65) IV E 2
Aldara Peres (1143) IV E 2
Aldonça Nunes II G
Alivergo Mendes «Boa» (1072-02) VIII B 1
Alivergo Vitisciliz (a. 1077) III B 4; VIII A
Alvito Todereis (a. 1139) II E 2
Anímia (a. 976) VII A
Anímia (994) I B
—Eriz V A
—Eriz (1086-20) I B 4;
—Moniz (1095-c. 1114/5) V B 4
—Trutesendes (1061) VI A 5
Aragunte (1009-1036) VII A
—Mendes (1125-44) X D 1
Arias Bermudes (1080) VI A 4
—Eneguiz († a. 1116) IV B 4
Armena (a. 985) III A
Aurvelido Soares († a. 1098) VI E 4
Ausenda (a. 1078) IX A 2
—Aboazar IV C 3; VI A 4
—Dias (1124) VIII A 3
—Eriz (1035) II D; IX A
—Ermiges (1100) IV C 6; VIII A
—Gonçalves (1117-48) IX D 3
—Honoriques (1098-29) IX B 2;
IX C
—Todereis (1092) II F; VI A 5
—Viegas (1135) X F 2
—Zalamiz († a. 980) III B
Bermudo Peres de Trastámara IV E 5
—Quiriaci (a. 1052) VI A 4
Boa Gonçalves (1113-20) IV D'
Boa Gonçalves (1179) VIII C 3
—Mendes - ver Alivergo Mendes
—Moniz (1095-07) V B 5
—Soares - ver Elvira Soares «Boa»
—Viegas (1122-25) IV C' 4
Cete Eneguiz (1112) IV B 4
—Gomes (1103) X E
Cida - ver Cete
Châmoa Garcia (1144) X D 3
—Gomes (a. 1129) VI F
—Honoriques (1050) IX B
—Honoriques (1090) IX B 2
—Mendes (1103-31) VII C 3
—Moniz «Aurodomna» (1129-49)
V B 6
—Soares (1109) IX B
Cid Aboazar (a. 1036) VI A 5
Citi Jeremias devota (1041-77) X A 4
Clementina (a. 1041) X B
Condessa Eriz (1101-22) IX C 3
Creusa (984-991) X A 4
Creusula Godemires (a. 1058) X A 4
Cristina Gonçalves (1137-48) IV D 3
Cristovão Izilaz († a. 1058) X A 4
Diogo Donaniz (990-1014) II D 1
Diogo Donaniz (1037-69) II D 1
—Eitaz (1083-1103) IV D' 1
—Eroniz (1103) X C 3
—Gonçalves de Cete (c. 1122-39) I
E; X G
—Guandilaz (1009-39) III A
—Mendes (1072-1115/25) VIII B 3
—Trutesendes (1040-00) III B 4; IV
C 6; VII A 2; VIII A
—Trutesendes (a. 1100-36) VIII A
3; X A 4
Donadili Osoredes (1035) II C 3
Donal Guandilaz (1009-39) III A
Domitria (974-991) II C
Dordia - ver também Doroteia
Dordia Garcia I D 2
—Mendes (1088) VI D 4
—Mendes (1154) IV D 3
Dordia Soares (a. 1032) VI B
—Viegas (1145) IV E 3
Doroteia - ver também Dordia
—Osoredes (1106-21) V C
—Pais (1108) II F 4
—Pais (1108-24) IV E
Dulce (1100) VIII B 3

- Ederonio Alvites (990-1016) VI A 4
 Egas Bufo I D 4
 —Ederonis (1041) VI A 4
 —Eriz «Iala» II D; IX A
 —Ermiges (1071-95) IV C 4; VI A 2
 —Eroniz (1103) X C 3
 —Garcia (1112-44) X D 4
 —Gomes de Sousa VI C 3; VI E 3
 —Gondesendes IV C 4
 —Lovesendes (1092) VI A 1
 —Mendes - ver Egas Ermiges
 —Mendes «Spina» (1111-42) IV D' 5
 —Moniz († 1022) IV B
 —Moniz (1081-92) I B 3; IV C' 4; VI A 2
 —Moniz (1095-1115) V C; IX E 1
 —Moniz «Aio» (1108-46) IV E; VI G
 —Moniz de Ortigosa IV E
 —Odores (1123-35?) IV D' 2
 —Pais (1092) VI A 1
 —Pais (1126) V A 2
 —Peres (1096) IV B 3
 Egica Honoriques (a. 999) VI A 1
 Eilo (a. 1041) X A
 Eita Cides IV D' 1
 Elvira VI B 2
 —(1043-66) IV A 2
 —Anes da Maia VI H 2
 —Fernandes IX B 3
 —Fernandes (1128) IX E 2
 —Fromariques (1078) IX A 2
 —Garcia (1091) VII B 3
 —Garcia (1098-44) X D 2
 —Gonçalves (1067-15) VII B 3; X C 1
 —Gondesendes († a. 1131) V B
 —Martins VI G 2
 —Mendes VI E 3
 —Mendes IV D 3
 —Moniz (1102-14) VII C; cf. IV C' 3
 —Moniz devota (1079-31) IV A 4; IV C' 3; cf. VII C
 —Nunes (1112) II F 3
 —Oveques (1119) X E 2
 —Pais (1120-28) VI E 3
 —Sisnandes (1092-11) V B 3
 —Soares «Boa» (1105-11) VII C 2
 —Todereis (1126-43) II E 3
 —Trastemires (1103-23) IV D' 2
 —Viegas (1146-1217/8) IV E 6; VI G
 Emisu Dias (1090) VIII A 2
 —Ermiges (1083) IV C 2
 Enisu Guterres (1140) VIII C 2
 —Trastemires (1114-42) IV D' 5
 Enego Guandilaz (1009-39) III A
 —Pais VI E 3
 —Viegas (1044) IV B 4
 Ermengro (994) III A
 Ermentro Bermudes «Madredona» (1080)
 —VI A 4
 —Gondesendes (1031-57) III B 3; III C 1; VII B
 Ermesenda (a. 1052) VI A 4
 —Dias devota (1113-46) VIII A 3
 —Eroniz (1103) X C 3
 —Gonçalves VI C 2
 —Gondesendes IX A
 —Guterres devota (1140-47) VIII C 1
 —Honoriques (1114) IX B 2
 —Moniz (1074-28) IV C' 2; IV C' 4
 —Odores (1103) IX B 4
 —Odores «Dulce» (1103) III C 2
 —Pais (1061-77) IX B 1
 —Trastemires VI B 3
 —Trastemires (1091-51) IV D' 1
 —Trutesendes (a. 1122) VIII A 3
 —Viegas (1097-66) IV C' 4
 —Vitisciliz «Matreona» (1072) III C 3
 Ermigio Aboazar I B 2; IV B; VI A 2
 —Jeremias (1041) X A 2
 —Mendes (1142?-94) IV D 3
 —Moniz (1085-35) IV D 2
 —Viegas (1043-68) IV C; VI A 2; VIII A
 —Viegas († a. 1165) IV E 8
 —Viegas IV C 4
 Ero Gonçalves (1016) IX A
 —Gonçalves (1103) III D; IX C
 —Moniz (949) IX A
 —Soares (1098) IX B 2; IX
 —Trutesendes I B 4; V A 2
 Estevainha Soares I E 3
 Evenando (909) VII A
 —Guimires (1004-25) VII A
 Fafila Godinhes IV D 3
 —Guandilaz (985) III A
 Farégia Forjaz (1069) II E; VI A 5
 Fernando Afonso VI F
 —Anes da Galiza VI H 1
 —Gonçalves (1026-47) IX B 3
 —Gonçalves (1134-62) IX E
 —Leoderigues (980) III A 3
 —Sandiniz VI B 2
 —Soares (1148) IX D 3

- Fernando Trastemires VI B 2
 —Veilaz (1182-85) IV E 7
 —Vitisciliz (1061-72) III C 2
 Florêncio I B 3
 Froila Cresconis (ant. 1099) VI E
 —Eneguiz (950-991) I A 2; II B
 —Leoderigues (985) III A
 —Osoredos (990-1035) II D; IX A
 Froilo Ermiges IV D 3
 Fromarico Moniz (a. 1071) I B 4; IV A 5; V A
 —Saci, Saze, Salice IX A 2
 —Viegas (1019-55) IX A 2
 Galindo Gonçalves (933-c. 995) I A; III B
 Garcia Eneguiz (1092-09) IV B 4; VI A 2
 —Gonçalves (1049-91) VII B 3; X D
 —Mendes de Mauriz (1119) X E 2
 —Moniz (1043-66) IV A 2
 —Moniz (1095-02?) V B 2
 —Pais (1087-90) III E
 —Pinioliz (1052-83) VI A 4; VII C
 —Pinioliz (1119) VI A 4
 —Trutesendes (1092-12) VI A 4; VII C 2
 —Viegas (1128) V C 2
 Gaudemiro Izilaz (a. 1058) X A 4
 Gil Martins de Riba de Vizela VI H 3
 Godinha Ederonis (1041) VI A 4
 —Eriz (1086-1120) IV C 4
 —Eriz (1122) IX C 1
 —Zalamiz (1069) II D 1
 Godinho Fafilaz de Lanhoso (1141) IV D 3
 —Godemires (1072) III C 3
 —Guimires (1060-75) III C 3
 Godo Eris (960) IX A
 —Moniz (1079) IV A 4; IV C' 3
 —Soares (1047-56) IX B
 —Soares (1099-33) I D; VI E 2
 —Vitisciliz (980) III B 1
 Goia - ver também Godinha
 Goia Mendes (1116-30) IV D 3; VI E 3
 Goldregodo (a. 985) III A
 —Fafilaz (a. 1077) III A
 —Fernandes (1117-21) IX D 3
 —Pais (1122) IV C 1
 Gomes Jeremias abade (1041-58) X A 3
 —Mendes Gedeão I D 4
 —Moniz († 1022) IV A 3
 —Nunes de Pombeiro IV E 1; VI F
 —Pais (1135) X D 2
 —Viegas (1044) IV B 5
 Gonçalves Dias (1049-90?) VIII A 2
 Gonçalves Dias (1113-46) VIII A 3
 —Eriz (1112-22) IX D
 —Eroniz (1103) X C 3
 —Garcia (1091) VII B 3
 —Garcia (1098-45) X D 1
 —Gonçalves VIII C 3
 —Guterres (1042-15) VII B 3; VIII B; X C 1
 —Guterres (1145) VII C 3
 —Mendes «Lidador» (1110-59?) IV E; VI E 3; VIII C 3
 —Mendes da Maia (1068-10) VI D 1
 —Mendes de Sousa (1140-65) IV E 3; IX B 3
 —Moniz (928-981) IX A
 —Nunes (1092) VI A 1
 —Oveques (a. 1113) X F
 —Pais I F
 —Pais Curvo VI F 3
 —Peres VII D 1
 —Raupariz (1041-81) VII B 3; X C
 —Rodrigues da Palmeira IV E 9
 —Trastemires (1034-38) VI C; IX B 1; IX B 2
 —Trastemires (1120-21) IV D' 3
 —Trutesendes (1098-21) VII D; VIII C 3
 —Viegas (1017-57) IX B
 Gondesendo (1080-1112) VI A 4
 —Cendreiro (1122) IX C 1
 —Eriz (947) IX A
 —Leoderigues (a. 985) III A
 —Leoderigues (980) III A 2
 —Soares (a. 1050) IX B
 —Vitisciliz (980) III B 3; VII B
 Gontili Dias (1113) VIII A 3
 —Eneguiz (c. 1098) IV B 4
 Gontinha Gonçalves VI C 3
 —Gonçalves (1179) VIII C 3
 —Guterres (1072) VII B 2; VIII B
 —Guterres (1110-43) VI E 3; VIII C 3
 —Nunes († 1108) II F 4
 —Ramires IV E
 —Soares (a. 1126) II G
 Gontrode Ataniz X C 3
 —Garcia (1030-00) VI A 4; VII C
 —Gonçalves († a. 1114) VI C 5; IX C 2
 —Moniz (1100) VI E
 Guandila Fafilaz (a. 1077) III A
 —Gondesendes (985) III A

- Guandila Leoderigues (a. 985) III A
 Guia Eriz (1112) X D 4
 Guimar Mendes IV D 3
 Guimiro Evenandes (a. 976) VII A
 Guiomar Mendes de Sousa VI H
 Guterre Mendes (1097-17) VIII C
 —Pinioliz (1119) VI A 4
 —Trutesendes (1031-60) III B 3;
 VII B
 —Trutesendes (1103-31) VII C 3
 Honorico Gonçalves (1057-61) VI C 5;
 IX B 2
 —Gondesendes (a. 1050) IX B
 Ildôncia Fromariques (a. 1019) IX A
 —Mendes «Madredulce» (1103) III
 D 1 IX C
 Iluara Cides (1058-1113) VIII A 3; X A 4
 —Olibiz (1103) IV A 2
 Inderquina Mendes «Pala» († ant. 947)
 IX A
 Izila Cristovaliz (984-1011) X A 4
 Janardo Aboazar VI A
 Jeremias (a. 1041) X A
 João Pires da Maia VI H
 —Soares (1170?) I E 2
 —Soares IV D 3
 Ledegúndia Bermudes (1052-83) VI A 4
 —Soares «Tainha» (a. 1065) VI D
 Leoderigo Gondesendes (985-994) III A
 —Vitisciliz († a. 980) III B
 Leonor Viegas IV E; VI D 1
 Loba Sarracins devota (1172-1207) IV D' 5
 Lourenço Viegas «Espadreiro» (1130-60)
 IV E 1
 Lourenza (a. 985) III A
 Lovesendo Aboazar (999) VI A 1
 Lucídio Sarracins (1079) IV A 4; IV C' 3;
 VII C
 Lúcio Sarracins mestre (1172-98) IV D' 5
 Maior Mendes devota (c. 1162-1178) IV
 D 3
 —Mendes da Maia VI D 3
 —Pais - ver Doroteia Pais
 —Pais (1112-61) I D 4
 —Pais I F
 —Peres (1144-47) VII D 1
 Maiorina Florenciz devota (1085-96) I B
 3; IV C' 4
 Maria Anes da Maia VI H 3
 —Garcia (1156) III F
 —Gomes (1132) IV E 1
 —Gonçalves (1102-44) VII D; VIII C 3
 Maria Gonçalves (1122-27) IV C' 4
 —Nunes (1148) IX E
 —Nunes (1149) IV D' 5
 —Pais (1108) II F 4
 —Soares (1172) IX D 3
 Martinho Gonçalves (c. 1121/8) X F 3
 —Moniz (1092-11) V B 3
 —Moniz (1140-49) V C 1
 —Pais «Galego» (1112-35) I D 3
 —Pires da Maia VI G 2
 —Soares de Baguim VI G 3
 Mendo Dias (1059-68) VII C 1; VIII B
 —Eroniz (1091-31) X C 3
 —Fernandes (1128-74) IX F
 —Forjaz I A 2; II B
 —Galindes (1082) I A
 —Gonçalves (c. 1121/8) X F 1
 —Gonçalves (1144-45) VII D 3
 —Gonçalves da Maia (1045-65) IV
 D 3; VI D
 —Gonçalves de Sousa VI H
 —Moniz (1090-54) IV D 3; VI E 3
 —Nunes IV D 3
 —Pais (1108) II F 4
 —Pais (1103-19) III D 1
 —Sarracins (1172) IV D' 5
 —Soares (1098-04) VI E 3
 —Soares (1117-61) IX D 3
 —Trutesendes (1088-13) VII C 1;
 VIII B 4
 —Viegas (1130-37) IV E 4
 —Viegas de Sousa IV D 3; IX B 3
 —Viegas «Tiçom» (1173-74) IX E 2
 Monia Dias (1113-46) VIII A 3
 —Oveques (1119) X E 1
 —Soares (1043-80) X C
 —Toegiz (a. 985) III A
 Monio Ermeriquez ver Monio Ermiges
 —Ermiges (1085-07) IV D; VI A 2
 —Ermiges (1165) IV E 8
 —Ermiges IV D 3
 —Fromariques (1087-95) V B
 —Gonçalves (1126) VII B 3
 —Osores da Cabreira IX E
 —Peres (1087-05) IV B 3
 —Sarracins (1151) VII D 1
 —Trastemires (1120) IV D' 4
 —Viegas (1044-81) I B 3; IV C'; VI
 B 4
 —Viegas (1128-34) V C 1
 —Viegas IV C 4
 —Viegas «Gasco» (1015-22) IV A

- Mumadona Viegas (a. 1050) IX A 3
 Nuno de Celanova (conde) IV D 3
 —Mendes IV D 3
 —Osores - ver Sarracino Osores
 —Pais (1092) III D 4
 —Pais (1108) II F 4
 —Soares de Grijó (a. 1148) IX E
 —Soares «Velho» II F
 Odório Forjaz (1040) II D 2
 Onega Ermiges (1078-05) IV C 5
 —Falconiz IV D' 1
 —Gonçalves (1098-14) VIII C
 —Gonçalves (1179) VIII C 3
 —Pais (1108) II F 4
 —Romariques (1103-48) IX D
 Ordonho Raupario (1097-00) X B 3
 Osoredo Trutesendes (876-930) II A
 —Trutesendes († a. 1035) II C
 —Trutesendes (1004-16) II B 2
 Ouroana IV D
 —Mendes (1141) IV D 3
 —Mendes IV D 3
 —Raimundes (1166-72) V A 2
 —Rodrigues (1140) V C 1
 Oveco Garcia (1103) X E
 Paio Davis († ant. 1101?) VIII B 1
 —Eneguiiz (1114) IV B 4
 —Garcia I D 2
 —Godinhes (a. 1108) II F 4
 —Gonçalves (1047-77) VI C 4; IX B 1
 —Gonçalves (1103-45) IX D 1
 —Guterres (1088) VI D 4
 —Guterres de Tibães IV E
 —Mendes (1119) X E 1
 —Mendes, arcebispo (1118-38) VI E 3
 —Pais «Zapata» (1150-63) VI F 2
 —Peres «Romeu» (1090-10) ID; VI A 2;
 VI E 2
 —Sisnandes I D 2
 —Soares (1097-1129) VI F
 —Soares (1104-25) IV C' 4
 —Soares «Romeu» (1177) I F
 —Vitisciliz (1060-75) III D; IX C 4
 Pala Forjaz devota (1032-64) II D 1
 —Nunes devota (1087-1112) II F 2
 Patrino Eriz (1097-03) III D; IX C 4
 —Galindes I A 2; II B
 —Trutesendes († a. 1021) II B 3
 Pedro Dias (1113-46) VIII A 3
 —Galindes (1082) I A
 —Gonçalves (1145-51) VII D 1
 —Gonçalves de Sousa (1163) IV E 3
 Pedro Pais «Alferes» (1147-69) IV E 6;
 VI G
 —Pais «Katon» (1167) I D 2
 —Pais «Saído» (1112-33) I D 2
 —Oliver (1156) III F
 —Roxo (1128-1140) VI E 3
 —Peres († a. 1064) IV B 3
 —Trutesendes I C; IV B; VI A 2
 —Viegas (1044-70) IV B 3; VI A 4
 —Viegas IV E
 Piniolo (a. 1008) VI A 4
 —Garcia (1069-95) VI A 4
 Raupario Jeremias (1032-41) X B
 Rodrigo Ermiges IV D 3
 —Gonçalves (1145) VII D 4
 —Viegas (1146-56) IV E 7
 Rui Gomes de Briteiros VI H 2
 Sancha Bermudes IV E 5
 —Garcia (1083-98) VI A 4
 —Gonçalves (1179) VIII C 3
 —Henriques de Portocarreiro I F
 —Peres de Bragança (1167-94) IV D 3
 —Pinioliz (1046-64) IV B 3; VI A 4
 —Soares (1156) II G
 —Vitisciliz (a. 980) III B
 Sancho Nunes (1190) IV D 3
 —Nunes IV D 3
 Sandino Soares VI B 2
 —Soares IX A
 Sarracina Soares I B 3
 —Vitisciliz († a. 980) III B
 Sarracino (a. 1079) IV A 4
 —Osores (1106-1140) IV D' 1
 —Viegas «Spina» (1123-65) IV D' 5
 Senda Tedoniz (1154) V C
 Sisnando alvazil V B 3
 —bispo do Porto IV A
 —Dias VI C
 —Olibiz abade (1103) IV A 2
 Socero Bermudes (a. 1114) VII C
 —Eroniz (1103) X C 3
 —Fromariques IV C' 4; IX A 2
 —Galindes VI D
 —Gomes IV D 3
 —Gonçalves (1145-46) VII D 2
 —Gonçalves (c. 1122-35) X F. 2
 —Gondesendes IX A
 —Guterres (1145) VII C 3
 —Mendes (1109-28) VI E 3
 —Mendes o «Bom» (1081-01) I D;
 VI E
 —Mendes o «Grosso» (1128-41) IX D 3

- Nunes (1092-12) II G
- Pais (1103-47) III D 2
- Pais «Mouro» (1130-71) I E; X G
- Peres (1112) IV B 3
- Peres da Maia VI G 3
- Trutesendes († a. 1086) I B 3
- Viegas (1146-65) IV E 5
- Sunemiro Vitisciliz (930) III B 2
- Tegino Guandilaz (985) III A
- Tegio Gondesendes (985) III A
- Teresa (1131) IV C' 4
- Afonso (1134-71) IV E
- Anes da Maia VI H 1
- Anes de Penela II G
- Fernandes do Marnel IX B 3
- Martins de Vizela VI G 2
- Mendes (1170-02) IV D 3
- Nunes IV D 3
- Soares (1115-19) IV D 2
- Toda Álvares (1123) III D 2
- Ermiges (1044-71) I B 2; I C; IV B; VI A 2
- Gonçalves († a. 1047) VI C 4; IX B 1
- Gonçalves (a. 1091) VII B 3; X D
- Moniz (1139) X G
- Odores (1133) I D 2
- Pais (1112) IV B 3
- Viegas IV C 4
- Toderedo Fromariques «Cid» (1040-70) II E; VI A 5
- Toderigo Guandilaz (985) III A
- Toderio Pinioliz (1092) VI A 4
- Tosario Fromariques - ver Toderedo Fromariques
- Toure Çarnão - ver Toderedo Fromariques
- Trastemiro Aboazar (a. 1032) IV C'; VI B
- Moniz (1090-92) IV D'; VI A 2
- Nunes (1092) VI A 1
- Trastina García «Vitadona» (1032-90) VI A 4
- Pinioliz (1008-46) VI A 4
- «Trastalo» (950-991) I A 2; II B
- Truili Davidiz (909) VII A
- Trutesendo Aboazar (1036) VI A 5; cf. Toderedo Fromariques
- Dias (1060-77) VIII A 3
- Dias (1109-46) VIII A 3
- Galindes (994-c. 1004) I B
- Guimires (c. 976-1027) II B; VII A; VIII A
- Guterres (1030-1109) VI A 4; VII C
- Guterres (1102-14) IV C' 3
- Guterres (1145) VII C 3
- Osoredos (924-995) II B
- Tutadona Vitisciliz († a. 980) III B
- Unisco Dias (1077-78) VIII A 1
- Fernandes VI C
- Godinhes (978) VI A
- Gonçalves (1084) X C 3
- Mendes (1072-15) VII C 1; VIII B 4
- Mendes devota (986-1032) I A 2; II B
- Pais IV C
- Sisnandes (1045) VI C; IX B 2
- Trastemires (1045-81) IV C'; VI B 4
- Viegas (1100-03) IV C 4
- Urraca Ermiges († 1248) IV D 3
- Gonçalves do Marnel IX B 3
- Mendes de Bragança (1146-71) I E; X G
- Teles (a. 1110) VI D 1
- Viegas (1156-1218) IV E 9
- Vasco Sanches (conde) IV E 9
- Veila Rodrigues (1163-77) IV E 7
- Vimara Moniz (999) VI A 1
- Viscivara Cristovaliz «Zai» (1044) X A 4
- Vistraios Osoredos (930) II A
- Vistregia (938) I A
- (1036) VI A 5; cf. Faregia Forjaz
- Galindes (980-1033) I A 1; III B
- Guandilaz (985) III A
- Vitiscilo Leoderigues (980) III B; VIII A
- Vitisciliz (1020) III C
- Vivili Ermiges (c. 1083) IV C 1
- Trutesendes (1015) I B 2; VI A 2
- Viegas devota (1044-80) IV B 6; IV C 1
- Ximena VI B 2
- Fromariques (1118) V A 2
- Osoredos (1035) II C 1
- Pais VI F 3
- Zalama Arianiz (1069) II D 1
- Zepon Guandilaz (985) III A
- Zoveda Gondesendes (985) III A

LA LAUDA SEPULCRAL DEL ARZOBISPO DE TARRAGONA PERE SAGARRIGA

En el Museo Marés, de Barcelona, figura desde fines del año 1963 la lauda sepulcral de un arzobispo de Tarragona, Pere de Sagarriga, después de haber pasado por las manos de varios anticuarios y de haber estado, incluso, entre las piezas de la colección de D. José Lázaro, de Madrid¹.

Esta lauda de cobre tiene una interesante inscripción que corre por su borde exterior; el texto es el siguiente: «Hic iacet reverendissimus in Christo / pater et dominus Petrus de Çagarrigua, bone memorie archiepiscopus Tarrachonensis, qui obiit in civitate Barchinone ultima / die decembris anno a nativitate / Domini M CCCC XVIII, qui huic ecclesie multa bona contulit, cuius anima requiescat in pace. Amen. Amen». Gracias a este epitafio conocemos la identidad del personaje que estuvo enterrado bajo la lauda, y también el lugar y la fecha de su muerte. El P. Villanueva añade que murió con grande opinión de santidad².

Transcurridos unos años, en agosto de 1425, su cadáver, que se halló entero, fue llevado de Barcelona a Tarragona, donde su sucesor Dalmau de Mur celebraba concilio provincial. Allí, después de solemnes funerales, recibió sepultura en el pavimento del claustro de la catedral, delante de la puerta de entrada a la iglesia, bajo esta lauda metálica³. Según el Necrologio de dicha catedral, el arzobispo había instituido en su testamento, otorgado en Barcelona el 10 de setiembre 1418, la celebración de una misa cotidiana mientras se cantaba la misa mayor, y la fiesta de la fimbria u orla del vestido de Jesús; además regaló a su catedral una imagen de plata representando a Santa Tecla, la patrona de Tarragona, que llevaba la fimbria en la mano⁴.

La figura yacente del arzobispo, vestido de pontifical y apoyando la cabeza en un cojín, está grabada en la parte central de la placa, la más afec-

¹ Esauvo en esta colección antes de 1960. Noticia que agradecemos a Amadeu Soberanas Lleó.

² La inscripción ha sido publicada muchas veces: Jaime VILLANUEVA, *Viage literario a las iglesias de España*, XX, Madrid, 1851, págs. 11-12; Emili MORERA LLAURADÓ, *Provincia de Tarragona*, «Geografía General de Catalunya» dirigida por Francesch CARRERAS CANDI, Barcelona s. a., pág. 275, n. 137; Josep BLANCH, *Archiepiscopologi de la Santa Església Metropolitana i Primada de Tarragona*, Transcripció i prologació de Joaquim ICART, Agrupació de Bibliòfils de Tarragona, 1951, pág. 99; José SÁNCHEZ REAL, *El Archiepiscopologio de Luis Pons de Icart*, Tarragona, 1954, pág. 143.

³ Marià MARÍ, *Nomina et actus archiepiscoporum Tarraconensium...* lib. III, págs. 10-17 (manuscrito del Archivo Histórico Archidiceano de Tarragona que nos ha sido indicado por A. Soberanas Lleó); Bonaventura HERNÁNDEZ SANAHUJA y José M.ª de TORRES, *Indicador arqueológico de Tarragona*, Tarragona, 1867, pág. 65; J. BLANCH, *Archiepiscopologi*, pág. 99.

⁴ Cuando el arzobispo fue a Roma por asuntos del Cisma, el emperador de Constantinopla le regaló la reliquia. La donación de la misma a la catedral de Tarragona lleva la fecha de 11 de marzo de 1417 (SÁNCHEZ REAL, *Archiepiscopologi*, pág. 142 y VILLANUEVA, *Viage literario*, XX, pág. 12). BLANCH, *Archiepiscopologi*, pág. 98, indica la fecha del testamento.